

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

FACULDADE DE ARTES E LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS



**A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO:
UMA COMUNIDADE DE LEITORES**

CLÁUDIA MADALENA CRAVO JORGE

Covilhã

JUNHO

2010

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

FACULDADE DE ARTES E LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO:
UMA COMUNIDADE DE LEITORES**

CLÁUDIA MADALENA CRAVO JORGE

Covilhã

JUNHO

2010

Dissertação em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários apresentada à Universidade da Beira Interior, elaborada por Cláudia Madalena Cravo Jorge sob a orientação da Professora Doutora Maria da Graça Guilherme D'Almeida Sardinha, para obtenção do Grau de Mestre (2.º ciclo).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à Professora Doutora Maria da Graça Sardinha pela orientação preciosa e incentivo que me tem dado.

A todos os amigos, a todos os funcionários da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, a toda a família por sempre me terem apoiado, e muito especialmente a todos aqueles que me procuram na Biblioteca Municipal de Castelo Branco, que sentem em mim uma mediadora em leitura capaz de contribuir para a sua formação.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, Joaquim Morão, por toda a confiança que sempre depositou em mim.

À minha família: ao meu marido e à minha filha, pelo colorido e alegria que conferem à minha vida e ainda pela compreensão, disponibilidade e carinho ilimitados.

Aos meus pais e irmão pela minha formação e por nunca terem deixado de acreditar em mim.

RESUMO

Após uma reflexão sobre a leitura e os projectos que a promovem junto das populações, apresentamos um projecto intitulado “Ler a Dois” que tem como objectivo trazer, à Biblioteca Municipal de Castelo Branco, crianças e adultos.

Os dados conseguidos e posteriormente interpretados conferem-nos um olhar que nos permitirá, enquanto mediadores, fazer cada vez mais da Biblioteca um espaço de diálogo, de cultura, com uma identidade cada vez mais forte.

SUMMARY

After a reflection on the reading and projects that promote to the population, present a project entitled "Ler a Dois" which aims to bring, to the Library of Castelo Branco, children and adults.

The data obtained and interpreted later give us a look that will allow us, as mediators, to make the library more space for dialogue, culture, identity with an increasingly strong.

RESUMEN

Después de una reflexión sobre la lectura y proyectos que promuevan a la población, presente un proyecto titulado " Ler a Dois ", que pretende acercar, a la Biblioteca de Castelo Branco, los niños y adultos.

Los datos obtenidos e interpretados más tarde nos dan una mirada que nos permitirá, como mediadores, para dejar espacio a la biblioteca más para el diálogo, la cultura, la identidad con una cada vez más fuerte.

ÍNDICE GERAL

	Página
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Summary	iv
Resumen.....	iv
Introdução	
Pertinência de Estudo.....	3
Capítulo I – Promoção da Leitura	
1.1 – Das Bibliotecas aos Projectos.....	7
1.2 – A Leitura : Do conceito aos modelos que as explicam.....	10
1.3 – Modelos de Leitura.....	13
1.3.1- Modelo Ascendente	13
1.3.2- Modelo Descendente.....	15
1.3.3- Modelo Interactivo.....	17
1.3.4- Modelo Interactivo Compensatório.....	18
1.3.5- Modelo de compreensão consensual – Modelo de Giasson...	20
1.4 – O Leitor	22
1.5 – A sociedade e o leitor	23
2 – Mediadores de Leitura	25
3 – Do mediador ao percurso do leitor.....	28
4 – Comunidades de leitores.....	31
Capítulo II – Da Literatura Infantil ao Desenvolvimento do Imaginário	
2.1 – Da literatura infanto-juvenil aos textos de recepção leitora.....	34
2.2 – Cidadania, imaginário e literatura de recepção infanto-juvenil.....	36
Capítulo III – Castelo Branco e a Biblioteca Municipal	
3.1 – Breve Caracterização do concelho de Castelo Branco	40
3.2 – A Biblioteca Municipal de Castelo Branco.....	41
3.2.1 – Resenha Histórica	41
3.2.2 – Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian.....	46
3.2.3 – Rede Nacional de Bibliotecas Públicas	46
3.2.4 – Processo de transição para a nova Biblioteca	49
3.3 – O edifício	49

3.3.1 – Piso 0	50
3.3.2 – Piso 1	51
3.3.3 – Piso 2	53
3.3.4 – Piso 3	54
3.3.5 – Piso -1.....	54
3.4 - Espólio	54
3.5 – Serviços	57
3.6 – Actividades de promoção da leitura	60
3.6.1 – Público Infantil e Juvenil	61
3.6.2 – Público Adulto	62
3.7 – Recursos Humanos	64
3.8 – Utilizadores	64
Capítulo IV – PARTE PRÁTICA – Ler a Dois	
4.1 – Projecto “Ler a dois” -Apresentação.....	67
4.1.1 – Intervenientes no projecto	67
4.1.2 – Objectivos do Projecto	67
4.1.3 – Contextos	68
4.1.4 – Tempos	68
4.2 – Actividades	69
Conclusão	86
Referências Bibliográficas.....	89
Anexos	

Índice de Anexos

Anexos n.º 1	II
Anexos n.º 2	V
Anexos n.º 3	VII
Anexos n.º 4	X
Anexos n.º 5	XII
Anexos n.º 6	XIV
Anexos n.º 7	XVII
Anexos n.º 8	XIX
Anexos n.º 9	XXI
Anexos n.º 10	XXIII

Anexos n.º 11.....	XXXII
Anexos n.º 12.....	XXXIV
Anexos n.º 13.....	XXXVI
Anexos n.º 14.....	XXXVIII
Anexos n.º 15.....	XLV
Anexos n.º 16.....	XLVII
Anexos n.º 17.....	LV
Anexos n.º 18.....	LVIII
Anexos n.º 19.....	LXV
Anexos n.º 20.....	LXXII
Anexos n.º 21.....	LXXIX
Anexos n.º 22.....	LXXXVII
Anexos n.º 23.....	XCIII
Anexos n.º 24.....	XCIX

Índice de Quadros

Quadro n.º 1 – Desenvolvimento da Personalidade e da leitura.....	29
Quadro n.º 2 – Presenças – 1ª sessão.....	70
Quadro n.º 3 – Habilitações Literárias – 1ª sessão.....	71
Quadro n.º 4 – Presenças – 2ª sessão.....	73
Quadro n.º 5 – Habilitações Literárias – 2ª sessão.....	74
Quadro n.º 6 – Presenças – 3ª sessão.....	76
Quadro n.º 7 – Habilitações Literárias – 3ª sessão.....	76
Quadro n.º 8 – Presenças – 4ª sessão.....	78
Quadro n.º 9 – Habilitações Literárias – 4ª sessão.....	79
Quadro n.º 10 – Presenças – 5ª sessão.....	80
Quadro n.º 11 – Habilitações Literárias – 5ª sessão.....	81
Quadro n.º 12 – Presenças – 6ª sessão.....	82
Quadro n.º 13 – Habilitações Literárias – 6ª sessão.....	83
Quadro n.º 14 – Presenças – 7ª sessão.....	84
Quadro n.º 15 – Habilitações Literárias – 7ª sessão.....	85

Índice de Figuras

Figura n.º 1 – Modelo Ascendente de Gough.....	14
Figura n.º 2 – Modelo Descendente de Goodman.....	16
Figura n.º 3 – Modelo Interactivo de Rumelhart.....	17
Figura n.º 4 – Modelo Interactivo de Ellis	18
Figura n.º 5 – Produtos e processos no acto de ler.....	19
Figura n.º 6 – Modelo Contemporâneo da compreensão da leitura.....	20
Figura n.º 7 – Tipos possíveis de relação entre as variáveis leitor, texto e contexto.....	21
Figura n.º 8 – Componentes da variável do leitor.....	23
Figura n.º 9 – Fachada da Biblioteca Municipal de Castelo Branco.....	50
Figura n.º 10 – Preçário	60

Índice de Gráficos

Gráfico n.º 1 – Evolução do espólio	55
Gráfico n.º 2 – Empréstimos ano 2007	58
Gráfico n.º 3 – Empréstimos ano 2008	58
Gráfico n.º 4 – Empréstimos ano 2009	58
Gráfico n.º 5 - Utilizadores de Internet	59
Gráfico n.º 6 – Participação das crianças nas actividades.....	62

SIMPLESMENTE LER...

Ler...

Ler sempre.

Ler muito.

Ler "quase tudo".

Ler com os olhos, os ouvidos, com o tacto, pelos poros e demais sentidos.

Ler com razão e sensibilidade.

Ler desejos, o tempo, o som do silêncio e do vento.

Ler imagens, paisagens, viagens.

Ler verdades e mentiras.

Ler o fracasso, o sucesso, o ilegível, o impensável, as entrelinhas.

Ler na escola, em casa, no campo, na estrada, em qualquer lugar.

Ler a vida e a morte.

Saber ser leitor, tendo o direito de saber ler.

Ler simplesmente ler.

Edith Chacon Theodoro¹

¹ Professora

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O presente estudo insere-se no plano de estudos do Mestrado em Estudos Didáticos, Linguísticos, Literários e Culturais, na Universidade da Beira Interior, sob a orientação da Professora Doutora Maria da Graça D’Almeida Sardinha.

Este estudo tem como propósito reflectir sobre os contributos que a Biblioteca Municipal de Castelo Branco, enquanto instituição promotora da leitura, no caso concreto da criação de uma comunidade de leitores, entre pais e filhos, tem contribuído para a promoção social da leitura.

De facto, uma das principais motivações para a elaboração desta dissertação prende-se com a situação desfavorável em relação à leitura e com a falta de actividades de promoção da mesma, que esta biblioteca em tempos idos, não promovia de forma eficaz.

Cada vez mais a população demonstra falta de hábitos de leitura, tanto na família, como também na escola, mas enquanto o público infantil é de algum modo resgatado, sentimos, no nosso quotidiano, que as famílias não têm aderido aos projectos da biblioteca como nós gostaríamos.

Entendemos que o trabalho com as famílias, núcleo de primeira socialização, assume um papel fundamental, logo interventivo em qualquer agente de literacia, neste caso a nossa biblioteca.

Por isso, cabe à Biblioteca Municipal de Castelo Branco, como promotora e mediadora da leitura, combater a ausência de hábitos de leitura, criando comunidades de leitores entre adultos e crianças, tentando, desde logo, envolver as famílias.

Assim, numa primeira fase desta dissertação, iremos falar sobre a promoção da leitura, o que é a leitura, quem é o leitor e a interacção entre a sociedade e o leitor, porque embora sobre a leitura se fale tanto nos tempos que correm, os níveis de literacia e de leitura dos portugueses continuam a estar abaixo dos níveis pretendidos em relação à Europa.²

Após esta abordagem, falaremos acerca dos mediadores de leitura, sobre a literatura infantil e juvenil e a sua importância para o desenvolvimento das crianças e

² Segundo o estudo PISA 2000 (Programa Internacional de Avaliação de Estudante, é um esforço colaborativo entre os países-membros da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económicos) para medir até que ponto jovens de 15 anos – próximos, portanto, do final da escolaridade obrigatória – estão preparados para enfrentar os desafios de conhecimento das sociedades de hoje.)

adolescentes. Propomo-nos ainda contextualizar o espaço da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, bem como todas as suas áreas de serviços e todas as actividades de promoção e animação da leitura. De seguida, falaremos do projecto “Ler a Dois”, definindo os intervenientes, objectivos, contextos e tempos do projecto, desenvolvimento e avaliação das actividades.

Entendemos que, enquanto mediadores de leitura e com responsabilidades numa instituição como a nossa, o estudo acerca da leitura, cujo conceito tem vindo a alterar-se a par das práticas daí decorrentes, implica uma reflexão profunda. Não se pode ser um mediador eficaz se não se conhecerem estas mudanças, os ambientes socioculturais que as provocaram e as consequências daí advindas. Cremos que estar numa biblioteca como a de Castelo Branco é uma responsabilidade acrescida no que concerne às práticas de cidadania. Ora a leitura, os hábitos de leitura não podem alhear-se de quem se quer “construir” como verdadeiro cidadão responsável e interveniente na sociedade deste novo século. Mas, os leitores não nascem. Os leitores fazem-se.

Assim, os agentes da literacia, como a escola e as bibliotecas são, sem dúvida, os lugares de excelência de promoção da leitura.

É nesta perspectiva que nasce a nossa dissertação. Após construirmos uma componente teórica sobre a leitura, como já afirmámos, tentaremos apresentar a nossa comunidade de leitores, cujo objectivo principal é promover hábitos de leitura.

Neste âmbito, várias são as inquietações que nos assaltam e muitas são as perguntas para as quais este trabalho tentará fornecer soluções.

Poderemos considerar a Biblioteca Municipal de Castelo Branco, espaço de excelência, de encontro de gerações, de formação de novos leitores e formação de mediadores? Nesse sentido que processos utilizar? Que actividades promover?

Estas são as grandes questões para as quais tentaremos respostas.

Quanto aos objectivos mais específicos, enquadram-se nos seguintes parâmetros:

- Criar uma comunidade de leitores;
- Promover e estimular o gosto pela leitura;
- Apresentar a Biblioteca como um recurso fundamental ao serviço da leitura e de toda a comunidade;
- Formar leitores autónomos, competentes, capazes de avaliar criticamente o que lêem.

- Trazer as famílias à Biblioteca, no sentido de se tornarem verdadeiros mediadores da leitura.

CAPÍTULO I

PROMOÇÃO DA LEITURA

CAPÍTULO I: PROMOÇÃO DA LEITURA

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel activo na sociedade. A participação construtivista e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

(...) os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos na base da igualdade de acesso para todos, sem distinção da idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. As colecções e os serviços devem ser isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa e de pressões comerciais.

(Unesco, 1994).

1.1 - DAS BIBLIOTECAS AOS PROJECTOS

O objectivo principal da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, bem como o de todas as bibliotecas públicas, é levar a informação e a cultura a um maior número de pessoas possível, principalmente, a crianças e jovens.

A biblioteca deve disponibilizar um conjunto de serviços que ultrapassem o âmbito do espaço físico, viabilizando a simples função de permitir o acesso livre ao seu acervo bibliográfico. Mas, para isso necessita obviamente de um conjunto de pessoas com formação adequada.

Actualmente, as bibliotecas públicas desenvolvem projectos junto da comunidade geral e da comunidade escolar, sobretudo junto das populações mais novas, as quais parecem estar a adquirir hábitos de leitura. Todavia, muito ainda há por fazer uma vez que o projecto destas bibliotecas é bastante recente no nosso país. Não cabe neste estudo uma visão recuada no tempo sobre o aparecimento das bibliotecas. Apenas iremos reflectir sobre o momento actual.

Prole (2006) refere que os projectos de promoção da leitura respondem a um duplo desafio: a criação de hábitos de leitura e o desenvolvimento de competências de compreensão leitora, devendo estes estar inseridos no próprio processo educativo da aprendizagem leitora, quando desenvolvidas em contexto escolar. Nesse sentido, também cabe à biblioteca pública o estabelecimento de ponte com as escolas, dinamizando projectos que promovam o ensino e desenvolvimento das competências leitoras dos alunos.

Mas, qual é o pilar principal da promoção da leitura?

Como refere Poslaniec (2005), em relação aos leitores considerados activos, as bibliotecas podem perfeitamente ser passivas, isto porque, para quem gosta de ler conhece o livro. Logo, os sujeitos que se deslocam até à biblioteca, sendo já leitores e activos em relação aos livros, movimentando-se, por isso, na direcção deles, não necessitam que se promova a leitura junto deles.

Porém, se as crianças não gostam de ler, comportam-se, obviamente, de uma maneira passiva em relação aos livros. Que fazer, então, com elas?

Uma das soluções possíveis que Poslaniec (2005), já citado, aponta é fazer deslocar a biblioteca para junto destas crianças. Por isso, cada vez mais as bibliotecas têm actividades de promoção e animação da leitura, onde se pode constatar que aquelas crianças que não gostam de ler, vão-se movimentando gradualmente em direcção aos livros, até ao dia em que se tornam frequentadoras activas da biblioteca.

Por isso, “os serviços da biblioteca devem ser adoptados às diferentes necessidades das comunidades das zonas urbanas e rurais”, como tem enfatizado a Unesco (1994), uma vez que cada zona é diferente da outra, necessitando de estímulos diferentes.

Segundo Neves (2007), considera-se a promoção da leitura como uma área de intervenção específica, relativamente autónoma em franco desenvolvimento, na qual se cruzam diversos sectores, especialmente o da educação e da cultura.

No caso concreto da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, a promoção da leitura surge ligada ao sector da cultura, onde existe uma política de alargamento do acesso aos diversos suportes de leitura, bem como o surgimento de actividades de animação e promoção da leitura.

Um dos principais objectivos de promoção da leitura é aproximar os potenciais leitores de todos os suportes de leitura, tornando-os, assim, em leitores activos. Neste cenário, a Biblioteca Municipal de Castelo Branco tenta formar leitores e diminuir os níveis de iliteracia.

Para além de todos os projectos de promoção da leitura, como por exemplo: a hora do conto, ateliês de leitura e escrita, entre outros, surgem outros projectos, através dos quais se podem “repestar” antigos leitores e formar novos leitores, sendo estes:

- Plano Nacional de Promoção da Leitura (PNPL) – responsabilidade do organismo do Ministério da Cultura que tutela o sector do livro e das bibliotecas;
- Plano Nacional de Leitura (PNL) – responsabilidade do Ministério da Educação;
- Casa da Leitura – responsabilidade da Fundação Calouste Gulbenkian.

O Plano Nacional de Promoção de Leitura, da responsabilidade da Direcção Geral do Livro e da Biblioteca, tem como objectivo principal criar, promover e consolidar os hábitos de leitura, tendo sempre a preocupação de começar desde a tenra idade.

O Programa Nacional de Promoção da Leitura, que se desenvolve desde 1997, tem por objectivo criar e consolidar os hábitos da leitura dos portugueses os hábitos da leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infanto-juvenil, através do projectos e acções de difusão do livro e promoção da leitura, que cobrem toda o território.

(Neves, 2007:69)

Nesse sentido, a Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas tem diversas actividades de promoção da leitura com Bibliotecas Municipais, com a Direcção Geral dos Serviços Prisionais, onde desenvolve acções de promoção da leitura junto dos estabelecimentos prisionais.

Este programa encontra-se também responsável em produzir materiais e exposições acerca de datas comemorativas e divulgá-las junto das instituições parceiras.

Desde o ano de 2007, o Programa de Acções de promoção da leitura encontra-se directamente ligado ao Plano Nacional de Leitura. Com efeito, temos tentado “abraçar” todos os projectos nacionais e locais.

No ano de 2006, é criado o Plano Nacional de Leitura. Este projecto é coordenado pelo Ministério da Educação, mas em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministério dos Assuntos Parlamentares.

O Plano Nacional de Leitura é uma iniciativa do XVII Governo Constitucional que pretende constituir uma resposta institucional à preocupação pelos níveis da literacia da população em geral e em particular dos jovens, significativamente inferiores à média europeia. Concretiza-se num conjunto de estratégias destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre população escolar.

(Resolução do Conselho de Ministros n.º 86/2006 de 12 de Julho)

Os principais objectivos do Plano Nacional de Leitura são:

- Alargar e diversificar as acções promotoras da leitura em contexto escolar, na família e em outros contextos sociais (hospitais, prisões...);
- Contribuir para um ambiente favorável à leitura;
- Assegurar a formação necessária para os técnicos;
- Inventar e otimizar recursos e competências para a leitura e escrita;
- Criar e manter o sistema de informação.

Por último, surge o projecto da Casa da Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian.

A Fundação Calouste Gulbenkian encontra-se intimamente ligada à área da promoção da leitura.

A Casa da Leitura é um portal on-line, onde se encontram disponíveis documentos teóricos e práticos, através dos quais se consegue criar uma rede de promotores da leitura.

A Casa da Leitura nos seus distintos níveis de leitura, oferece não apenas a recensão de mais de 750 títulos de literatura para a infância e juventude, organizados segundo faixas etárias e temas, com actualizações periódica semanal, como desenvolve temas, biografias e bibliografias. Tudo dirigido preferencialmente a pais, educadores, professores, bibliotecários, enfim mediadores de leitores. Em simultâneo, responde às dúvidas mais comuns sugerindo um conjunto de práticas destinadas às famílias e aos mediadores.

(Neves, 2007:70)

Concluimos, que estes três projectos de promoção da leitura têm como objectivos principais e idênticos: a promoção da leitura e os seus níveis de competência bem como as práticas da leitura.

1.2 – A LEITURA: DO CONCEITO AOS MODELOS QUE A EXPLICAM

A leitura não é apenas o reconhecimento de uns sons, de umas sílabas, ou de umas palavras no conjunto de um texto: as palavras podem significar coisas muito diferentes que somente um leitor competente saberá ler em cada momento.

(Cerrillo, 2006:33)

Para Cerrillo (2006) a leitura é uma actividade bastante complexa, a qual permite desenvolver a cognição, a compreensão através do pensamento e da memória. Assim, o leitor poderá interpretar e compreender as mensagens, conferindo-lhes a sua opinião própria.

Cerrillo (2006), diz-nos que a leitura se encontra em mudança, sendo que o que irá afectar directamente a qualidade da leitura, é o que se lê, e não o quanto se lê.

Um leitor que consegue ler todo o tipo de textos, reflectir e discutir sobre eles, é considerado um leitor activo, que lê pelo prazer de ler.

Todavia, um leitor que apenas procura a leitura para procurar uma informação, para estudar, para saber como funciona um electrodoméstico, este individuo utiliza uma leitura instrumental, sendo assim um leitor limitado e sem opinião critica. Nessa perspectiva a sociedade tem um papel preponderante no combate aos “leitores limitados”, devendo ser interventiva na promoção da leitura, da mesma maneira que

promove outras temáticas (saúde, trânsito). Parece ser desta maneira que se pode reeducar o leitor.

A leitura está sem dúvida na ordem do dia.

Mas afinal, o que é a leitura?

Segundo a definição do dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, ler é: “acto ou efeito de ler; o que se lê; arte de ler; conhecimentos adquiridos pela leitura.”

Para Giasson (1993) a leitura separada do seu contexto perde grande parte do seu significado, isto é, a interacção entre a leitura, o contexto e outros factores é que permitem o desenvolvimento da leitura, ou seja esta autora vê na definição da leitura uma interacção permanente entre o texto, o sujeito e os contextos.

Para a autora, o leitor cria o sentido do texto, utilizando-o com os seus próprios conhecimentos e intenção de leitura. Sem leitor parece não ser possível a concretização do texto enquanto tal.

Segundo Morais (1997), a leitura é um processo que interpreta os estímulos sensoriais. A esta interpretação chamamos-lhe percepção. O investigador refere que quando se fala em leitura se costuma confundir a capacidade da leitura com os objectivos e o desempenho desta, resultando esta do sucesso da actividade da mesma.

A actividade da leitura é o conjunto dos acontecimentos, que se passam no cérebro e no sistema cognitivo que o cérebro suporta, bem como os órgãos sensoriais e motores.

(Morais, 1997: 110)

Ao leitor é atribuído um papel muito importante, pois este ao entender o texto escrito e retirar algo dele, encontra-se com os objectivos da leitura.

Mialaret (1997) define quatro aspectos na leitura.

- 1 – Técnica de decifração;
- 2 – Saber ler é compreender;
- 3 – Saber ler é julgar;
- 4 – Todo o homem que gosta de ler é um homem “salvo”.

Segundo Cruz (2007) a leitura assume-se como um processo onde o leitor obtém toda a informação, a partir dos símbolos escritos, que terá de dominar para que consiga alcançar o seu significado.

Poderá dizer-se que a leitura é uma actividade cognitiva complexa, onde existem vários processos psicológicos começando pelo estímulo visual e terminando com a leitura e compreensão do texto.

Em paralelo a esta definição encontra-se Rebelo, cit. por Cruz (2007), onde define que ler envolve quatro tipos de processos, sendo estes:

O conhecimento do código escrito e a sua especificidade em relação ao código oral; o domínio do acto léxico visual; a existência de conhecimentos conceptuais e linguísticos; e a construção de significações a partir de índices visuais.

(Cruz, 2007:45)

Amor (1993) destaca o carácter produtivo e global da leitura, visto que a leitura foi durante muito tempo entendida como “uma prática de base perceptiva” incluindo a apreensão elementar, a construção do significado e a equiparação do conteúdo do texto. A autora diz-nos que a leitura será um resultado do jogo de uma diversidade de factores ao nível do material a ser lido, do leitor e da situação de leitura.

Chavveau, Rogovas-Chaveau & Martins cit. por Cruz (2007:45) referem que a leitura envolve 8 operações cognitivas sendo estas:

- identificar o suporte e o tipo de escrita; interrogar o conteúdo do texto; explorar uma quantidade de escrito portadora de sentido; identificar formas gráficas; reconhecer globalmente as palavras; antecipar elementos sintácticos e semânticos; organizar logicamente os elementos identificados; e reconstituir o enunciado e memorizar o conjunto de informações semânticas.

(Cruz, 2007: 45)

Sim-Sim (1997) entende a leitura como um processo interactivo “entre o leitor e o texto, através do qual o primeiro reconstrói o segundo”, assim perspectiva-se uma actualização constante do texto com base nas experiências e capacidades de quem lê.

Poderá dizer-se que a leitura é um processo holístico, onde todas as etapas interagem entre si, permitindo assim, tanto ao leitor, como aos funcionários da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, o aumento do vocabulário, a evolução da leitura e da escrita, crescendo estes assim, em todos os sentidos, pois como já referimos, sentimos que na nossa biblioteca as práticas de leitura deverão existir numa óptica da transversalidade.

1.3– MODELOS DE LEITURA

A importância da leitura enquanto actividade cognitiva é de tal ordem, que uma parte importante da história da psicologia como ciência e como ciência cognitiva se desenvolveu em torno da investigação sobre a leitura.

(Cruz, 2007: 81)

Ao longo das últimas décadas, a complexidade do processo de leitura suscitou interesse por parte de alguns investigadores, que tentam descrever os mecanismos inerentes ao processo de leitura, bem como a maneira como estes se enquadram no acto de ler.

Segundo Cruz (2007), foi nos anos 70 que surgiram investigadores que colocaram em causa os modelos de leitura tradicionais, tentando centralizar-se na análise das operações e estratégias implicadas no acto de ler.

Surgiram novos modelos de leitura divergentes quanto aos elementos que integram, começando por ser modelos de processamento linear de informação idênticos aos modelos informáticos da época. Depois passaram a ser modelos interactivos, passando depois a ser modelos interactivos compensatórios.

Iremos salientar, de uma maneira geral, os principais modelos teóricos de leitura, os quais irão reflectir os diversos conceitos de leitura e diferentes métodos de aprendizagem da leitura.

1.3.1 – Modelo Ascendente (De baixo para cima, Bottom-Up)

Os modelos ascendentes são propostos por Gough(1972) e por Laberge e Samuels (1974).

Segundo Martins e Niza (1998) cit. por Cruz (2007:83)

Os modelos ascendentes ou de baixo para cima (bottom-up) concebem o processo de leitura como uma série de estádios distintos e lineares, nos quais a informação passa de um para outro de acordo com um sistema de adição e recodificação.

Cruz (2007:83)

Durante a leitura, existe um percurso linear e hierarquizado, indo de processos psicológicos primários (juntar letras) a processos cognitivos de ordem superior (produção de sentido).

Uma outra ideia importante relativamente a estes modelos, é a de que eles se suportam na ideia de que a linguagem escrita corresponde à codificação da

linguagem oral, não sendo a leitura mais do que a capacidade para traduzir mensagens escritas nas suas equivalentes orais.

(Cruz, 2007:85)

Os modelos ascendentes surgiram nos anos 70, tendo sido Gough o principal impulsionador. Gough elaborou “um modelo onde se encontram todos os processos intermédios entre o texto e o seu significado.” (Cruz, 2007:85)

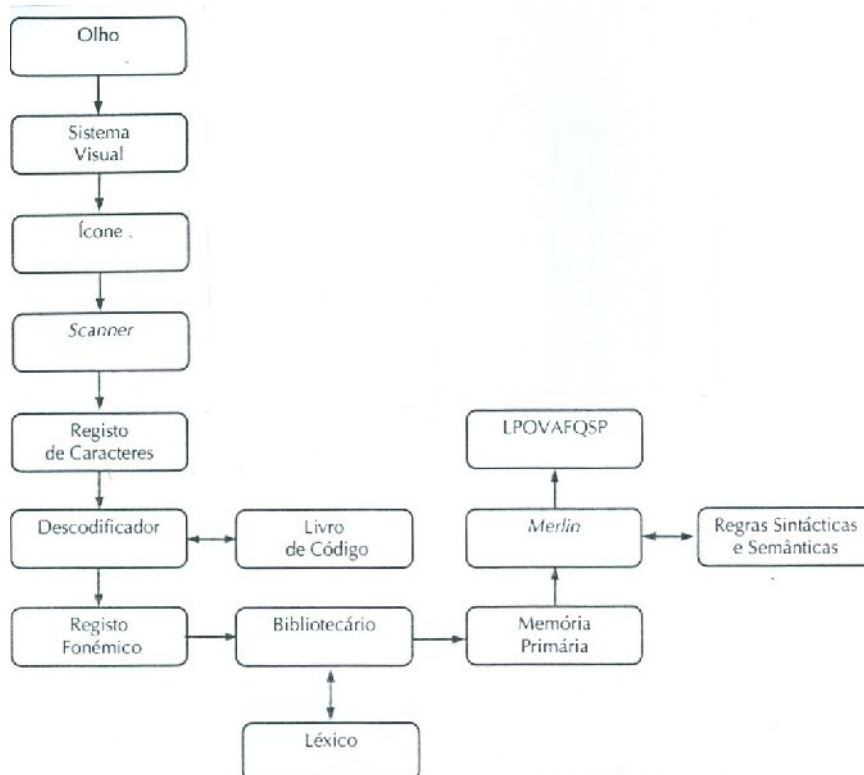


Figura n.º 1 – Modelo Ascendente de Gough (Vaz, 1998:39, cit. Cruz, 2007:86)

Neste diagrama encontra-se sintetizado o processo da leitura. Segundo Cruz (2007:85), o processo de leitura encontra-se descrita da seguinte maneira:

- O processo de leitura começa com a fixação dos olhos nas primeiras 15 a 20 letras impressas, dando origem a uma imagem;
- A imagem formada é uma representação do estímulo visual ou ícone, que permanece na memória sob a forma de imagem icónica, e é constituída por traços, curvas, ângulos, etc;
- De seguida, graças à actuação de um scanner, ou explorador de imagem, é realizada a reconhecimento das letras da esquerda para a direita;
- As letras identificadas através deste processo passam então para o registo de caracteres;
- Neste registo de caracteres as letras identificadas são tratadas por um descodificador, que utiliza as regras da correspondência grafema - fonema, armazenadas num livro de código, para converter os grafemas em fonemas, os quais são representações abstractas dos sons da linguagem;
- Os fonemas são armazenados temporariamente no gravado fonémico;

- De seguida, através do bibliotecário, ocorre uma pesquisa lexical que permite a transformação das representações fonémicas abstractas em palavras;
- Contendo as suas significações fonológicas, sintácticas e semânticas, as palavras são guardadas na memória a curto prazo, até que as diferentes palavras possam ser organizadas em frases;
- De seguida, um mecanismo chamado merlin apreende a estrutura profunda da sequência de palavras armazenadas na memória de curto prazo e dá sentido à frase;
- Se este mecanismo for bem sucedido, ou seja, se a compreensão for alcançada, então os resultados serão colocados no LPOVAFQSP (lugar onde vão as frases quando são percebidas, TPWSGWTAU (the place where sentences go when they are understood) no original);
- Por fim, as regras fonológicas são aplicadas pelo editor à informação armazenada no LPOVAFQSP, sendo dadas instruções para que a palavra seja pronunciada em voz alta.

(Cruz, 2007:85)

Este modelo tem sofrido várias críticas, visto que é exclusivamente linear e não retroactivo e a via fonológica é a única via de acesso ao significado e à identificação das palavras. Uma outra crítica é a ausência de flexibilidade, estes modelos consideram que existe uma única via de acesso ao significado, as correspondências gráfico-fonológicas, não existindo por parte do leitor uma adaptação de estratégias em função do que está a ser lido.

1.3.2 – Modelo Descendente (de cima para baixo, Top-Down)

Os modelos descendentes são propostos por Goodman (1970) e por Smith (1979).

Os modelos descendentes são antagónicos dos ascendentes, e concebem a leitura, o acto de ler diferente do modelo ascendente.

Neste modelo, ler é compreender, ler é um jogo, isto é, “ler é a construção activa do significado a partir de uma mensagem escrita, o que põe em relevo o papel desempenhado pelo conhecimento geral do leitor para a compreensão do texto”(Martins & Niza, 1998; Vaz, 1998, cit Cruz, 2007:88)

Cruz (2007) diz-nos que o leitor utiliza toda a informação adquirida sobre o tema, bem como do contexto, conseguindo assim fazer antecipações que terão de ser confirmadas através do texto escrito, por isso o acto de ler torna-se num jogo psicolinguístico.

Goodman concebe a leitura como sendo um jogo de adivinhação psicológica, onde existe o contacto entre linguagem e pensamento, sendo o texto o fornecedor das indicações para tal contacto

(Cruz, 2007:89)

Para Goodman, a leitura é apoiada pelos conhecimentos semânticos e sintácticos do sujeito, onde os aspectos perceptivo / visuais encontram-se ligados aos anteriores.

1.3.3 – Modelos Interactivos

Os modelos ascendentes e descendentes não conseguem dar uma visão completa do processo de leitura, são ambos modelos lineares onde a informação que circula apenas num sentido ascendente ou descendente, não influenciando componentes prévias.

Segundo Cruz (2007:93), “os modelos interactivos parecem surgir como uma alternativa mais adequada na explicação do processo de leitura”.

O principal mentor do modelo interactivo é Rumelhart (1977).

Nos modelos interactivos, quando o leitor se confronta com um texto, os seus vários componentes geram expectativas a diferentes níveis: os traços das letras induzem a suposições em relação à identificação das primeiras letras conduz a predições sobre o tipo de palavra e por sua vez as palavras identificadas criam expectativas a nível sintáctico.

Uma das principais características deste modelo, é que qualquer nível ou estágio, independentemente da sua posição poderá interagir com outro nível qualquer permitindo assim, que a leitura seja eficaz.

Estes modelos tentam dar resposta à dupla necessidade envolvida na leitura.

Segundo Cruz (2007), os modelos interactivos dão resposta à dupla necessidade na leitura de um texto ao conseguir compreender o que se diz no texto, onde o leitor irá conseguir perceber o tema do texto e dominar o código linguístico que o autor utilizou.

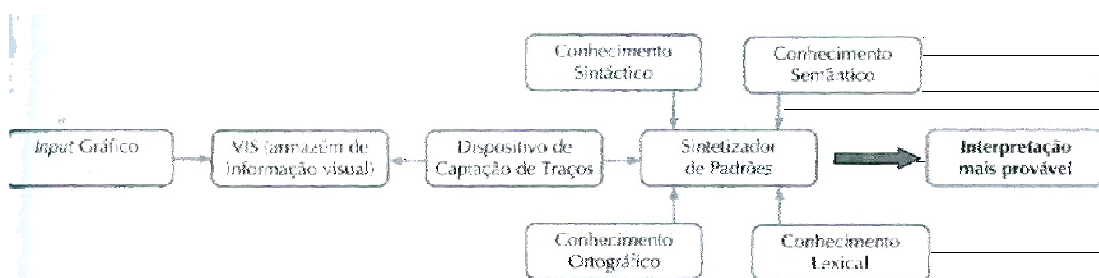


Figura n.º 3 – Modelo Interactivo de Rumelhart(Vaz, 1998:49, cit.Cruz, 2007:95)

Neste diagrama encontra-se sintetizado o modelo de leitura segundo Rumelhart.

Segundo Cruz (2007:95), aqui neste modelo a informação visual é retirada através de um olhar e registada no VIS – Visual Information Stone (armazém do informador visual).

- De seguida, esta informação será analisada por um diapositivo de captação de traços, que recolherá os traços ou características visuais mais relevantes;
- Depois essas características constituirão o fluxo de entrada sensorial que se torna acessível à componente central do modelo, o sintetizador de padrões;

- Esta matriz central recebe informações oriundas de várias fontes, nomeadamente informação ortográfica, informação lexical, informação sintáctica e informação semântica, que utiliza para formular um conjunto de hipóteses;
- As hipóteses formuladas são então testadas, sendo reforçadas aquelas que são mutuamente consistentes, e rejeitadas as inconscientes;
- É através deste reforço selectivo das hipóteses, que para além de serem consistentes entre si, também são consistentes com as características da informação recebida;
- Este grupo de hipóteses é, então, aceite como sendo a interpretação final do texto, em todos os níveis de análise.

Cruz (2007:95)

1.3.4 – Modelo Interactivo Compensatório

Segundo Cruz (2007), estes modelos defendem que qualquer estágio do processo pode influenciar um outro, por isso é interactivo e é compensatório, porque os estádios têm entre si, uma função compensatória, dado que os pontos fracos de qualquer nível podem ser compensados por outro nível.

Por isso, os leitores que sejam fracos e tenham dificuldades de analisar e descodificar as palavras, poderão servir-se de outras estruturas cognitivas de nível mais geral, conseguindo através da relação e dos contextos compreender e identificar as palavras. O modelo interactivo compensatório mais recente é o de Ellis (1989), representado no seguinte diagrama.

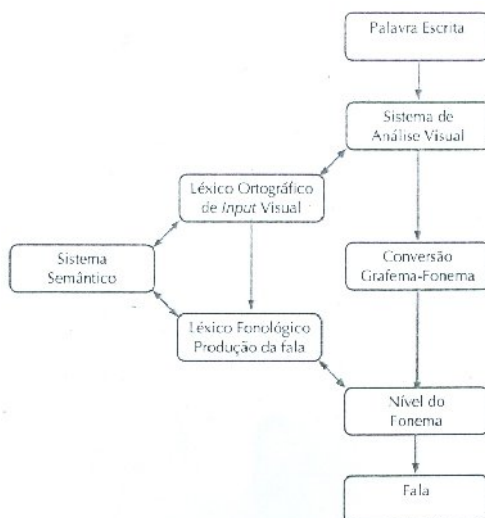


Figura n.º 4 - Modelo Interactivo de Ellis – Cruz (2007:97)

Esta adaptação do modelo interactivo compensatório, “pretende representar o modelo funcional dos processos cognitivos envolvidos no reconhecimento, nomeação e compreensão das palavras escritas.”(Cruz, 2007:97)

Neste modelo todas as componentes poderão ser fundamentadas com o uso de evidências oriundas de pessoas com e sem lesões cerebrais.

O sistema de análise visual tem três funções:

- identificar as letras das palavras escritas;
- codificar cada letra de acordo com a sua posição na palavra;
- agrupar perceptivamente as letras que pertencem à mesma palavra.

(Cruz, 2007:98)

Concluindo, Sim-Sim (1995) cit. por Viana (2002:87), considera que “independentemente dos modelos teóricos explicativos do acto de ler, poderemos sempre falar de dois tipos de produtos e dos respectivos processos utilizados para os atingir.”

PRODUTOS	
- Reconhecimento global das palavras (acesso directo ao léxico)	- Correspondência letra/som (tradução sequencial de letras em palavras)
PROCESSOS	
- Adivinhar (p/contexto) - Reconhecer características visuais no material gráfico - Procurar no depósito do vocabulário visual	- Analisar segmentos silábicos e fonémicos - Identificar a forma das letras - Reconstruir cadeias de sons - Reconhecer conteúdos semânticos

Figura n.º 5- Produtos e Processos no acto de ler (Viana, 2002:87)

Sim-Sim, cit. por Viana (2002:87) diz-nos que:

em ambos os produtos, o objecto é o mesmo, i.e., obter o significado do que está escrito, embora através dos processos de sentido oposto.

No primeiro caso, o acesso directo ao léxico é feito mediante uma abordagem holística, que exige o conhecimento do contexto e a existência de um registo mnésico das palavras a ler, no segundo, o leitor utiliza um processo analítico seguido de reconstrução de uma cadeia de grafemas. Contudo em ambos os casos, a precisão de análise do reconhecimento é essencial.

Viana (2002:87)

Por isso, o processo de aprender a ler necessita dos dois tipos de estratégias, tornando-se num sucesso, dependendo sempre do nível de fluência do leitor, e do tipo de material que o leitor terá para ler, existindo assim uma relação entre o sistema grafo-fonico, semântico e sintáctico.

1.3.5 – Modelo de compreensão Consensual (Modelo da Giasson)

Ao longo destas últimas décadas, vários estudos foram feitos em torno do conceito da compreensão da leitura.

Muitos modelos surgiram, como podemos verificar ao longo desta tese.

Actualmente, poderemos dizer que alguns investigadores têm as mesmas opiniões ao considerar a leitura um processo interactivo e não um processo linear, como o de Gough.

Giasson (1993) conseguiu estudar um grande número de autores tais como: Irwin (1986), Deschênes(1986) e Languer(1986).

Com as componentes do modelo da compreensão da leitura, sendo estes: o texto, o leitor e o contexto.

Este modelo interactivo apresenta uma interacção entre os componentes referidos, onde o leitor se irá apoiar no texto, nos seus conhecimentos prévios e na intenção de leitura.

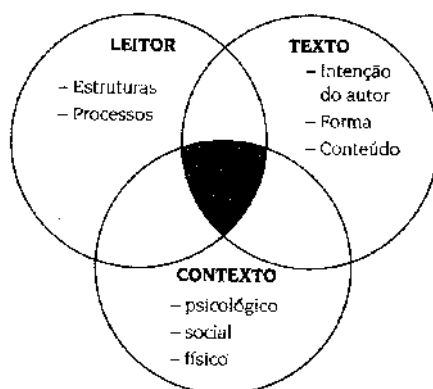


Figura n.º 6 - Modelo Contemporâneo da Compreensão da Leitura (Giasson, 1993:21)

Neste modelo, o leitor corresponde aos esquemas do sujeito bem como também aos processos de leitura por ele utilizados.

As estruturas têm a ver com o que o leitor é (os seus conhecimentos e as suas atitudes) enquanto que os processos dizem respeito ao que ele faz durante a leitura (habilidades a que recorre).

(Giasson, 1993:21)

O texto relaciona-se com o material a ler e tem os seguintes aspectos:

- Intenção do autor – o autor é que determina a orientação dos outros;
- Forma – maneira como o autor organiza as ideias no texto;
- Conteúdos – encaminha para os conceitos, vocabulário que o autor pretende transmitir.

O contexto encontra-se directamente relacionado com os elementos exteriores ao texto e como estes podem influenciar a compreensão da leitura.

Giasson (1993) destaca três tipos de contexto:

- O contexto psicológico (interesse pelo texto, intenção de leitura);
- O contexto social (intervenções dos colegas, dos professores, bibliotecários);
- O contexto físico (barulho, tempo disponível).

Não podemos esquecer que “a compreensão na leitura variará segundo o grau de relação entre as três variáveis leitor, texto e contexto estiverem imbricadas umas nas outras, “melhor” será a compreensão.” (Giasson, 1993:23)

Segundo Giasson (1993) existem algumas situações de relação entre as variáveis leitor/contexto/texto que dificultam a compreensão do texto, estas encontram-se representadas no seguinte esquema.

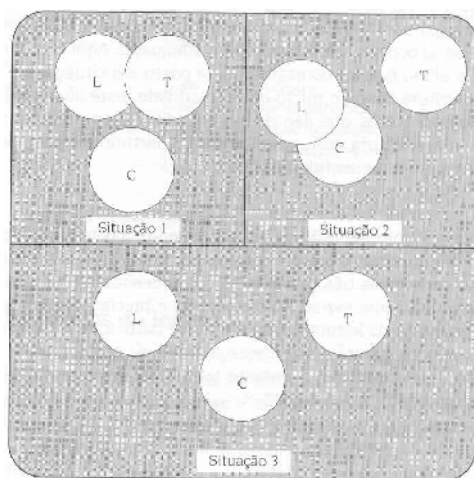


Figura n.º 7 – Tipos possíveis de relação entre as variáveis leitor, texto e contexto
(Giasson, 1993:23)

Situação 1 – o texto que é utilizado encontra-se ao nível de habilidade do leitor, mas o contexto não é relevante.

Situação 2 – o leitor encontra-se num contexto favorável, mas o texto não se encontra adequado às suas capacidades.

Situação 3 – nenhuma das variáveis se relaciona, o leitor lê um texto que não se encontra no seu nível e nem o contexto da leitura é o adequado.

Em conclusão, a autora diz-nos que:

a compreensão na leitura depende das três variáveis indissociáveis: o leitor, o texto e o contexto. Se se considerar correcta a relação entre estas três variáveis na compreensão dever-se-á aceitar simultaneamente ser-se mais matizado e preciso quando se fala na compreensão da leitura de um aluno em particular. A partir deste modelo, não se voltará a dizer “este aluno tem problemas de compreensão”, mas “este aluno perante tal tipo de texto e em tal contexto, compreende de tal modo
(Giasson, 1993:24)

1.4 – O LEITOR

A mais actual concepção da leitura depende de três factores: o leitor, o texto e o contexto, mas o leitor é fundamental na compreensão da leitura, como, aliás, já afirmámos.

Pela importância que se lhe atribui, apresentamos uma breve súpula sobre o seu papel, no âmbito das interacções com o texto.

Segundo Giasson (1993) cabe ao leitor abordar a leitura com as suas estruturas cognitivas, estruturas afectivas, linguísticas e culturais.

Ora, as estruturas cognitivas encontram-se directamente ligadas aos conhecimentos sobre a língua e sobre o mundo.

Quanto aos conhecimentos linguísticos, sabemos que o leitor desenvolve quatro conhecimentos sobre a língua no seio familiar:

- Conhecimentos fonológicos, que permitem fazer a distinção entre os fonemas característicos da própria língua;
- Conhecimentos sintácticos, que têm a ver com a disposição das palavras na frase;
- Conhecimentos semânticos, que se referem-se ao sentido das palavras e às relações existentes entre elas;
- Conhecimentos pragmáticos, estando estes na base da variação estatística (tom da fala, linguagem mais ou menos formal...).

De facto, este conjunto de conhecimentos irá permitir que a criança perceba a relação entre o oral e o escrito, bem como o sentido do que se encontra escrito.

No que se refere aos conhecimentos sobre o mundo, estes irão permitir aos sujeitos a compreensão dos textos que terão de ler, conseguindo, assim, estabelecer relações entre o texto novo e com os conhecimentos de vida anteriores.

Quanto maior for a competência oral do leitor, mais apto este estará para compreender o texto.

No que concerne às estruturas afectivas, estas dependem das motivações e das interacções leitoras, no seio das famílias e da própria escola.

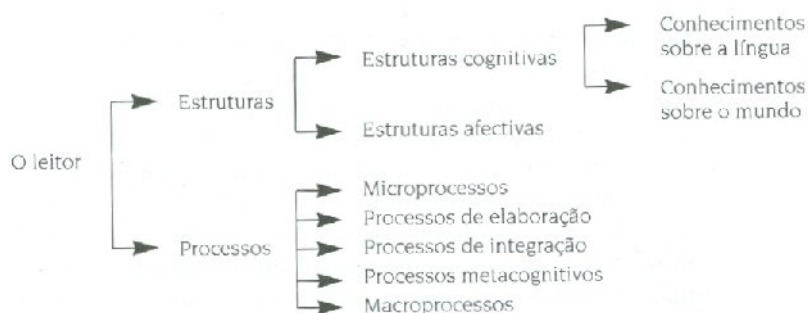


Figura n.º 8 – Componentes da Variável do Leitor (Giasson, 1993:25)

1.5 – A SOCIEDADE E O LEITOR

A leitura tem um papel importante no progresso cultural, social, económico e político da sociedade.

A leitura enquanto competência, as funções que desempenha, os motivos pelo qual o indivíduo lê, os valores que são transmitidos pela leitura, bem como tudo o que diz respeito à leitura, são aspectos fundamentais do modelo cultural e social em que se vive.

Sacristan (2008) salienta o papel da leitura considerando que,

“ler ou não ler, fazê-lo ocasionalmente ou com uma profusão, aumentar a capacidade de leitura entre a população, são aspectos que, na nossa hierárquica de valores, distinguem positivamente os indivíduos e a sociedade em que isto se passa”
(Sacristán, 2008:88).

Para este autor, o meio que nos envolve é fundamental para podermos comunicar com o mundo exterior, conseguindo, em cada vivência, criar ambientes de experiência e de aprendizagem. Ao participarmos nestes meios, adquirimos vivências e conhecimentos únicos em cada situação.

Sacristán (2008) define quatro factores que influenciam o modo de aprender:

- Aprender e adquirir experiências participando e observando actividades nos mais diversificados meios;
- Trocar experiências com outras pessoas;
- Assimilar e recriar as experiências;
- Aprender com todos os meios apoiados pelas novas tecnologias da comunicação e da informação (nas escolas é utilizado a leitura e a escrita).

Ao longo deste percurso, o indivíduo começa a tomar consciência de que é um sujeito leitor nesta sociedade de informação e que esta condição lhe oferece novas possibilidades de se desenvolver, bem como espaços para o fazer, desde as escolas, as bibliotecas públicas, entre outros.

Segundo o autor, “a biblioteca não é só o lugar do livro, mas o da sociedade de informação, donde se acede às mais variadas leituras, onde se aprende a encontrá-las.”(Sacristán, 2008:109)

Também Soares (1991) destaca a ligação entre o indivíduo, a leitura e a sociedade como uma função ideológica, mas salientando que

enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como um instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra as condições de vida

(Soares, 1991:21).

Segundo o Programa PISA (Programme for International Student Assessment) existem vários domínios para as competências dos alunos, que identificam a importância da literacia em leitura, permitindo, assim, desenvolver o conhecimento e a participação na sociedade.

A vida em sociedade implica a aquisição de competências de leitura, pelo que a sua ausência compromete, frequentemente, uma diminuição na extensão e qualidade da participação dos cidadãos na sua vida em sociedade. Mas, a sociedade também, por vezes, não se preocupa em estimular e criar condições de ordem económica, cultural e social que estimulem a criação de hábitos e capacidades de leitura.

2 – MEDIADORES DE LEITURA

Quem é o mediador de leitura?

O mediador é quem facilita e proporciona o acesso à informação e à leitura.

Existem diversos mediadores, alguns no contexto família (pais, avós, tios, irmãos), e outros num contexto escolar ou social (professores, educadores, bibliotecários, animadores, outros agentes).

Cerrillo (2006) diz que durante a infância, os leitores têm diferentes níveis na compreensão da leitura e no acolhimento literário, nesse sentido o mediador irá ter um papel muito importante ao efectuar a ponte entre o livro e a criança, fomentando e facilitando o diálogo entre ambos.

Mas, para que se possa ser um mediador de leitura terá de se ter determinadas características imprescindíveis:

- Deverá ser um leitor habitual;
- Tem de partilhar e transmitir o gosto pela leitura;
- Deverá possuir um conhecimento e uma formação literária, através da qual irá perceber o processo da leitura, o percurso do leitor, e toda a evolução psicológica do individuo na relação com a leitura;
- O mediador tem de ser também imaginativo e criativo.

O mediador terá de ter também determinadas funções específicas.

Segundo Cerrillo (2006) as principais funções dos mediadores de leitura são:

- Criar e fomentar hábitos de leitura;
- Motivar para a leitura por prazer, distinguindo a leitura recreativa da leitura obrigatória;
- Orientar a leitura extra-escolar;
- Orientar, coordenar e facilitar o acesso e selecção dos livros mediante a idade e o interesse dos leitores;
- Preparar, dinamizar e avaliar animações da leitura.

Para a sociedade, o mediador está directamente ligado à animação da leitura, esquecendo, frequentemente, que esta promoção e animação da leitura deverão ser planificadas, organizadas e estruturadas.

O primeiro mediador da leitura surge no contexto familiar, mas muitos pais não gostam de ler e não têm qualquer preparação. Assim sendo, terá de se estimular estes

pais, transmitindo a importância de ler, como é divertido ler e os conhecimentos que adquirimos com a leitura de um livro.

O segundo mediador surge num contexto escolar ou social, podendo ser o professor, o bibliotecário, o educador. Também, aqui, irão surgir dificuldades devido à escassa valorização da leitura e do acto de ler.

A família e toda a sociedade têm responsabilidades na formação do leitor.

Como o nosso papel, enquanto mediadores, se desenrola na biblioteca, apresentamos alguns requisitos a ter em conta como verdadeiros mediadores de leitura:

- Ser um leitor habitual;
- Gostar e transmitir o gosto pela leitura;
- Promover a participação em grupo;
- Ser imaginativo e criativo;
- Acreditar e gostar do seu trabalho enquanto mediador e promotor da leitura;
- Aceder, pesquisar e renovar a informação necessária para o desempenho da sua actividade como mediador de leitura.
- Possuir formação literária, didáctica e psicológica, para desempenhar as funções da melhor maneira.

Cerrillo (2006), diz-nos que não nos podemos esquecer de outros factores para que possamos formar novos e bons leitores. Um dos factores é ter uma boa selecção de livros, capazes de transmitir mensagens com “correção linguística e qualidade literária e pela sua capacidade para nos emocionar ou para nos fazer vibrar, sentir, sonhar ou partilhar.”(Cerrillo, 2006:38)

Segundo o autor, o mediador deverá possuir conhecimentos literários, para que possa detectar alguns factores em relação aos mecanismos editoriais.

O primeiro encontra-se ligado com a história da literatura infanto-juvenil e tudo o que a ela se encontra inerente. Os contos de tradição oral são recontados em versões e línguas diferentes.

O segundo está relacionado com toda a informação que se encontra dentro e fora do livro, podendo esta informação ser importante para que possa existir uma comunicação literária entre o livro, a criança e o adulto.

Em relação aos livros que o mediador terá de seleccionar, terá como objectivos o tipo de leitura que é (leitura escolar/obrigatória ou leitura não escolar), mas ao tentar

corresponder a estas necessidades dos leitores, o mediador encontra-se com dois problemas:

- Leitura obrigatória na escola;
- Selecção das obras obrigatórias criando empatia entre o leitor e o livro.

O mediador de leitura, encontra-se desde sempre ligado, a actividades de animação e promoção da leitura.

Segundo Cerrillo (2006), o primeiro mediador encontra-se no seio da família: os pais e familiares próximos da criança, que têm de ter hábitos leitores, proporcionando uma verdadeira partilha de leituras, em casa.

O segundo mediador poderá ser o professor, o educador, o bibliotecário, entre outros. Deverá ter-se em atenção a falta de vontade de ler, numa sociedade onde a promoção da leitura começa a ser uma constante. O mediador terá um papel preponderante nas primeiras tendências leitoras.

Contudo, a história diz-nos que foi a prática da leitura que trouxe aos homens a capacidade de interpretar, eleger, debater e criticar. E os mediadores, os educadores, os promotores de leitura são os primeiros que devem tê-lo em conta, mas não devem ser os únicos: a sociedade – através das suas instituições – tem que formá-los adequadamente e proporcionar-lhes os meios necessários para cumprir dignamente essa responsabilidade.

(Cerrillo, 2006:45)

Em conclusão, poderemos dizer que o mediador é uma peça fundamental para o desenvolvimento do leitor enquanto leitor activo e crítico, ou seja, o mediador será aquele que trabalhar os mais diversos tipos de leitura, estimulando o leitor a ter capacidade de interpretar, de ser crítico.

E, contudo, a história diz-nos que foi a prática da leitura que trouxe aos homens a capacidade de interpretar, eleger, debater e criticar. E os mediadores, os educadores, os promotores de leitura são os primeiros que devem tê-lo em conta, mas não devem ser os únicos: a sociedade – através das suas instituições – tem que formá-los adequadamente e proporcionar-lhes os meios necessários para cumprir dignamente essa responsabilidade.

(Cerrillo, 2006: 45)

3 – DO MEDIADOR AO PERCURSO DO LEITOR

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passámos na companhia de um livro preferido.

(Proust, cit Gomes, 2000: 11)

Segundo Gomes (2000), o leitor forma-se desde que nasce. Mas para que isso possa acontecer, a criança terá de ter condições onde possa valorizar e reconhecer o valor da leitura, onde seja estimulada para isso. Tem de viver num meio onde o livro seja importante para a família e que seja um elemento que esteja sempre presente.

Actualmente, tem existido uma grande preocupação por parte das escolas, bem como outras instituições, como as bibliotecas municipais em promover a leitura e a sua importância, no seio familiar e escolar, por isso procura-se:

- Consciencializar a família da necessidade de partilhar responsabilidades com a escola na formação ou na conquista de livros;
- Sensibilizar os pais para a importância do livro e da leitura na educação, incentivando-os a adquirir livros para os filhos, a acompanhá-los na descoberta do prazer de ler e, se possível, a dialogar com eles sobre o conteúdo das obras;
- Informar os encarregados de educação sobre o tipo de livros mais adequado aos seus educandos, em função do estágio de desenvolvimento em que estes se encontram e do seu nível de competência de leitura.

(Gomes, 2000:17)

Por isso, tanto a escola como as bibliotecas públicas não se podem demitir da sua função como promotoras e mediadoras de leitura num país onde “a sociedade actual exige aquisição e desenvolvimento de competência leitora de modo a permitir aos sujeitos o desenvolvimento de outras competências”. (Sardinha, 2007: 3)

O mediador de leitura terá de ter consciência do seu papel como promotor das competências leitoras e no incentivo ao prazer de ler, bem como ter consciência das características das crianças enquanto construtoras de uma identidade, tendo em conta a sua construção como leitora, bem como o percurso que têm de percorrer.

Por isso, a escola e a biblioteca terão de ter noção das características do desenvolvimento da personalidade da criança enquanto leitora.

Neste contexto Gomes (2000), apresenta-nos o seguinte quadro.

DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E DA LEITURA			
Desenvolvimento Cognitivo Infante - Juvenil		Desenvolvimento da Leitura	
Idade	Estádio de desenvolvimento da personalidade	Estádio de Desenvolvimento	Tipo de Leitura
3 a 6 anos	Pensamento pré-conceptual – construção dos símbolos. Mentalidade mágica. Indistinação eu/mundo	Pré-leitura – desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras; som, ritmo	Livros de Imagens, rimas infantis, cenas individualizadas. História de animais falantes e conto de fadas simples.
6 a 8 anos	Pensamento intuitivo – aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica. Auto-estima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real.	Leitura compreensiva – textos curtos. Leitura silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.	Aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais (contos de fadas), problemas infantis.
8 a 11 anos	Operações concretas – pensamento descentrado da percepção e acção. Capacidade de classificar, enumerar e ordenar.	Leitura Interpretativa – desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo. Fantasia.	Contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo, aventura (primeiras inclinações)
11 a 13 anos	Operações formais – domínio das estruturas lógicas do pensamento abstracto. Maior orientação para o real. Permanência eventual da fantasia.	Leitura informativa ou factual – desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto à ideia, estrutura e linguagem. Introdução à leitura crítica.	Aventuras sensacionalistas: detectives, fantasmas, ficção científica, temas da actualidade, histórias de amor.
13 a 15 anos	Operações formais – descoberta do mundo interior. Formação de juízos.	Leitura crítica – capacidade de assimilar ideias, confrontá-las, com a sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com o material de leitura.	Aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, biografias, crónicas, contos.

Quadro n.º 1 – Desenvolvimento da personalidade e da leitura

(Filipouski, 1986:108 cit. por Gomes,2000:52,53 (Adaptado))

O mediador de leitura terá de ter em conta estas fases de desenvolvimento da criança para que esta possa da melhor maneira fazer a selecção adequada na escolha de livros.

Concluimos com Sardinha (2007) quando nos diz que

Actualmente, ensinar a ler é um projecto muito mais ambicioso. O aluno só se tornará leitor se desenvolver um comportamento de leitor. Para isso terá de fazer da leitura um projecto de vida. (...)

Ensinar a ler, motivar para a leitura terá de ser algo em que se acredita. Nenhuma estratégia terá o resultado desejado se não houver crença no seu valor. Ora, a leitura é como o amor. assim sendo, teremos mesmo de estar apaixonados.

(Sardinha, 2007: 6)

4 – COMUNIDADES DE LEITORES

Segundo Prole (2004) as comunidades de leitores nasceram nos Estados Unidos da América (Massachusetts), no início do século XIX. Logo, na sua criação, estas comunidades eram constituídas apenas por mulheres, tendo sido o principal motivo da do seu aparecimento.

Desde então, existem nos Estados Unidos cerca de 250 000 comunidades de leitores registadas na Associação do Grupo de Leitores e Líderes do Livro (Association of Book Group Readers and Leaders).

Também, em Portugal, começamos a idealizar e a criar distintas comunidades de leitores que sejam locais de encontro, de sentimentos, afecto, onde todas as experiências pessoais são importantes.

Estes modelos começaram a ser divulgados pela Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, através do Programa de Itinerâncias (Cursos Breves de Língua Portuguesa).

Ao criar uma comunidade de leitores, deverá ter-se em conta vários factores: onde se irá realizar; como irá decorrer; quem a irá frequentar.

A partir destes pontos terão de se definir objectivos, bem como o modo como estas irão decorrer. Estas comunidades terão de ter sempre alguém a orientar, a liderar, que tenha conhecimentos sobre as leituras em análise.

Estas comunidades costumam funcionar em espaços de excelência para a leitura, como por exemplo as bibliotecas públicas.

Segundo Sardinha (2008), cada vez mais é importante ler e saber interpretar aquilo que foi lido. O leitor tem de ter em conta as práticas de leitura ao longo da sua vida, sendo capaz de traçar um caminho que irá de encontro à sua capacidade de interpretar e compreender.

Estas comunidades de leitura são, de uma maneira geral, constituídas por leitores de interesses diversificados. Eles podem exprimir livremente a sua opinião acerca do livro apresentado, que eventualmente já leram ou ouviram comentar pela primeira vez (ou não), ou ainda estabelecer comparações com outras obras já sua conhecidas.
(Sardinha, 2008:303)

Poderemos, então, dizer que as comunidades de leitores podem tornar-se em encontros de leitores que amam os livros e a leitura. Encontros de leitores que gostam de partilhar com os outros o prazer de ler.

Os principais objectivos das comunidades de leitores são :

- Contribuir de forma decisiva para a promoção da leitura.

- Estimular a troca de pontos de vista sobre um livro

Segundo Azevedo (2007) as comunidades de leitores são

Entendidas como uma espécie de células-base, no âmbito das quais os seus membros interagem, partilhando leituras e significados, as comunidades leitoras alicerçam-se directamente nas noções de trabalho colectivo e colaborativo.

(Azevedo, 2007:154)

As comunidades de leitores têm características semelhantes às características da vida em sociedade, onde as pessoas vivem em comunidade, concordando ou não com os diferentes pontos de vista, os participantes conseguem através da partilha e debate chegar a uma decisão acerca de qualquer assunto. O mesmo se passa com a leitura e o gosto de ler, onde nesta comunidade se irão debater assuntos relacionados com as leituras propostas.

Segundo o autor, todos os intervenientes desta comunidade de leitores deverão saber e a aprender a ouvir os outros, bem como ter capacidade crítica para relacionar os textos e os seus significados.

Abramovich cit. por Azevedo (2007:154), diz-nos que ao participar numa comunidade de leitores, tem-se a oportunidade de poder exteriorizar:

- As emoções e as sensações que a leitura provocou;
- Os horizontes que o texto abriu;
- As portas que ele fechou aos seus leitores;
- A forma (inovadora ou não) como o tema foi tratado;
- As relações intertextuais que o texto permitiu estabelecer.

Abramovich cit. por Azevedo (2007:154)

Poderemos então concluir, que as comunidades de leitores são constituídas por pessoas, que têm gostos idênticos, onde irão partilhar leituras, ideias., sentimentos, emoções.

Azevedo (2007) defende que há características importantes que irão influenciar a criação de comunidades de leitores, sendo estas:

- A natureza voluntária: partindo de uma leitura por escolha própria, os participantes são livres de partilharem as suas opiniões acerca dos livros lidos, não existindo quaisquer dimensões prescritivas ou avaliativas.
- A dimensão de abertura: as comunidades não podem ser entendidas como entidades estanques ou definitivamente encerradas.
- O não elitismo: na acepção em que as mesmas podem ser constituídas de acordo com os interesses de leitura dos seus participantes,

(Azevedo, 2007:155)

CAPÍTULO II
DA LITERATURA INFANTIL AO
DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO

CAPÍTULO II : DA LITERATURA INFANTIL AO DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO

2.1 - DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL AOS TEXTOS DE RECEPÇÃO LEITORA.

Não é fácil conseguir definir o conceito de literatura infanto-juvenil, bem como a sua evolução ao longo dos tempos.

Mergulhão (2007) diz-nos que foram muitos os factores de ordem histórica, religiosa e cultural que contribuíram, de alguma forma, e para a negação da existência literatura infanto-juvenil. Alguns dos principais motivos foram:

(i) a pouca relevância e descrédito concedidos pelos estudos epistemológicos, culturais e pedagógicos pré-rousseauístas à infância e às representações sócio-culturais e literárias (Cf. Jan, 1985:8), com implicações directas ao nível da inaceitação da existência de uma produção textual (literária ou não literária) destinada ao público infantil.

(ii) o perspectivizar da criança como um ser limitado ao nível das suas capacidades intelectual, perceptiva e estético-valorativa, o que, por um lado, inviabilizara o seu acesso ao universo simbólico e metafórico do texto literário (que não lhe seria, portanto, expressamente endereçado), e por outro, obrigaria à imposição de “constrangimentos sócio-semióticos” (Diogo, 1994:12) que se traduziria pela perda do valor literário do texto e pela sua redução a um grau mínimo de inteligibilidade (quase) infantilizante.

(Mergulhão, 2007:328)

Para esta autora, a criança não conseguiria ler e compreender um texto literário nem procurar um texto adequado à sua faixa etária, por isso não faria sentido falar em textos literários, deixando, assim, de existir literatura infanto-juvenil existindo apenas literatura. Mas são muitos os autores que reconhecem a existência da literatura infanto-juvenil.

Cervera (1992) reconhece esta importância, afirmando:

En el momento actual nadie se atreve a negar su existencia (da literatura infantil) y su necesidad, aunque logicamente abunden las discrepancias en torno a su concepto, naturaleza y objetivos.

(Cervera, 1992:9)

Cerrillo (2003) defende que a literatura infanto-juvenil é dirigida a um público específico:

La literatura infantil es ya una literatura que intenta dirigirse a unos lectores cuyo desarrollo no há finalizado sin renunciar por ello a la universidad de sus mensajes o la belleza de su lenguaje.

(Cerrillo, 2003: 24)

Poderá dizer-se que a literatura infanto-juvenil está geralmente ligada ao maravilhoso, aos mitos, aos contos de fadas, ao fabuloso, uma vez que o seu cerne é o conto tradicional.

Mas será que a literatura infanto-juvenil apenas se destina a este público específico?

Segundo Azevedo (2006), a literatura infanto-juvenil não se destina apenas a este tipo de público, pois é uma literatura de potencial recepção leitora infantil, o qual abrange a sua designação e não limita o seu destino.

Por isso, Azevedo (2006) distingue e explica os textos infanto-juvenis e outros, afirmando:

Os textos pertencem ao domínio da literatura infantil e juvenil são aqueles que exibem ostensivamente uma visão inédita e singular dos realia, a qual é materialmente observável na utilização não habitual e criadora da palavra, exponencialmente explorada de uma simbiose entre códigos simbólico-antropológico-imaginários. Nesse sentido, eles distinguem-se de outros textos que, podendo ter a criança como destinatário preferencial e podendo revelar-se úteis em outras dimensões que não a da estética, não fomentam, de facto, o desenvolvimento de uma educação literária. Pertencem a esta categoria de textos, entre outros, objectos como livros para colorir, livros para o banho, livros-jogo, dicionários ou enciclopédias.

(Azevedo, 2006:15)

Mas, actualmente, a literatura infanto-juvenil necessita de um olhar atento, o do mediador de leitura, já por nós apresentado, baseado em Cerrillo (2006). Actualmente, Ângela Balça alerta para a educação e para a cidadania, onde a literatura infanto-juvenil é

o espelho dos comportamentos e dos valores, vigentes na sociedade, que o adulto considera apropriados e primordiais para a formação das crianças.

(Balça, 2007: 479)

Segundo a autora supracitada, para que possamos promover uma educação para a cidadania, teremos de construir um projecto com crianças, onde elas serão sensibilizadas para a tomada de consciência que todos nós somos elementos participativos e activos da sociedade, onde existem responsabilidades sociais e cívicas.

Balça (2007) refere que

A promoção de uma educação para a cidadania passa pelo desenvolvimento de uma consciência cívica, que permite às crianças tornarem-se cidadãos independentes, responsáveis e intervenientes, em todos os sectores da sociedade onde estão inseridos, propomos aos educadores/professores um conjunto de narrativas literárias de recepção infantil portuguesas actuais, que apontam para o fomento de uma educação multicultural, de uma educação para a democracia e de uma educação ambiental.

(Balça, 2007: 480)

A literatura infanto-juvenil é um excelente recurso pedagógico, pois através desta poderemos reunir os valores literários, valores estéticos e valores sociais, permitindo,

assim, criar momentos de aquisição de saberes, os quais irão permitir um melhor desenvolvimento psico-social da criança.

Terminámos, com Fátima Albuquerque, que nos apresenta as especificidades da literatura para a infância e nos explica as várias componentes que o podem activar, pois quando a criança tem contactos com o texto infantil verificam-se quatro características específicas da leitura de uma obra, as quais se deverão ter em conta, como mediadores de leitura.

As quatro fases são:

- Componente activa – segundo Benton e Fox cujo o modelo iremos seguir, esta noção resume a dificuldade em reflectir sobre um processo que não pode ser observado directamente, já que cada história se constrói na mente da criança e é organizada antes mesmo de poder ser articulada verbalmente.
- Componente criativa – podemos aqui recordar a famosa definição de Tolkien quando considera o texto literário como um “universo secundário”, que cada leitor vai gerando na sua mente. Para o fazer, terá de se projectar dentro do texto e criar ilusão de um diálogo alargado entre o autor, o narrador, as personagens que vivem os acontecimentos e o leitor.
- Componente única – sabemos todos que cada leitura é única, o que se aplica mesmo às releituras do mesmo leitor. Com efeito, mesmo que o texto não varie, alteram-se os momentos imaginativos e sobretudo a vivência contextual que nos leva a olhar as mesmas situações com olhos diferentes.
- Componente cooperativa – resulta necessariamente do facto que cada texto é um diálogo entre duas mentes, entre o produtor e o receptor.

(Albuquerque, 2007:503, 504)

O adulto que esteja a orientar as leituras das crianças, terá de ter a preocupação de conseguir e potenciar a resposta individual infantil, bem como a comunicação com os pequenos leitores, sobretudo sobre as leituras em contexto escolar.

2.2 – CIDADANIA, IMAGINÁRIO E LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTO-JUVENIL.

Segundo Pires (2007), a cultura tem um relacionamento muito forte com a evolução biológica, por norma esta ocorre para manter o organismo no seu estado invariável ou idêntico. A evolução humana é a única que é composta por mudança genética e mudança cultural, onde a mudança cultural é a mais rápida, mas acaba por ser delimitada e direccionada pelas propriedades diminutivas do cérebro e competências sensoriais.

Esta autora defende a ideia que à medida que o tempo passa acresce a importância por questões de ética, questões de cidadania e questões ambientais.

Pires (2007), diz-nos que:

O interesse crescente pela a ética e educação ambientais (Kahn, 1999, Robottom, 1987), bem como os estudos de Peter Kahn(1999) e Lourenço & Kahn (2000) têm vindo a alertar para a importância/pertinência de estender o tema (as questões de justiça e da moralidade) às relações dos humanos com a natureza.

(Pires, 2007:162)

Ao educarmos as nossas crianças para estas questões será que elas se encontram preparadas para aplicar conceitos morais? Será que entendem as consequências que alguns actos poderão ter?

De que forma é que a literatura infantil poderá ajudar a criança a ter um desenvolvimento moral, estimulado pela sociedade e a natureza, construindo assim a sua identidade?

Para responder a estas questões, Pires (2007) diz-nos que as histórias de vida que se contam são importantes para a construção da identidade na criança, onde irá ocorrer um “processo de negociação narrativa com as pessoas que lhe são próximas, em que várias versões do mundo são consideradas de modo pronto e ubíquo”(Pires, 2007:163,164).

Teremos de ter sempre em consideração se estas histórias não são apenas narrativas literárias ou narrativas sobre o mundo, mas necessitamos de ter a consciência, que estas irão despertar nas crianças uma forma diferente de olhar para si própria e para o mundo, bem como para todos os seres que nele vivem.

Neste contexto a criança terá de ser capaz distinguir a realidade do imaginário.

Segundo Bettelheim (1987), a criança tenta preparar-se e educar-se para a vida através de todas as situações de vida que lhe vão surgindo ao, longo do seu crescimento, onde a natureza simbólica na literatura infanto-juvenil irá ter um papel fundamental para o seu crescimento como pessoa e ser capaz de tomar as suas próprias decisões.

É aqui que os contos de fadas têm um valor impar, porque oferecem à imaginação da criança, novas dimensões que seria impossível ela descobrir só por si. Mais: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem à criança imagens através das quais ela pode estruturar os seus devaneios, e com isso orientar melhor a vida.

(Bettelheim, 1987: 14)

Para este autor a criança vai crescendo na fantasia, ela acredita mais naquilo que lê nas histórias do que aquilo que o adulto lhe conta.

Também Bortolussi (1987) dá uma grande importância à fantasia no desenvolvimento do ser humano. Diz-nos que a fantasia é necessária para a criança compreender e assimilar o mundo.

Para a autora, grande parte das vivências do ser humano representam experiências vividas e passadas, mas ao mesmo tempo ele é capaz de antecipar tudo aquilo que poderá vir a viver, utilizando assim a fantasia.

Por isso, Bortolussi (1987) representa a fantasia numa tipologia da seguinte forma:

- Fantasia omínica: onde ela representa o Eu de uma forma inconsciente, representando os seus desejos, medos, angústias.

- Fantasia Patológica : é aquela onde a actividade física é condicionada pelo medo distorcendo assim a realidade. Nesta fase são criadas imagens irreais, as quais são encaradas com uma verdade.

- Fantasia Promotora : promove actividades para um futuro.

- Fantasia Criadora, Intelectual: este tipo de fantasia é simbólica, alegórica, irónica, poética.

- Fantasia Primitiva, Mítica: explica os fenómenos naturais e sociais.

- Fantasia Lúdica: tem como base o jogo de uma forma lúdica, desde o infantil ao adulto. As funções do jogo permitem a interacção com o mundo.

Para Bortolussi (1987), a criança tenta ao longo do seu crescimento, superar todas estas etapas da fantasia, mas ao mesmo tempo na idade adulta, ele precisa da sua imaginação, para que consiga perceber o que se passa à sua volta.

Poderemos dizer que a literatura infanto-juvenil, o imaginário e a construção da cidadania, são noções que se encontram geralmente de “braços dados” na mensagem que as histórias nos tentam transmitir.

Assim, a literatura infanto-juvenil tem um papel preponderante na forma como a criança irá compreender, analisar e aceitar o mundo, e como irá também enfrentar todas as dificuldades que lhe possam surgir, no seu crescimento como cidadão do mundo, como crítico.

CAPÍTULO III
CASTELO BRANCO E A
BIBLIOTECA MUNICIPAL

CAPÍTULO III - CASTELO BRANCO E A BIBLIOTECA MUNICIPAL

3.1 - BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE CASTELO BRANCO

O concelho de Castelo Branco possui uma área de 1440 Km².

Este é um concelho com um potencial muito diversificado quer a nível paisagístico, quer a nível produtivo, quer a nível cultural, onde, em nossa opinião é aprazível viver.

Existem 25 freguesias neste concelho: Alcains, Almaceda, Benquerenças, Cafêde, Castelo Branco, Cebolais de Cima, Escalos de Cima, Escalos de Baixo, Freixial do Campo, Juncal do Campo, Lardosa, Louriçal do Campo, Lousa, Malpica do Tejo, Mata, Monforte da Beira, Ninho do Açor, Póvoa de Rio de Moinhos, Retaxo, Salgueiro do Campo, Sto. André das Tojeiras, S. Vicente da Beira, Sarzedas, Sobral do Campo e Tinalhas.

Castelo Branco encontra-se situado no Interior Centro de Portugal, numa região denominada Raia Central, cuja situação geográfica lhe confere uma mística de centralidade e beleza.

Este concelho possui um misto de modernidade e tranquilidade rural, com paisagens agradáveis a que as laranjeiras e as frésias concedem cheiros e aromas especiais.

A conclusão da Auto-estrada da Beira Interior e do IC8, a execução do IC31, a electrificação da linha da Beira Baixa, a rede de Gás natural, são muitos dos factores decisivos que irão reforçar as potencialidades e a sustentabilidade da economia e das actividades culturais e turísticas do concelho.

Castelo Branco tornou-se cidade em 1771, mantendo o Jardim do Paço, um dos ex-libris da cidade, o qual continua a ser preservado nos dias de hoje. Este levou José Saramago, Nobel da literatura, a interrogar-se se existiria outro igual no mundo, devido ao seu exotismo histórico.

O Centro Cívico e o Centro histórico são mais do que memórias de uma cidade, que sabe valorizar o seu património histórico e cultural, ao mesmo tempo que evolui e se moderniza, através do Programa Polis.

Poderá dizer-se que Castelo Branco tem acompanhado a história e encontrando-se consciente dos desafios que ainda tem por vencer, oferecendo qualidade de vida e perspectivas futuras atractivas a todos os naturais e residentes, bem como aos turistas que nos visitam.

3. 2 - BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

3.2.1- Resenha Histórica

Barata (2005) refere que o regime liberal veio revolucionar o panorama político e social em Portugal. Uma das medidas tomadas pelo governo foi a nacionalização dos bens dos conventos e a consequente extinção das Ordens Religiosas em Portugal em 1833, que formavam e mantinham durante séculos as verdadeiras bibliotecas deste país. Tal facto abalou a situação do património artístico-cultural português. O que fazer com os preciosos bens móveis, nomeadamente com milhares de livros?

Para resolver o problema, o Governo criou em finais de 1834, o Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos que tinha como missão a recolha, a organização das livrarias dos conventos, bem como a sua distribuição. Existiu até 1841, ano em que se fundiu com a Biblioteca Nacional de Lisboa.

O autor supracitado refere ainda que, os princípios liberais instituíam o alargamento do conhecimento a toda a população e a todo o espaço nacional. Tinham como objectivo a criação de uma Biblioteca Pública em cada capital de distrito, a qual fazia parte de um estruturado programa nacional de bibliotecas. Os liberais estavam conscientes da situação que Portugal estava a passar.

Segundo Roxo (1880) no ano de 1834, pela portaria de 9 de Setembro, propõe-se a criação de bibliotecas públicas com os livros dos conventos de províncias e ordens religiosas. Mas esta ordem não foi cumprida, e os livros recolhidos foram armazenados durante dois anos em lojas húmidas do antigo Paço Episcopal (1835 passou a ser a sede do Governo Civil).

No ano de 1836, o Governo ordena a criação de bibliotecas públicas nas capitais de distrito, a partir das livrarias dos conventos. No dia 25 de Agosto de 1836, o Governo pede ao perfeito da província de Castelo Branco para escolher um edifício público onde iria funcionar a biblioteca. O Museu (Misericórdia Velha) foi o indicado, no entanto, a Biblioteca pública transitou para o Tribunal da Comarca.

Quanto a livros, só o extinto convento da Graça, e o de Stº António d'esta cidade possuem alguns, os quaes se achão sob a guarda d'esta administração tendo sido destinados para núcleo de huma bibliotheca publica n'esta cidade

(Barata, 2003:114)

Em 1841, o administrador-geral do distrito refere-se à desordem, confusão e extravio de todas as livrarias dos extintos conventos Apesar desta situação, o

administrador-geral do distrito de Castelo Branco solicita à Comissão que se reúnam todos os livros espalhados pelo distrito, tendo a comissão aceite esse pedido.

A Comissão solicita a construção da futura biblioteca da capital de distrito. Propõe a Administração-Geral, depois de já o ter feito ao Ministério do Reino, uma das salas do Paço Episcopal e a fusão dos fundos iniciais da Biblioteca (provenientes dos extintos conventos), com os da Biblioteca da Mitra, sendo a nova instituição administrada por uma sociedade literária local, a Sociedade Civilizadora de Castelo Branco. Castelo Branco é um caso raro de aliança entre Igreja e o Estado: "(...) O administrador -geral do distrito não coloca quaisquer reservas a uma parceria com a Igreja, conquanto não deixe de ser pública" (Barata, 2005: 49).

No 1 de Agosto de 1864 faleceu o Dr. José António Morão, médico, bibliófilo, tendo sido deputado vogal no primeiro Conselho do Distrito e governador civil. A sua valiosa biblioteca foi doada à cidade, sob o controlo do seu sobrinho e testamenteiro, José António Morão Júnior. No seu testamento refere:

Na casa da rua do Pina, que habito desde o não de 1846, acha-se a minha livraria, formada de 3.200 e tantos volumes, não contando com livros truncados nem manuscritos (...) atendendo ao uso que dela se tem feito e ao pouco gosto que quase geralmente há de devassar obras de arte e de ciências das quais consta a minha colecção na máxima parte. (...) julgando-a profícua numa terra de segunda ordem e afastada das grandes cidade do reino, tomo a deliberação de conservá-la intacta no próprio local (...) para se prestar às necessidades das pessoas literadas, decentes e bem morigeradas que, em ocasião oportuna e a horas cómodas, ali queiram ir para ler, consultar ou extractar a doutrina de qualquer dos seus livros.

(Santos, 1958: 147)

Este bibliógrafo vedava a todos o empréstimo de qualquer dos livros "nem por horas, a pessoa alguma"(Santos, 1958: 148), referia. Pede também, em testamento que o sobrinho não só guarde a sua biblioteca, mas também a dote, anualmente de novas obras "para o público municipal ser mais vantajosamente servido" (Santos, 1958: 148)

Infelizmente, este importante espólio não interessou à Câmara e o sobrinho não o facultou ao público.

Em 1867, o Governador Civil do Distrito pede ao governo autorização para se fundar uma Biblioteca Pública, com os livros dos conventos e em 1870 reformulou o pedido. O Governo aceitou, pedindo para ser aprovada em Sessão de Câmara uma verba anual para a aquisição de livros.

A portaria de 2 de Agosto de 1870 implementa a criação das bibliotecas populares em todas as sedes dos concelhos, partindo do pressuposto que “o povo aprende pouco a ler, mas ainda lê menos do que aprende”. (Nunes, 1998: 28)

O município de Castelo Branco não cumpriu a determinação e foi publicamente censurado por portaria de 22 de Junho de 1872. Foi obrigado a inscrever no orçamento 50\$000 reis para fazer face aos encargos de uma biblioteca, mas este não foi aplicado

No ano de 1870, a Biblioteca do Dr. Morão foi transferida para ao edifício do Liceu por iniciativa do seu sobrinho, deixando de cumprir as disposições testamentárias.

(...) pouco mais ou menos nessa época aberta ao público. (...) A biblioteca era então conhecida por Biblioteca do Liceu e nas ofertas e carimbos que alguns livros ostentam, encontra-se essa denominação.

(Lobo, 1981: 2)

Tornou-se pública, mas a Câmara não satisfez os pedidos do bibliotecário e do reitor para que lhe fosse entregue a importância inscrita no orçamento para a aquisição de livros, sob o pretexto de não a considerar como pública.

A biblioteca funcionava durante as horas das aulas, o que estava em desacordo com a lei de 18 de Janeiro de 1883, que determinava que as bibliotecas públicas funcionassem algumas horas da noite. Encerrada em 1900, reorganizou-se pelo decreto de 7 de Março de 1901, ficando a cargo da Câmara Municipal, mas na superintendência da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, criada em 1887, por decreto de 29 de Dezembro. Esta lei classificou-a de 2ª classe, sendo designado o respectivo conservador, o reitor do Liceu. Por esta época instala-se no edifício do antigo Tribunal Judicial (Largo da Sé). Em obediência ao decreto de 29 de Dezembro de 1901, a Biblioteca fica na dependência da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Com a proclamação da República em 1910, o novo regime reconheceu que as bibliotecas tinham um papel fundamental no combate à ignorância e na democratização da cultura. O decreto de 21 de Maio de 1911 pretende alterar a concepção das bibliotecas, devendo servir para “ensinar, informar e distrair, criando hábitos de leitura e pondo o cidadão ao corrente dos negócios públicos”. (Nunes, 1998: 28) Estes objectivos não são concretizados devido à instabilidade política, à falta de meios e de um organismo na sensibilização dos municípios para a importância destes espaços municipais, ajudando-os a criar e a organizá-los.

Em 1911, passa a ser designada por Biblioteca Pública de Castelo Branco, dependente da Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial, ficando a nomeação do director a cargo do Governo. Continuou a cargo da Câmara Municipal.

Em período de ditadura que se instala em Portugal em 1926, a Biblioteca de Castelo Branco passa em 1931, a depender técnica e administrativamente da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos. O Governo reconhece o alto grau de analfabetismo do país e vê as bibliotecas como um veículo para o combater. No entanto, a censura e as restrições à liberdade de pensamento e de expressão condicionam o papel das bibliotecas populares.

Contudo, em Castelo Branco, esta data marca a definição da linha de conduta da Câmara para com a Biblioteca Municipal, que até então se mostrou sempre afastada.

Em sessão de 23 de Maio de 1940, deliberou a Câmara, por proposta do então presidente Dr. Augusto Duarte Beirão, imprimir-lhe orientação e direcção especializadas, convidando o Tenente Coronel Elias Garcia, que foi promovido no lugar de director em 1 de Julho de em 1940.

(Lobo, 1981:5)

No período em que dirigiu a biblioteca, este erudito numismata, adquiriu inúmeras obras e melhorou as existentes com encadernações. Contudo, não conseguiu catalogar racionalmente os 6.000 volumes devido à escassez de pessoal.

No ano de 1949 foi proposta a restauração da antiga Domus Municipalis, um edifício do século XVI, para a instalação da Biblioteca Municipal. Não possuindo as condições necessárias de estabilidade, foi demolido. Na reconstrução, a arquitectura das fachadas, concebidas no dealbar do Renascimento foi preservada, reconstruindo-se todos os elementos decorativos: uma esfera armilar e as armas nacionais da época de D. Manuel I, esculpidas em granito regional.

Em Setembro de 1951, fez-se a mudança para os primeiro e segundo pisos, ao serviço da população. “A Biblioteca Municipal era uma velha aspiração dos habitantes da cidade desde que foi verificada a viabilidade da sua instituição”(Santos, 1958: 150).

O vereador do pelouro da cultura, Dr. Francisco Palmeiro, apresentou então um projecto de catalogação das obras existentes (só conseguida em parte) e a arrumação dos ficheiros, existentes.

Não obstante as condições desfavoráveis em que deve ter sido realizada, represente um meritório esforço e um grande progresso relativamente ao status quo anterior.

(Lobo, 1981:5)

A Câmara sempre revelou um forte interesse pela biblioteca, existindo em 1938, cerca de 6.000 volumes e no ano de 1959, 15.794 obras.

É a partir do ano de 1960 que o vereador da cultura, Dr. José Vasco Mendes de Matos, ordena uma profunda remodelação desde a sua fundação, no sentido de servir o leitor.

Assim, actualizou-se e concluiu-se o ficheiro (onomástico, didascálico, ideográfico e topográfico). Iniciou-se a publicação da “Relação Onomástica” de todas as entradas até 31 de Dezembro de 1967, impondo, assim, a biblioteca, à consideração de quem a consulta e dos respectivos serviços centrais de quem depende organicamente.

Os fundos ou núcleos com que se formou a biblioteca são os seguintes:

- Biblioteca do Dr. José António Morão (3.200 volumes, aproximadamente)
- livros oferecidos pelos Dr. Rebelo de Albuquerque
- livros provenientes da Residência albicastrense
- Biblioteca da Mitra de Castelo Branco (Paço Episcopal)
- Livros oferecidos por Almeida e Cunha
- Biblioteca do Grémio dos Artistas de Castelo Branco
- Biblioteca do Dr. Nicolau Nunes de Oliveira (3.000 volumes aproximadamente)
- Publicações oficiais (regime de oferta)
- Ofertas de autores
- Actualização permanente a cargo da Câmara Municipal

(Lobo, 1981:5)

A 23 de Abril de 1984, foi inaugurada a sala "Dr. Jaime Lopes Dias" com o espólio oferecido à Biblioteca pela família deste ilustre etnógrafo beirão, e por vontade expressa do próprio (cerca de 2000 volumes e 3000 manuscritos e recortes) e, poucos dias mais tarde, a Biblioteca passaria a designar-se oficialmente Biblioteca Municipal de Castelo Branco – Dr. Jaime Lopes Dias. O fundo foi, ainda, reforçado com livros oferecidos pelo Dr. Morais Martins, Biblioteca do Dr. Américo Dias Bento (3.000 volumes) e Biblioteca do Engº Amado R. Estriga.

Aquando da passagem para o novo edifício, construído de raiz, a Biblioteca era composta pelos seguintes núcleos: Fundo Geral; Fundo local (composto pelo espólio do Dr. Jaime Lopes Dias, obras relativas à Beira Baixa e jornais locais); Secção de Reservados (que inclui o Livro Antigo); Secção infanto-juvenil; publicações periódicas e publicações oficiais.

3.2.2 - Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian

O edifício da Domus Municipalis integrava no segundo piso, a Biblioteca Fixa nº42 da Fundação Calouste Gulbenkian, que foi inaugurada a 19 de Maio de 1962. Este serviço iniciou-se a nível nacional em 1960.

De acordo com as normas impostas por este organismo, o município tinha responsabilidade pelas instalações e pelo pagamento aos funcionários. À Fundação cabia-lhe os custos relativos ao material (livros, impressos e mobiliário) e aos serviços de inspecção. Após a sua extinção no ano de 2003, os dois funcionários da Fundação, foram integrados nos quadros da Câmara.

Segundo Melo (2005) a Biblioteca Itinerante começou a percorrer o concelho em 1960, levando a leitura às 25 freguesias rurais que só desta forma, tinham contacto com esta forma de cultura.

Segundo o relato de uma funcionária, percorria até Idanha-a-Nova, concelho vizinho de Castelo Branco.

O autor supracitado diz-nos que este projecto foi criado por José Branquinho da Fonseca em 1953, data da primeira biblioteca móvel. Em 1958, a FCG, concebeu o serviço de Bibliotecas Itinerantes, a nível nacional, com o objectivo de promover e desenvolver o gosto pela leitura, elevando o nível cultural dos cidadãos. Cada carro-biblioteca levava a bordo cerca de 2 mil volumes arrumados nas estantes. Este serviço funcionou em Castelo Branco até 11 de Janeiro de 1993.

No princípio do ano de 2003, através de protocolo entre o município e a FCB, realizou-se a fusão do espólio da Biblioteca Fixa nº 42 da Fundação, com o da Biblioteca Jaime Lopes Dias, dando-se início à informatização do seu fundo documental.

3.2.3 - Rede Nacional de Bibliotecas Públicas

No ano de 2003, ano em que se começa a projectar o novo edifício da Biblioteca Municipal, o concelho estava a crescer demográfica, económica e socialmente. A cidade possuía cinco Escolas Superiores do Ensino Politécnico das mais diversas áreas, bem como todos os outros graus de ensino, com mais de 2 mil estudantes a residir na cidade. A população residente era, pelos censos de 2001, 55 708 habitantes.

A biblioteca existente não era compatível com este galopar demográfico, embora, com grande esforço e empenho dos seus funcionários oferecesse aos seus utilizadores o máximo de valências possíveis, nomeadamente ao nível das escolas do 1º ciclo.

Até Outubro de 2006, data em que encerrou as suas portas, esta Biblioteca encaixava, nalguns aspectos no panorama observado que o grupo de trabalho dependente da Secretaria de Estado da Cultura, encontrou aquando da realização do diagnóstico do país, em 1986. Tinha como missão a definição das bases de uma política nacional de Leitura pública “fundamentalmente na implantação e funcionamento regular e eficaz de uma rede de bibliotecas municipais, assim como no desenvolvimento de estruturas” que, a nível central e local, mais directamente as pudessem apoiar. (DGLB, 2009: 2)

Este grupo fez o diagnóstico da situação existente e sugeriu medidas imediatas de intervenção, orientações conceptuais e programáticas sobre as bibliotecas a criar.

Assim deu contas que apenas 35% dos concelhos do continente tinham biblioteca exclusivamente municipal. No distrito de Castelo Branco, em 11 concelhos, apenas três possuíam estes equipamentos. Os equipamentos existentes eram essencialmente de conservação, instaladas em edifícios antigos com espaços não adaptados às funções de uma biblioteca de leitura pública, como no caso desta cidade, conforme foi acima referido. Possui apenas uma sala de leitura comum a todos os utilizadores e onde se manuseavam todo o tipo de documentos, dos mais antigos aos mais recentes.

Esta equipa notou ainda ausência de serviço de empréstimo domiciliário, o que não acontecia nesta biblioteca, mas que não tinha livre acesso às estantes (anexo 1); os fundos bibliográficos eram reduzidos e desactualizados, sentindo esta constatação na cidade; serviam pouca população; possuíam poucos funcionários, mas no nosso caso, com formação adequada. Desta realidade diagnosticada, a antiga Biblioteca pode orgulhar-se das inúmeras actividades de animação, realizadas por uma funcionária destacada do Ministério da Educação que desenvolvia um trabalho excepcional com o pré-escolar e 1º ciclo e que despertou em muitas das nossas crianças o gosto pela leitura.

Relativamente a outras valências, como fundos de documentação multimédia, era inexistente.

Assim, a Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas (antigo IPLB) desenvolveu e aplicou desde 1987 um plano de leitura pública, através do apoio à criação de

bibliotecas públicas municipais. Após a sua fusão com a Biblioteca Nacional em 1992 e depois em 1997, o plano prosseguiu com a reestruturação da Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB). Tratou-se de um projecto de criação de uma Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, tendo por base o concelho. Este integrava uma Biblioteca Municipal – localizada na sua sede, em zona central, de acordo com os princípios e normas estabelecidos internacionalmente: serviços diversificados para adultos e crianças, colecções abrangentes e em diferentes suportes, empréstimo domiciliário, livre acesso às estantes, entre outras valências.

Era esta a resposta para as necessidades imperiosas do concelho nesta matéria. O executivo sentia esta obra como uma prioridade e ia lançar mão aos apoios existentes, de forma a dotar a cidade de um equipamento desejado há muito tempo.

O município era proprietário do terreno, mas não possuía capital suficiente para a construção de raiz do edifício. Esse auxílio foi concedido através da celebração de contrato-programa entre o Ministério da Cultura, representado pela Direcção Geral do Livro e da Biblioteca e o Município, que visava a cooperação técnica e financeira. A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDR Centro) assegurou o acompanhamento da execução física e financeira, assim como o apoio técnico do contrato celebrado. No caso de Castelo Branco, por ter uma população superior a 50 mil habitantes – **55.708** – segundo os Censos 2001, foi considerado o programa-tipo **BM 3**.

Este contrato-programa tem uma vigência mínima de 5 anos. A comparticipação do Estado foi de 50% dos custos orçados para cada projecto, incluindo honorários da equipa projectista, obras de construção civil, mobiliário e equipamento específico, fundos documentais e tecnologias da informação e comunicação.

Numa obra orçada em cerca de 4 milhões de euros, o município recebeu 50% do valor para cada projecto.

Este equipamento foi também previsto no Plano Plurianual de Investimentos 2005 que previa a transferência de capital no valor de 1.050.000 euros para a Sociedade Polis Castelo Branco S.A para a sua construção. Uma junção de forças que a autarquia muito bem soube aproveitar e relacionar. A orientação da rede nacional de bibliotecas públicas e a construção do edifício inserido no Programa Polis Castelo Branco, que visou a reabilitação do Centro Histórico e da Devesa de Castelo Branco. Pretendeu-se o

renascer das cinzas deste último espaço, ocupado pelo antigo quartel de Cavalaria. O edifício da Biblioteca, símbolo de cultura, surgiu assim, como uma representação dessa vontade.

Assim, nascia a nova Biblioteca Municipal de Castelo Branco, a maior do interior do país.

3.2.4 - Processo de Transição para a Nova Biblioteca

A Biblioteca Municipal Dr. Jaime Lopes Dias fecha as suas portas ao público no dia 9 de Outubro de 2006, para se iniciar todo o processo de desinfestação e higienização – anóxia - do seu espólio. Esta operação foi realizada por uma empresa especializada contratada após concurso internacional. Um a um, cada livro foi cuidadosamente limpo e colocado em caixas de plástico perfuradas, transitando depois para seis tendas, que foram sendo montadas sequencialmente, localizadas nos depósitos do novo edifício da Biblioteca Municipal e nas Salas Polivalentes do Complexo das Piscinas Municipais, para aí ficarem de quarentena. Nas tendas, com capacidade para cerca de 15 a 20 mil livros, foi retirado todo o oxigénio e injectado azoto, de forma a aniquilar o processo de desenvolvimento de parasitas e fungos, para que os livros ficassem livres de qualquer ataque que pudesse levar à sua deterioração. Algumas ficaram mais de 60 dias sob este sistema.

Findo este processo, foram colocados pelos responsáveis pela Biblioteca, as fitas de segurança em todos os documentos para posteriormente serem informatizados. Numa fase seguinte, os livros foram colocados nas estantes da nova biblioteca.

Após um longo processo de transição que durou 8 meses, a Biblioteca Municipal de Castelo Branco, construída de raiz, abre as suas portas a 28 de Junho de 2007.

3.3 - O EDIFÍCIO

A Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas impõe, aquando da celebração do contrato-programa, uma série de obrigações a que ficam sujeitas as Câmaras Municipais. Desde já o acompanhamento de todo o processo por um Bibliotecário. Nesse sentido, a autarquia reorganizou o seu quadro de pessoal e contratou um Técnico Superior de Biblioteca, para supervisionar todo o processo de construção do edifício e cumprir os pontos focados pelo Programa de Apoio às Bibliotecas Públicas.

De acordo com o estabelecido, a localização da biblioteca deve fazer-se nas imediações de locais habitualmente frequentados pela população, de preferência com zona de estacionamento própria ou próxima, com espaço reservado para deficientes.

No âmbito do programa Polis, foram criados dois parques de estacionamento subterrâneos na sua envolvente.

O projecto arquitectónico foi pensado na sua função de um elemento simbólico estruturante do tecido urbano, com uma imagem bem identificada sob o ponto de vista arquitectónico. O edifício foge à traça arquitectónica da sua envolvente urbana, contudo está perfeitamente integrado.



Figura n.º 9 – Fachada da Biblioteca Municipal de Castelo Branco

Com uma área total de 3.680 m², possui uma fachada em vidro, sendo que parte dela possui barras de madeira horizontais que, para além do objectivo estético, têm como função sombrear as zonas de leituras e gabinetes. O edifício é intensamente iluminado com luz natural, existindo do seu interior, no primeiro andar, dividindo áreas de leitura, duas zonas ajardinadas, cada uma com uma grande árvore. O espaço ajardinado de fora reflecte-se dentro, o que transmite uma sensação de paz (anexo 2).

3.3.1 - PISO 0 – FOYER

A entrada da biblioteca está claramente visível e localizada na parte do edifício de mais fácil acesso por parte dos utilizadores, permitindo uma percepção clara do interior do edifício (anexo 3).

O utilizador entra directamente para o piso 0 - o átrio ou *foyer*. É um local amplo, onde o utilizador se consegue localizar e aperceber-se dos diversos espaços disponibilizados.

Neste piso onde estão colocados dois expositores para a divulgação de cartazes. Junto ao Bar, existe uma zona com poltronas, mesas e cadeiras ao seu serviço.

A Sala Polivalente está localizada também no piso 0. É caracterizada por um tecto totalmente revestido de madeira assemelhando-se a um conjunto de ondas, criando uma sensação de movimento do tecto à medida que nos deslocamos. Este auditório tem capacidade para cerca de 100 pessoas sentadas, está equipada com tela de projecção e sistema de som e com equipamento para obscurecer o auditório. Em conformidade com as determinações da DGLB, não possui sistema de cadeiras fixas sendo todas empilháveis e recolhidas para as duas salas de arrumos contíguas. É assim, tal como o nome indica, uma sala que se transforma segundo o uso que se pretende dar: apresentação de livro, dramatização de um pequeno conto, conferências, etc.

Neste piso, estão ainda localizados, o gabinete de trabalho destinado ao Bibliotecário responsável, contíguo a uma sala de trabalho destinada a técnicos profissionais de bibliotecas e documentação onde se processa todo o tratamento técnico, até à colocação de fitas e cotas nos documentos. Daqui, os documentos são distribuídos pelas várias salas de leitura através dos carrinhos de transporte de livros que seguirão para os quatro pisos através do elevador. Esta sala serve também para a recepção de grupos antes do início das visitas guiadas à Biblioteca Municipal.

Segue-se a sala para a leitura de Reservados que comporta para além do posto de trabalho da funcionária, 4 lugares sentado para a consulta do Fundo Antigo. Existem ainda expositores, verticais e horizontais para a exibição de documentos.

Encontram-se também casas de banho para o público e funcionários e um elevador com largura suficiente de modo a ser utilizados para utentes com carrinhos de bebés, cadeiras de rodas e dos carrinhos de transporte da biblioteca.

3.3.2 - PISO 1

O *foyer* e o primeiro piso estão ligados por uma escada rolante que transporta os utilizadores até ao balcão de atendimento principal, onde trabalham dois funcionários encarregues do serviço de empréstimo domiciliário, das inscrições dos leitores, atendimento e informações ao público em geral. Está equipada com sistema de desmagnetização e leitura óptica dos documentos. Na retaguarda do balcão faz-se uma primeira reorganização dos documentos devolvidos (anexo 4).

Por detrás do balão principal estão localizados o gabinete da Vereadora da Cultura, com área de reunião. Segue-se um gabinete de trabalho do Sector de Cultura, com dois postos de trabalho e um outro gabinete onde preparamos todas as actividades de promoção e animação da leitura.

Nestas áreas descritas faz-se o circuito interno que apresenta uma perfeita diferenciação com o do leitor.

No átrio situa-se um espaço de leitura informal, de periódicos nacionais, regionais e locais, pelo que dispõem de mesas e cadeiras para o efeito, bem como de várias poltronas. Este espaço é, ao mesmo tempo, um espaço individualizados para periódicos, mas também aberto e multifuncional, resultante de grande bancada oval destinada à consulta da Internet.

O átrio divide a secção de adultos, da secção de crianças. A de adultos é constituída por 3 espaços diferentes. O primeiro é a área multimédia, zona áudio e vídeo, com balcão de atendimento para uma funcionária, para apoio e distribuição de sinal de quatro televisões e seis postos de áudio. Neste espaço encontram-se, também duas estantes com obras relacionadas com Arte e Livros em Braille, duas mesas de trabalho e 8 lugares sentados.

Este espaço possui um computador destinado a portadores de deficiência visual, bem como uma impressora própria para Braille. Estes utilizadores têm igualmente acesso a livros escritos em Braille – cerca de 500 -, como por exemplo os livros de Harry Potter. Por curiosidade, apenas um título desta colecção, transcrito para Braille, terá dez volumes. Estes livros ainda não fazem parte do catálogo.

Tratando-se numa biblioteca de livre acesso, está organizada por áreas temáticas, com estantes devidamente identificadas, facultando o acesso e localização dos documentos pretendidos pelo utilizador.

O segundo espaço é uma sala de leitura, onde podem ser consultadas e requisitadas obras das áreas temáticas, Filosofia, Religião, Ciências Sociais, Psicologia, Ciências Puras, Ciências Aplicadas, Linguística e Línguas.

Um enorme passadiço liga a segunda e a terceira áreas. A parte superior desse passadiço é dedicada à Literatura Portuguesa. Por baixo deste estrutura, e ligando também os dois espaços, junto à parede, estão dispostas estantes que contêm a literatura estrangeira. Possui mesas de apoio à consulta rápida, assim como 4 lugares sentados.

Na terceira área encontram-se as seguintes temáticas: História, Arqueologia, Geografia, Monografias, Generalidades, História de Portugal e o Fundo Local da Beira Baixa. Está apetrechada com inúmeras mesas de trabalho, cadeiras e está equipada com um computador que possibilita a consulta de documentos multimédia.

Junto ao posto de trabalho do funcionário está localizada uma fotocopiadora para utilização do público, mediante uma taxa por cópia.

Do outro lado da Biblioteca encontra-se a Secção Juvenil, inicia-se na grande bancada oval com lugares sentados para a leitura de documentos e consulta na internet. Esta secção, à semelhança da secção de adultos encontra-se dividida por áreas temáticas e livre acesso, seguindo-se um balcão de atendimento que apoia a zona áudio e vídeo, desempenhando ainda o apoio ao serviço de referência (anexo 5). Segue-se a área de consulta local e mesas de trabalho.

3.3.3 - PISO 2

A Secção Infantil está localizada, no piso dois, sobre a secção juvenil. A ligação destas duas zonas faz-se através de uma rampa que se inicia junto aos periódicos ou através de uma escadaria no final da secção juvenil.

As crianças que sobem na rampa encontram a Sala da “Hora do Conto” que vista debaixo parece suspensa. Está equipada com pufos de cores garridas, verde, amarelo, vermelho que se retiram facilmente quando se pretende ali dinamizar um ateliê de expressão corporal (anexo 6).

Possui ainda um lavatório e armários onde se guardam os materiais utilizados nas actividades.

A esta sala segue-se um *open space* dedicado aos mais pequeninos - público pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico - com mobiliário constituído por caixas de álbuns, estantes, mesas e cadeiras permitindo criar zonas distintas de utilização em função das duas idades.

Tem equipamento móvel para visionamento de filmes (DVD e VHS) para pequenos grupos e aparelhagem de som móvel.

3.3.4 - PISO 3

À cota da secção infantil, no segundo piso, encontram-se vários gabinetes de trabalho, e outros espaços que normalmente são utilizados como salas de formação e de reunião.

3.3.5 - PISO -1

Os três depósitos - Geral, Reservados e Edições da Câmara - estão instalados no piso -1. Aí estão acondicionados os documentos mais antigos e sensíveis sob condições especiais obedecendo aos critérios específicos para esse fim em estantes compactas e deslizantes. A temperatura está estabilizada nos 20,8C° e a humidade relativa de 53°, segundo o hidrogrómetro. Todos estão protegidos com portas corta-fogo (anexo 7).

Neste piso está localizada a zona da Manutenção e Recepção dos documentos, bem como a zona da Entrada de Serviço, com possibilidade de aproximação de veículo em garagem e respectiva descarga. Possui um amplo corredor com revestimento plástico especial de cor amarela, facilmente lavável, que dá acesso a todos os depósitos, permitindo a passagem de carrinhos.

Ainda neste piso, situa-se ainda uma pequena copa para utilização dos funcionários da Biblioteca, uma sala de arrumos, cacifos e casa de banho para os funcionários, bem como duas salas de arrumação dos materiais de escritório utilizados pelos serviços que integram a Biblioteca.

3.4 - ESPÓLIO

A BMCB possuiu um espólio extremamente rico que transitou do anterior edifício. Contudo, segundo o estabelecido no Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas, no ano de 1995, este equipamento deve ser

o centro local da informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os géneros (...) Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As colecções devem incluir todos os tipos de suportes e tecnologias modernas, assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação

(Unesco, 1994).

De acordo o estabelecido pela DGLB., uma BM3 tem de adquirir anualmente 10% do seu fundo. A BMCB não tem capacidade para chegar a esse número, mas vai adquirindo, de forma sistemática, obras de forma a ir de encontro à vontade e necessidades dos seus utilizadores. A forma de sondagem dessas carências, faz-se através da caixa de sugestões localizada no balcão central, onde os utilizadores dão conta das temáticas que gostariam de ver nas diversas salas de leitura e de multimédia.

A Biblioteca também tem o cuidado de escolher obras que façam parte do Plano Nacional de Leitura.

Para além do espólio adquirido, a Biblioteca recebe muitos livros e material não-livro que é oferecido pelos próprios munícipes. É muito frequente o bibliotecário receber colecções inteiras dos mais variados géneros e temáticas, sejam livros de banda desenha, romances, ficção, ou cd's e dvd's infantis. Em muitas situações, são os próprios meninos que, com orgulho, levam o seu espólio para ser usufruído por outras crianças.

Dados recolhidos, mostra o quão grande foi a evolução do espólio: em 1938, a Biblioteca possuía 6 000 volumes; em 1949, cerca de 10 000; em 1959, havia 15 794; em 1974, cerca de 30 000; em 1984, cerca de 35 mil; em 2003, cerca de 80 mil documentos; e actualmente detém cerca de 150 mil documentos, dos quais aproximadamente 9.000 são material não-livro (CD's, DVD's, cassetes vídeo e cerca de 5000 fotografias).

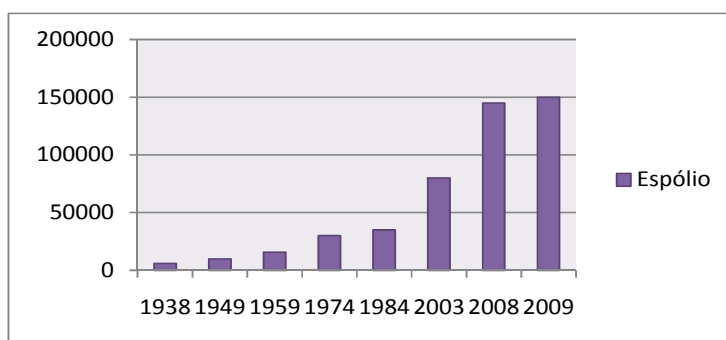


Gráfico n.º 1 – Evolução do espólio

Neste momento, encontram-se 35.000 documentos em livre acesso, constituído por livros e material multimédia – cd's e dvd's. O material não livro foi todo adquirido no processo de transferência da biblioteca, uma vez que era inexistente na antiga.

O Depósito de Reservados é constituído por 50.000 obras do início do século XVI até finais do século XIX – o Livro Antigo. Este fundo é constituído pelo espólio inicial que foi doado à biblioteca aquando da sua constituição, como acima referi (J. Morão, Rebelo de Albuquerque, Mitra, Almeida e Cunha, José Nunes de Oliveira, Residência Albicastrense, Jaime Lopes Dias), não se encontrando em livre acesso.

No Depósito Geral estão 105.000 obras do século XX que apenas pode ser consultadas dentro da Biblioteca, não estando em livre acesso: Fundo Local³, Imprensa Local, Estatística e o espólio doado pela Fundação Calouste Gulbenkian (30.000 mil livros aquando da transferência para o novo edifício).

O Depósito de Edições da Câmara guarda todas as edições que o Município apoia, bem como edições próprias realizadas por investigadores, escritores da região ou ligados a Castelo Branco de alguma forma. Este espólio não está contabilizado no acervo da biblioteca, uma vez que é utilizado como oferta ou para venda. Estavam acondicionados, no chão do sótão do edifício da Câmara Municipal, que ameaçava ruir face ao peso suportado com estes livros. Encontravam-se ainda nas instalações dos Estaleiros e na cave de um edifício camarário. Neste depósito encontraram condições ideais para o seu acondicionamento.

Neste depósito também guardadas cerca de 5.000 fotografias do espólio de Paiva Pessoa, Jaime Lopes Dias, Fundo Turismo, António Salavissa, Salles Viana e mais recentemente José Barata, que neste momento estão em processo de catalogação.

Os utilizadores não têm acesso on-line a todo o espólio existente no edifício. Apenas podem fazer essa pesquisa através do site da Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas, onde está parte do fundo (anexo 8).

Quando necessitam de consultar um determinado livro, solicitam ajuda aos funcionários que facilmente agilizam o pedido através da base de dados existente dos seus computadores, o PorBase 5, da Biblioteca Nacional. Este programa permite a

³ “O Fundo Local reúne todo o tipo de documentação e publicações referentes a uma determinada localidade. Com mais rigor, poderemos definir o Fundo Local como um conjunto organizado de espécies documentais qualquer que seja o seu suporte (impressos e audiovisuais), produzidas por uma comunidade ou com ela relacionadas, que se referem aos mais variados aspectos da sua vida, história e actividades. Assim, o Fundo Local engloba documentos sobre a história, a política a economia, a sociedade, as instituições, a vida religiosa, as actividades associativas e sindicais, culturais e desportivas, as artes e as letras, as personalidades, etc., de uma determinada comunidade e ainda sobre a geografia, a geologia, a fauna, e a flora da região em que ela está inserida. De uma maneira geral será a documentação que respeita ao seu património cultural e Natural, mas também que reflecta o quotidiano dessa comunidade. Compete à Biblioteca Municipal recolher, tratar, conservar, explorar e difundir toda essa documentação, nos seus diferentes tipos de suporte, tornando-a acessível a toda a população”.(NUNES, 1998:129)

pesquisa por autor, temática, título, entre outros itens, o que facilita sobremaneira a vida do utilizador.

A catalogação do espólio é realizada pelo sistema CDU - Classificação Decimal Universal, um esquema internacional de classificação de documentos, que se baseia no conceito de que todo o conhecimento pode ser dividido em 10 classes principais, e estas podem ser infinitamente divididas numa hierarquia decimal.

3.5 - SERVIÇOS

Comparativamente aos serviços oferecidos pela antiga Biblioteca Dr. Jaime Lopes Dias, a diferença é colossal. As novidades a nível de serviços são enormes, e muitas vezes, surpreendentes para os utilizadores.

A primeira grande diferença é o **livre acesso**. O utilizador pode agora percorrer livremente os espaços, e encontrar facilmente o que se procura. Na antiga biblioteca era vedada a possibilidade do toque. E esta pequena diferença muda tudo, muda o modo de trabalhar dos funcionários e aumenta a vontade do utilizador recorrer ao serviço que lhe oferece a liberdade de escolha.

O **serviço de empréstimos** é gratuito. O utilizador terá apenas de estar inscrito na biblioteca mediante a posse do Bilhete de Identidade, morada completa e n.º de telefone, podendo levar no total três documentos durante quinze dias, sendo para documentos audiovisuais o período de três dias e apenas um documento.

O material não livro é também uma grande novidade nesta biblioteca. As áreas juvenis e adultos têm à disposição aparelhos para visionamento de cd e dvd. Este serviço é muito utilizado em período de férias escolares pelas crianças que escolhem este espaço para ver os seus filmes preferidos, ao mesmo tempo que deitam mão ao amigo livro.

Nestes dois últimos anos, é notória uma forte evolução do empréstimo destes documentos. Em 2007, o total de empréstimos foi de 15.522 e em 2008, passou para 30.071.

Ano 2007

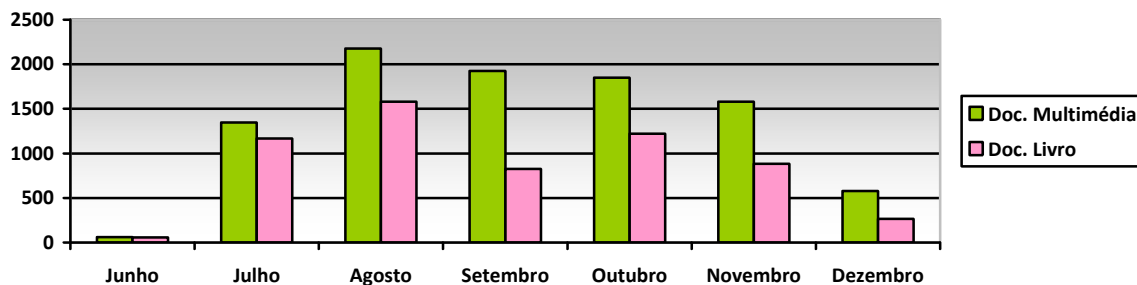


Gráfico n.º 2 – Empréstimos ano 2007

Ano 2008

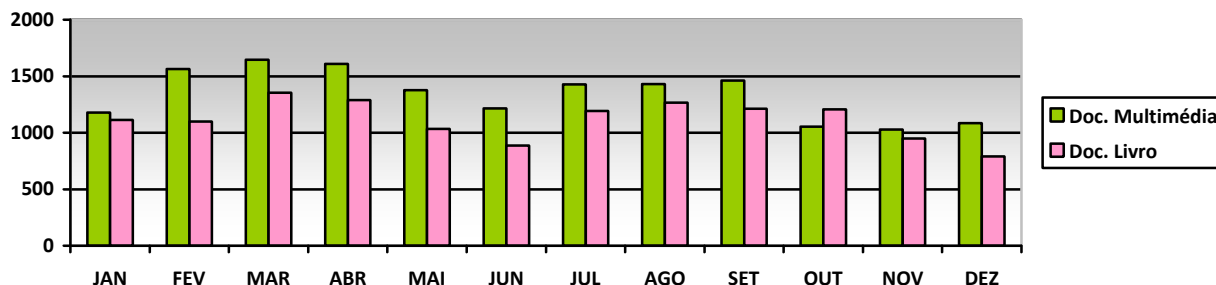


Gráfico n.º 3 – Empréstimos ano 2008

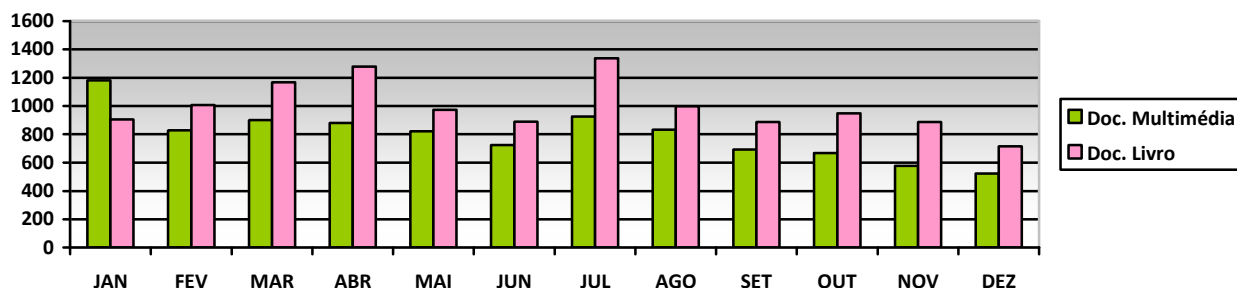


Gráfico n.º 4 - Empréstimos 2009

Temos de realçar outra grande inovação: a **Internet**. A sociedade de informação veio destacar o papel social da biblioteca pública e potenciar as relações com os seus utilizadores. As mudanças vertiginosas nesta área vieram revolucionar a forma como a informação é recolhida, apresentada e consultada. E as bibliotecas têm de se adaptar a este novo paradigma, adoptando novos modelos de organização e de prestação de serviços,

onde os progressos tecnológicos marcam o ritmo da sociedade e concorrência exige dos cidadãos uma actualização constante de conhecimentos, ela tem de utilizar as

ferramentas mais avançadas, acompanhando a linha da frente das novidades da informação.

(Nunes 1998:17)

A BMCB dá uma especial atenção e ajuda aos utilizadores no uso da internet, a chamada literacia da informação, ou a necessidade de “aprender a aprender” a utilizar formas de conhecimentos, que muitos dominam, mas que outros consideram um mistério, como por exemplo, a pesquisa em bases de dados. Existe uma grande falta de conhecimento sobre a importância da informação e onde é que essa informação pode ser encontrada. Esta ideia é transmitida no Manifesto da UNESCO para as bibliotecas públicas quando considera que “facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática” é uma das missões essenciais destas bibliotecas.

É nesse sentido que os funcionários da Biblioteca se esforçam, para prestar um serviço de qualidade e educar os utilizadores nesta nova forma de conhecimento, alertando-os para os perigos que a internet pode trazer e sugerindo sites que vão de encontro ao interesse da pessoa. Neste contexto, certos sites têm acesso restrito, como medida de precaução.

A internet pode ser consultada em 8 computadores instalados junto ao balcão central e que se prolonga até à área juvenil. Todos têm acesso à **Internet** gratuitamente, que no entanto é limitada em períodos de meia hora, prolongáveis até uma hora, se o fluxo de público for escasso (anexo 9).

Este serviço inovador tem tido uma grande adesão por parte do público, verificando-se, no entanto, um decréscimo no final de 2008, talvez por existir uma grande maioria que leva já o seu próprio portátil e possa usufruir da rede wireless que dispomos.

Utilizadores da Internet

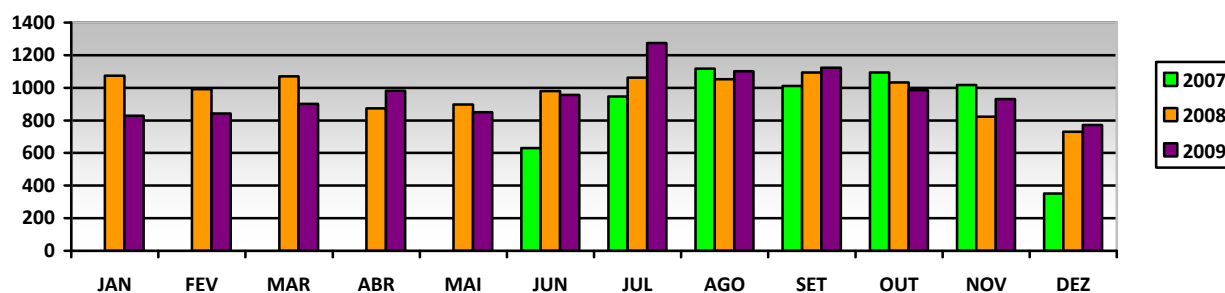


Gráfico n.º 5 – Utilizadores de Internet

Pode-se ainda fazer uso de várias impressoras multifunções para impressão de trabalhos, documentos, scanners e serviço de reprografia. Estes são os únicos serviços que são pagos.

Fotocópias e Impressões				
	A4 PB	A4 Cores	A3 PB	A3 Cores
Geral	0,30	1,00	0,30	2,00
Estudantes	0,06	0,20	0,06	0,40

Figura n.º 10 – Preçário

3.6 - ACTIVIDADES DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Segundo o Manifesto da Unesco cabe à biblioteca pública, enquanto porta de acesso local ao conhecimento, prestar aos seus serviços com base em princípios de igualdade de acesso, adequação e qualidade de materiais oferecidos ao utilizador, diversidade de suportes das colecções e serviços bem como a ausência de qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa ou comercial.

Uma biblioteca tem um papel fundamental no combate à iliteracia, no incentivo a hábitos de leitura e estímulo da criatividade, ao mesmo tempo que permite o acesso gratuito à informação.

A BMCB é um espaço vivo de dinamização cultural e social, preocupando-se na promoção do livro e na sensibilização para a leitura. É um espaço aberto ao conhecimento à comunidade, onde todos podem participar activamente num plano de igualdade de conhecimento, onde cada indivíduo adquire os seus próprios hábitos de leitura e conhecimentos

Através de metodologias específicas e adequadas a BMCB propões actividades culturais para o público adulto e para o infantil e juvenil, sendo estes últimos, objecto de uma maior incidência de trabalho.

3.6.1 - Público Infantil e Juvenil

Para criar hábitos de Leitura é pois decisivo começar a ouvir ler o mais cedo possível, preferivelmente vivendo num ambiente rodeado de livros, que se insiram no quotidiano de cada um. (...) As crianças devem começar a habituar-se aos livros desde muito cedo. (...) A biblioteca de Leitura pública, tem “imensa capacidade de atracção que pode exercer através das colecções de livros e outros documentos que propõe, os espaços e o mobiliário que proporciona, as actividades de animação que promove. (...) Numa biblioteca assim concebida, todas as crianças têm um acesso democrático e centenas de livros, sobre os mais variados assuntos, apresentados das mais diferentes maneiras.

(Nunes, 1998: 162,163,164)

Através de metodologias específicas e adequadas, a BMCB propõe actividades promoção e animação da leitura que alargam o conhecimento das crianças e jovens, sendo um dos seus principais objectivos, a criação do gosto pela leitura. Cabe à biblioteca a tarefa de tornar o acervo documental dos contos tradicionais, lendas e brincadeiras tradicionais, que dão conteúdo à expressão imaginativa da criança.

Os objectivos gerais da BMCB para com as crianças e jovens são:

- sensibilizar a criança para a leitura;
- estimular na criança o gosto pela leitura;
- desenvolver o gosto pela leitura como meio de recreio, informação e investigação;
- proporcionar à criança/jovem a oportunidade de adquirir e desenvolver atitudes que contribuam para a sua formação;
- desenvolver a capacidade crítica;
- estimular a criatividade;
- criar novos leitores.

O público infantil é, desde logo, especial. Está permeável aos novos conhecimento e descobertas, pelo que o espaço Biblioteca é o ideal para descobrir o contacto com o livro e o prazer da leitura, por vezes a crianças que com ele nunca tiveram contacto, permitindo ajudar a combater muitos casos de exclusão social, os daqueles que em suas casas, com as suas famílias, nunca gozaram dos ambientes especiais

(Nunes, 1998: 165)

A nova biblioteca era, aquando da abertura de portas em 2007, um espaço a investigar, a descobrir. Foi com essa preocupação da conquista de público que os serviços educativos da biblioteca estabeleceram um projecto de promoção e animação da leitura para o público pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico (anexo 10)., aos quais é apresentado, no início de cada do ano lectivo. A selecção das histórias, baseia-se no Plano Nacional de Leitura.

O lúdico ocupa, forçosamente, lugar de destaque, pelo teor apelativo das actividades e, dentro deste âmbito, cativando novos públicos, novos utilizadores, formando novos leitores. O motiva para o prazer e o gosto pela leitura, desde a primeira infância.

É neste sentido que a Biblioteca Municipal de Castelo Branco desenvolve actividades de promoção da leitura com todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar, pela qual passam diariamente cerca de 200 crianças, até jovens do ensino secundário. No entanto, a grande motivação de realização destas actividades reside no regresso destas crianças acompanhadas pelos pais, a fim de requisitarem os livros que mais lhes chamaram a atenção na sua visita com a escola. Assim, a Biblioteca Municipal de Castelo Branco tem consciência que, futuramente, terá leitores com capacidade de ler pelo prazer de ler, investindo para a sua formação e educação.

Como o demonstra o seguinte gráfico, é notória a grande participação das crianças das actividades preparadas neste equipamento, que começou de forma ténue em 2007, mas que ao longo do tempo sofreu uma forte evolução.

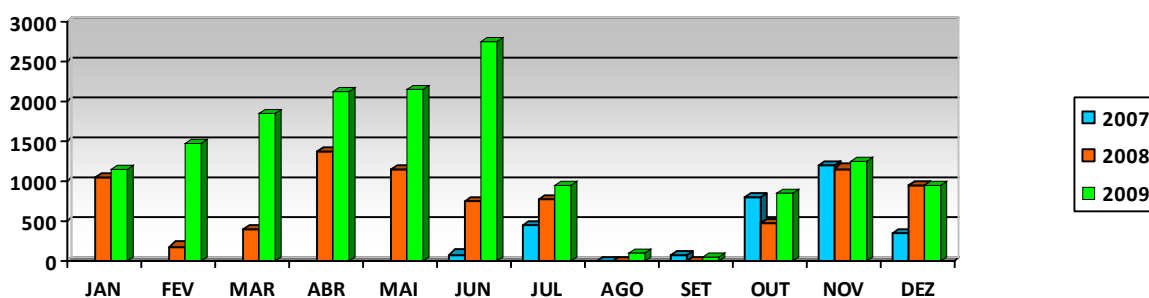


Gráfico n.º 6 – Participação das crianças nas actividades: Pré-escolar e 1º ciclo

3.6.2 - Público Adulto

A BMCB assume-se como uma entidade potenciadora e criadora de cultura. Desde a sua abertura, muitos foram as iniciativas que decorreram nas instalações, quer por sua iniciativa, quer dando apoio a instituições para a realização das suas acções.

Durante o ano que passou forma muitas as actividades de promoção da leitura que se promoveram com idosos.

O que é certo é que cada vez mais a Biblioteca é vista como local de cultura, não se reduzindo ao seu papel de formadora de novos leitores, mas estando abertas a novas

linguagens artísticas, que encontram aqui um porto seguro. Pode-se mesmo dizer que nasceu uma nova galeria municipal.

Assim, não é de estranhar que quando o utilizador entre no *foyer*, se depare com uma exposição de pintura, escultura ou com cartazes a anunciar uma apresentação de livro ou uma conferência. O espaço biblioteca deixou de ser silencioso, onde se ouvia a respiração da pessoa ao lado. Assume-se, cada vez mais como um espaço um pouco barulhento, com risos de crianças, conversas junto ao bar, visitando uma exposição, ou debatendo um tema quente que se leu no jornal. Obviamente, em espaços diferenciados, mas não estanques.

Estas manifestações estão mais direccionadas ao público adulto que entra na biblioteca para ler o jornal e aproveita para ver uma mostra de arte, tomando logo nota da próxima actividade que se vai realizar.

Na entrada da biblioteca encontram-se dois espaços adequados para estas manifestações: a Sala Polivalente e o *Foyer*. Este primeiro espaço é transformável em sala de espectáculos, de colóquios, em sala de aula, para apresentações de livros e até em sala de provas de azeite, aquando da Bienal do Azeite. Nesse grande evento para a cidade, a Biblioteca teve abertas as suas portas ininterruptamente até de madrugada, onde ofereceu ateliês temáticos a todos os meninos visitantes e uma exposição de fotografia. Este é apenas um exemplo de multifuncionalidade que esta sala oferece.

O *Foyer* é mais solicitado para exposições, uma vez que apresenta uma estrutura propícia a estas acções, mas curiosamente, já tem acontecido a realização de duas mostras em simultâneo, uma neste local e outra no primeiro piso, normalmente instalada no passadiço, rentabilizando espaços que não seriam propícios, à primeira vista, a suporte de arte (anexo 11).

Todos os dias chegam pedidos solicitando o *Foyer*. E numa política de abertura, todos os pedidos são cuidadosamente analisados e agendados, numa lógica de serviço público. Nos dois anos de abertura ao público, contabilizam-se mais de 120 realizações nas mais diversas naturezas nestes dois espaços. Um número significativo de actividades viradas para o público adulto que aderiu com grande entusiasmo.

Os serviços culturais possuem ainda outro tipo de actividades para o público mais idoso, fazendo visitas guiadas a grupos previamente marcados provenientes dos mais vários locais, dentro e fora do concelho (anexo 12). Os Centros de Dia, as Santas Casas

de Misericórdias, Lares, querem conhecer a biblioteca e descobri-la. São utilizadores fiéis, que na medida das suas possibilidades, regressam e se tornam leitores assíduos. A biblioteca tem um papel impulsionador, um objectivo para a saída de casa.

3.7 - RECURSOS HUMANOS

A Biblioteca Municipal tem um técnico superior de biblioteca e documentação, 4 técnicos profissionais, uma técnica de arquivo, um assistente administrativo, 2 auxiliares do serviço geral, técnica superior, na área da animação social cultural e duas técnicas superiores no Sector de Cultura e Educação que desenvolvem um trabalho mais relacionado com produção de espectáculos e exposições no Cine-Teatro Avenida, mas que colaboram em todo o trabalho de carácter cultural desenvolvido no espaço Biblioteca e, muitas das vezes, ajudam os colegas no balcão principal, em horas de muita afluência.

O quadro de pessoal que se apresenta é manifestamente inferior ao estabelecido no protocolo para uma BM3 – 26 funcionários, dos quais 3 técnicos superiores de Biblioteca e Documentação, 12 técnicos profissionais de Biblioteca e Documentação e 1 assistente administrativo. Contudo, através de turnos rotativos, consegue-se realizar todo o trabalho, e até não encerrar na hora do almoço, estando a Biblioteca a funcionar das 10h00 até às 18h30. Há um forte espírito de ajuda que se reflecte no serviço prestado.

3.8 - UTILIZADORES

Os utilizadores da Biblioteca Municipal de Castelo Branco são de uma maneira geral, a população estudantil, com mais de 18 anos, as crianças e os idosos. A franja de trabalhadores activos frequenta menos este equipamento. Consideramos que este facto se deve ao horário: de segunda a sexta, das 10h00 às 18h30, sem fecho para almoço. É um horário “curto” que não dá margem para esta franja da população utilizar este equipamento.

Os idosos são grandes frequentadores da secção dos periódicos. Todos os dias vêm ler à Biblioteca as últimas notícias, requisitando também livros e material não-livro.

Os jovens, especialmente os estudantes do Instituto Politécnico utilizam a Biblioteca para consultar obras de referência para a elaboração de trabalhos académicos. As salas de leitura, em época de exames encontram-se repletas de estudantes que aproveitando o sistema *wireless*, encontram aqui um espaço agradável e tranquilo.

As crianças são os utilizadores mais entusiastas. Em dois anos de abertura ao público, já passaram pela biblioteca todas as crianças de todas as escolas do ensino pré-escolar e 1º ciclo do concelho de Castelo Branco, que possui 25 freguesias. Quando se deslocam com os colegas de turma a sua actividade é baseada nas actividades lúdico-pedagógicas preparadas pela técnica da biblioteca através de metodologias específicas e adequadas, estas, não substituindo de forma alguma o papel formativo da escola, pretendem dar cobertura aos vários níveis etários, não esquecendo nunca, que estas devem ser prazerosas e que a brincadeira é para a criança representação e comunicação, abertura ao imaginário da fantasia e da criatividade.

CAPÍTULO IV
PARTE PRÁTICA
LER A DOIS

CAPÍTULO IV : PARTE PRÁTICA – “LER A DOIS”

4.1 - PROJECTO “LER A DOIS” - APRESENTAÇÃO

O PNL já apresentado nesta dissertação serviu de farol às escolhas para o nosso projecto “Ler a Dois”.

O Projecto “LER A DOIS” consiste num Projecto de promoção da leitura, pretende-se a criação de uma comunidade de leitores entre as crianças e a sua família (anexo 13).

Na Biblioteca Municipal de Castelo Branco tem-se verificado que nos finais de tarde, muitas crianças, acompanhadas por adultos, a procuram vendo na leitura um momento de ludicidade, de aproximação com a criança, desenvolvendo assim o gosto pela leitura. Ora, com este projecto, pretende-se criar novos leitores, bem como “reconquistar” antigos leitores.

Decidiu-se que a comunidade de leitores funciona no mínimo com 5 pares (cada par é constituído por 1 criança e um adulto) e no máximo com 15 pares.

4.1.1 – INTERVENIENTES DO PROJECTO

Os intervenientes deste Projecto são:

- Crianças entre os 3 e os 10 anos;
- Pais, familiares ou adultos muito próximos da criança;
- Biblioteca Municipal de Castelo Branco.

4.1.2 –OBJECTIVOS DO PROJECTO

- Promover e estimular o gosto pela leitura;
- Envolver pais e crianças em actividades de leitura conjunta;
- Estimular a criança e os seus pais para a leitura;
- Estimular a requisição de livros, levando a criar um momento de leitura em casa;
- Tornar os pais uns verdadeiros mediadores de leitura;
- Criar novos leitores;
- Aproximar a biblioteca, bem como todos os seus serviços dos pais e da criança.

4.1.3 – CONTEXTOS

O Projecto terá lugar na sala da hora do conto, os pais e as crianças são convidadas a partilhar um ambiente de leitura, conforto e lazer, onde haverá diversos livros adequados a diferentes idades.

4.1.4 – TEMPOS

O Projecto será dinamizado na última quarta-feira de cada mês, por volta das 18 H, podendo esta data ser alterada, mediante a necessidade da comunidade de leitores.

Este projecto tem início no dia 28 de Outubro de 2009 e o seu término no dia 28 de Abril de 2010.

Terá o total de 7 sessões de promoção da leitura.

Durante a duração do Projecto será criada uma caderneta para cada par de leitores “AS MINHAS LEITURAS” (anexo 14), onde ficarão registados todos os momentos de leitura a dois. Esta ficará na Biblioteca Municipal de Castelo Branco, e será entregue no final do projecto.

Este registo poderá ser feito através da escrita ou de um desenho.

Em todas as sessões será entregue um desdobrável aos pais “GUIA PARA PAIS” (anexo 15), onde terão indicações de leitura a dois em casa, bem como propostas de leitura para os pais.

4.2 - ACTIVIDADES

As actividades têm de ter em conta as teorias e os conceitos aprofundados no âmbito do corpo teórico do nosso trabalho, fundamentalmente no âmbito do perfil do mediador.

Quanto à estrutura da actividade, todas obedecem ao seguinte figurino: justificação da actividade; objectivos da actividade; descrição da actividade e por último avaliação da actividade.

1.ª ACTIVIDADE – 28 de Outubro de 2009 (anexo 16).



Título : “A que sabe a lua”

Autor: Miachel Grejniec

Editora: Kalandraka

Sinopse: A tartaruga, o elefante, a girafa, a zebra, o leão, o raposo, o macaco e o rato querem tanto descobrir a que sabe a Lua que vão encontrar uma maneira de a provar, mas para isso vão ter de trabalhar em conjunto...

Atelier de Expressão Plástica: “O nosso calendário”

Justificação:

Como refere Giasson (1993), a compreensão da leitura exige uma interacção com os contextos. Ora, os pais como verdadeiros mediadores de leitura podem e devem enriquecer os contextos, neste caso a casa onde vivem, em espaços de verdadeira literacia literária. Cremos que narrativas como esta poderão começar a fazer parte do conjunto dos livros presentes nas estantes das famílias.

Descrição:

- Explicação do Projecto da comunidade de leitores e entrega da caderneta “AS MINHAS LEITURAS”;
- Leitura da história “A que sabe a Lua” de Miachel Grejniec
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história, sobre as suas personagens e a mensagem que transmite;

- Dinamização do atelier de expressão plástica (será entregue um calendário para o ano de 2010, que será ilustrado com momentos ou frases da história).

Avaliação:

Nesta 1.ª sessão tivemos casa cheia, 20 pares (20 adultos e 20 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

Inicialmente, explicámos em que consistia o Projecto “Ler a Dois”, como se iria processar toda esta criação de uma comunidade de leitores.

De seguida, leu-se a história “A que sabe a lua”, onde todos tiveram a oportunidade de participar activamente na história.

Após este momento, elaborámos o calendário para o ano 2010. As famílias preencheram em conjunto a caderneta “As Minhas Leituras”.

No final, entregámos aos adultos as sugestões de leitura em casa, bem como um certificado de participação por ali terem estado, e um pequeno questionário de avaliação da acção (anexo 17).

Nome da Criança	Idade da Criança	Adulto que esteve na acção
Margarida	3	Mãe
Matilde B.	4	Mãe
Matilde	5	Pai
Ana	6	Mãe
João	4	Mãe
Mariana	8	Mãe
Guilherme	4	Pai
João L.	4	Madrinha
Jorge S.	6	Mãe
Laura	4	Mãe
Rodrigo	5	Pai
Francisco	5	Avó
Bruno L.	5	Mãe
Tomás	4	Tia
Carolina	4	Mãe
Mariana S.	5	Mãe
David	7	Mãe
Filipe	6	Pai e Mãe
Duarte	3	Pai e Mãe
Carlota	7	Prima

Quadro n.º 2 – Presenças – 1.º sessão

Como podemos verificar no quadro n.º 2, participaram 20 crianças. Das 20 crianças, 9 meninas e 11 meninos.

A maioria das crianças estava acompanhada pelas mães, à exceção de 2 meninos e 2 meninas que iam acompanhados pelo pai; 1 menino acompanhado pela avó, 1 menino acompanhado pela madrinha e 1 menina acompanhada pela prima.

Habilitações Académicas dos Adultos:

Sexo do Adulto	Habilitações Académicas
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior

Quadro n.º 3 – Habilitações Literárias – 1.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior, com exceção de um pai que tem o ensino secundário.

2.ª ACTIVIDADE – 25 de Novembro de 2009 (anexo 18).



Título : "O Pinto Careca"

Autor: Marisa Nuñez

Editora: Kalandraka

Sinopse: Era uma vez um pinto careca que andava pelo monte à procura de comida e de fortuna. Um dia ao esgravatar a terra encontrou uma bolsa cheia de moedas de ouro....

Atelier de Expressão Dramática: "QUI QUIRI QUI QUI"

Justificação:

A promoção de uma educação para a cidadania passa pelo desenvolvimento de uma consciência cívica, que permite às crianças tornarem-se cidadãos independentes, responsáveis e intervenientes, em todos os sectores da sociedade onde estão inseridos, propomos aos educadores/professores um conjunto de narrativas literárias de recepção infantil portuguesas actuais, que apontam para o fomento de uma educação multicultural, de uma educação para a democracia e de uma educação ambiental.

(Balça, 2007: 480)

A literatura infanto-juvenil é um excelente recurso pedagógico, sendo que através desta podemos reunir os valores literários, valores estéticos e valores sociais, permitindo, assim, criar momentos de aquisição de saberes, os quais irão permitir um melhor desenvolvimento psico-social da criança.

Descrição::

- Leitura da história "O Pinto Careca" de Marisa Nuñez
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história, sobre as suas personagens e a mensagem que transmite;
- Dinamização do atelier de expressão dramática (recriação de momentos relatados na história, de uma forma expressiva).

Avaliação:

Nesta 2.^a sessão tivemos casa cheia, 22 pares (22 adultos e 22 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

Leu-se a história “O Pinto Careca”, onde todos tiveram a oportunidade de participar activamente na história.

Após este momento, dinamizámos um atelier de expressão dramática, onde todos tivemos a oportunidade de ser o *pinto careca*.

Nome da Criança	Idade da Criança	Adulto que esteve na acção
Rafael	10	Mãe
Matilde B.	4	Mãe
Matilde	5	Pai
Ana	6	Mãe
João	4	Mãe
Mariana	8	Pai
João L.	4	Madrinha
Jorge S.	6	Mãe
Laura	4	Mãe
Rodrigo	5	Pai
Francisco	5	Avó
Bruno L.	5	Mãe
Tomás	4	Tia
Carolina	4	Mãe
Mariana S.	5	Mãe
David	7	Mãe
Filipe	6	Pai
Duarte	3	Pai
Carlota	7	Prima
Sofia	4	Mãe
Guilherme	4	Mãe
Bernardo	3	Mãe

Quadro n.º 4 – Presenças - 2.^a sessão

Como podemos verificar no quadro n.º4, participaram 22 crianças, 13 meninos e 9 meninas. Participaram, pela primeira vez, 2 crianças sendo que as restantes estiveram na primeira sessão.

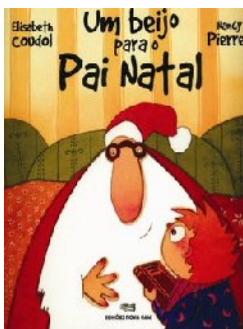
Habilitações Académicas dos Adultos:

Sexo do Adulto	Habilitações Académicas
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior

Quadro n.º 5 – Habilitações Literárias– 2.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior, com excepção de um pai que tem o ensino secundário.

3.ª ACTIVIDADE – 16 de Dezembro de 2009 (anexo 19)



Título : "Um beijo para o Pai Natal"

Autor: Elisabeth Couërol

Editora: Edições Nova Gaia

Sinopse: O pequeno Max decidiu encontrar-se com o rei dos brinquedos e dar-lhe um grande abraço. Mas será que o rei dos brinquedos vem até sua casa? Max vai averiguar junto das decorações de Natal e descobre um homem muito, muito velho que está a tirar uma soneca no sofá de sua sala...

Atelier de Natal: "Uma carta para o Pai Natal"

Justificação:

Como se vivia o tempo de Natal, entendemos que esta actividade se deveria inserir nesta quadra festiva.

Descrição:

- Leitura da história "Um beijo ao Pai Natal" de Elisabeth Couërol
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história, sobre os valores que se pretendem transmitir nesta quadra festiva.
- Dinamização do atelier de Natal (pais e filhos escrevem uma carta conjunta ao Pai Natal, com os presentes que gostariam de receber).

Avaliação:

Nesta 3.ª sessão tivemos 17 pares (17 adultos e 17 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

Nesta sessão, os adultos e as crianças escreveram uma carta ao Pai Natal com os presentes que gostariam de ter pelo Natal.

No final, entregámos aos adultos as sugestões de leitura em casa, bem como um certificado de participação por ali terem estado, e um pequeno questionário de avaliação da acção.

Nome da Criança	Idade da Criança	Adulto que esteve na acção
Margarida	3	Mãe
Ana	6	Mãe
João	4	Mãe
Mariana	8	Mãe
Guilherme	4	Pai
João L.	4	Madrinha
Jorge S.	6	Mãe
Rodrigo	5	Pai
Francisco	5	Avó
Bruno L.	5	Mãe
Tomás	4	Tia
Carolina	4	Mãe
Mariana S.	5	Mãe
David	7	Mãe
Filipe	6	Pai
Duarte	3	Pai
Carlota	7	Prima

Quadro n.º 6- Presenças – 3.ª sessão

Como podemos verificar no quadro n.º 6 , participaram 17 crianças, 11 meninos e 6 meninas.

A maioria das crianças estava acompanhada pelas mães, à excepção de 2 meninos e 2 meninas que iam acompanhados pelo pai; 1 menino acompanhado pela avó, 1 menina acompanhada pela madrinha.

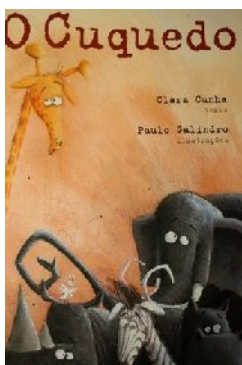
Habilitações Académicas dos adultos

Sexo do Adulto	Habilitações Literárias
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior

Quadro n.º 7 – Habilitações Literárias – 3.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior, com excepção de duas mães que têm o ensino secundário.

4.ª ACTIVIDADE – 27 de Janeiro de 2010 (anexo 20)



Título : "O Cuquedo"

Autor: Clara Cunha

Editora: Livros Horizonte

Sinopse: O Cuquedo chegou à selva e deixou todos os animais em alvoroço. Nunca ninguém o viu, mas dizem que é um animal muito assustador e que prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar...

Atelier de Desenho: "O meu Cuquedo"

Justificação:

As histórias com animais levam sempre a criança a imaginar, e a reflectir no que estes poderão fazer ao longo da narrativa. Segundo Pires (2007) existem narrativas que falam sobre a natureza, animais e através das quais as crianças poderão desenvolver a educação moral, através das histórias e de todos os valores que elas transmitem.

Descrição:

- Dinamizações da história, todos irão participar nesta história;
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história, e como será o Cuquedo;
- Dinamização do atelier de desenho – pais e filhos irão desenhar o seu Cuquedo sem nunca terem visto a imagem do Cuquedo na história.
- No final, mostra-se a imagem do Cuquedo do livro para ver se existem semelhanças com os seus desenhos.

Avaliação:

Nesta 4.ª sessão, 17 pares (17 adultos e 17 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

De seguida, leu-se a história "Cuquedo", onde todos tiveram a oportunidade de participar activamente na história.

Após a exploração do conto, realizou-se uma actividade de expressão plástica, onde cada um desenhou o seu cuquedo.

No final, entregámos aos adultos as sugestões de leitura em casa, bem como um certificado de participação por ali terem estado, e um pequeno questionário de avaliação da acção.

Nome da Criança	Idade da Criança	Adulto que esteve na acção
Pedro P.	6	Mãe
Bruna N.	10	Pai e Mãe
Matilde	5	Pai
Ana	6	Mãe
João	4	Mãe
Mariana	8	Pai e Mãe
Guilherme	4	Pai e Mãe
Dinis B.	3	Mãe
Madalena L.	3	Mãe
Sofia M.	4	Mãe
Gonçalo L.	5	Amiga
Eduarda N.	5	Pai e Mãe
Maria Manuel	3	Mãe
Leonor	6	Mãe
Rafael	10	Mãe
Jorge S.	6	Mãe
Rui C.	7	Mãe

Quadro n.º 8 – Presenças – 4.ª sessão

Como podemos verificar no quadro n.º 8, participaram 17 crianças. Das 17 crianças, 9 meninas e 8 meninos.

A maioria das crianças estava acompanhada pelas mães, à excepção de 1 menina que ia acompanhada pelo pai; 1 menino acompanhado pela amiga, 3 meninas e 1 menino acompanhado pelo pai e mãe.

Habilitações Académicas dos adultos

Sexo do Adulto	Habilitações Literárias
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior

Quadro n.º 9 – Habilitações Literárias – 4.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior com excepção de duas mães que têm o ensino secundário.

5.ª ACTIVIDADE – 24 de Fevereiro de 2010 (anexo 21)

Título : "Não faças isso, Rita Salpico"

Autor: Cressida Cowell

Editora: Livros Horizonte

Sinopse: A história fala de uma menina chamada Rita que fazia asneiras a toda a hora. Por isso, a mãe tinha que se zangar muitas vezes com ela e estava sempre a dizer-lhe: não faças isso, Rita Salpico

Atelier: "O meu nome em Braille"

Justificação:

Como já foi referido por Giasson (1993), através desta história, tentamos que a criança relacione o que ouve da história, ou seja, aquilo que compreende da história com acontecimentos de vida anteriores.

Descrição::

- Leitura da história “Não Faça Isso Rita Salpico” de Cressida Cowell
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história, sobre as suas personagens e a mensagem que transmite;
- Dinamização do atelier onde se irá escrever o nome de cada criança em Braille.

Avaliação:

Nesta 5.^a sessão tivemos casa cheia, 18 pares (18 adultos e 18 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

Leu-se a história “Não faça isso Rita Salpico”, onde tivemos a participação do Presidente da ACAPO a participar na história. No final, cada criança viu o seu nome ser escrito em Braille.

Nome da Criança	Idade da Criança	Adulto que esteve na acção
Matilde	5	Pai
Ana	6	Mãe
João	4	Mãe
Mariana	8	Pai e Mãe
Pedro P.	6	Mãe
Dinis B.	3	Mãe
Matilde S.	2	Mãe
Rui C.	7	Mãe
João B.	7	Mãe
Manuel F.	8	Mãe
Guilherme	4	Mãe
Matilde B.	4	Mãe
Eduarda	5	Pai e Mãe
Jorge S.	6	Mãe
Inês S.	4	Mãe
Leonor	6	Mãe
Maria Manuel	3	Mãe
Bruna	10	Mãe e Pai

Quadro n.º 10 – Presenças – 5.^a sessão

Como podemos verificar no quadro n.º 10, participaram 18 crianças, 8 meninos e 10 meninas. Participaram, pela primeira vez, 2 crianças sendo que as restantes estiveram nas sessões anteriores

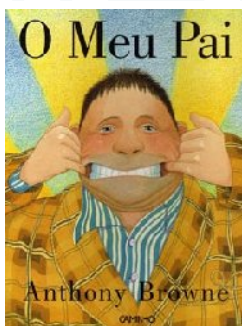
Habilitações Académicas dos adultos

Sexo do Adulto	Habilitações Académicas
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	9º Ano
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	9º Ano
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário

Quadro n.º 11 – Habilitações Literárias – 5.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior, com excepção de 1 mãe e 1 pai que têm o ensino secundário. E duas mães que têm o 9.º ano.

6.ª ACTIVIDADE – 17 de Março de 2010 (anexo 22)



Título : "O meu pai"

Autor: Anthony Browne

Editora: Caminho

Sinopse: "O meu pai às vezes parece que sabe tudo, outras vezes nem por isso.

O meu pai é óptimo."

Atelier : "Vamos fazer uma prenda para o Pai"

Justificação:

Como se aproxima o dia do pai, entendemos que deveríamos comemorar a efeméride.

Descrição:

- Leitura da história;
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história;
- Dinamização do atelier – elaboração da prenda do dia do Pai.

Avaliação:

Nesta 6.^a sessão tivemos casa cheia, 17 pares (17 adultos e 17 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

Nome da Criança	Idade da Criança	Adulto que esteve na acção
Eduarda	5	Mãe e Pai
João B.	7	Mãe
João	4	Mãe
Mariana	8	Pai
Guilherme	4	Mãe
Bruna N.	10	Pai
Ana	6	Mãe
João C.	10	Mãe
Rui C.	7	Mãe
Matilde J.	5	Pai
Dinis	3	Mãe
Maria Manuel	3	Mãe
Leonor M.	6	Mãe
Madalena L.	3	Mãe
Bernardo F.	2	Avó
Pedro P.	6	Mãe
Sofia	4	Mãe
Matilde B.	4	Mãe
Laura	4	Mãe
Manuel F.	8	Mãe

Quadro n.º 12 – Presenças – 6.^a sessão

Como podemos verificar no quadro n.º 12, participaram 17 crianças, 11 meninos e 6 meninas.

A maioria das crianças estava acompanhada pelas mães, à exceção de 2 meninos e 2 meninas que iam acompanhados pelo pai; 1 menino acompanhado pela avó, 1 menina acompanhada pela madrinha.

Habilitações Académicas dos adultos

Sexo do adulto	Habilitações Académicas
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior

Quadro n.º 13 – Habilitações Literárias – 6.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior, com excepção de 3 mães que têm o ensino secundário.

7.ª ACTIVIDADE – 28 de Abril de 2010 (anexo 23)



Título : "Adivinha quanto eu gosto de ti"

Autor: Sam McBratney

Editora: Caminho

Sinopse: "A Pequena Lebre Castanha, que se ia deitar, agarrou-se bem agarrada às orelhas muito compridas da Grande Lebre Castanha. E disse: consegues adivinhar quanto eu gosto de ti?"

Atelier: "Vamos fazer a prenda para a Mãe"

Justificação:

Como se aproxima o dia da mãe, entendemos que deveríamos comemorar a efeméride.

Descrição:

- Leitura da história;
- Diálogo com as crianças e os pais, acerca da história;
- Dinamização do atelier – elaboração da prenda do dia da mãe

Avaliação:

Nesta 7.^a sessão tivemos casa cheia, 27 pares (27 adultos e 27 crianças). A maior parte das crianças veio acompanhada dos pais, avós e outros familiares próximos.

NOME	IDADE	ADULTO QUE ESTEVE NA ACÇÃO
Rafael	10	Mãe
João	4	Mãe
Eduarda	5	Mãe
Ana	6	Mãe
Matilde	5	Pai
Leonor	6	Mãe
Maria Manuel	3	Mãe
Pedro	6	Mãe
Bruna	10	Mãe
Dinis	3	Mãe
Madalena	3	Mãe
Mariana	8	Mãe
Sofia	4	Mãe
Guilherme	4	Pai
Bernardo	2	Mãe
Matilde B.	4	Mãe
Mariana B.	8	Madrinha
Rodrigo	4	Mãe
João C.	10	Avó
Eliana	5	Tia
João B.	7	Mãe
Manuel F.	8	Mãe
Rui C.	7	Mãe
Rafael C.	2	Pai
Leonardo	2	Tia
Cristiana	9	Mãe
Manuel G.	4	Mãe

Quadro n.º 14 – Presenças – 7.^a sessão

Como podemos verificar no quadro n.º 14, participaram 27 crianças, 14 meninos e 13 meninas. Participaram, pela primeira vez, 5 crianças sendo que as restantes estiveram nas sessões anteriores.

Habilitações Académicas dos adultos

Sexo do adulto	Habilitações Académicas
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Secundário
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Masculino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	Ensino Superior
Feminino	4º Ano

Quadro n.º 15 – Habilitações Literárias – 7.ª sessão

No que se refere às habilitações académicas dos pais, verificámos que a maioria possui o ensino superior com excepção de 5 mães que possuem o ensino secundário e uma mãe que possuem o 4.º ano de escolaridade.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Como já foi referido, a biblioteca pública tem como objectivo principal levar a informação e cultura ao maior número de indivíduos possível, sobretudo às crianças e aos jovens.

Mas, a biblioteca terá de criar novos projectos de promoção da leitura junto da comunidade, permitindo, assim, a fomentação e criação de leitura.

Não temos dúvidas de que o nosso Projecto tem trazido à Biblioteca famílias que desejam que os filhos possam ser leitores e que não tinham até agora hábitos de leitura.

Cada vez mais, assistimos a uma consciencialização da parte da população sobre o valor da leitura, na formação de jovens capazes de responderem às solicitações da sociedade actual.

A Biblioteca Municipal de Castelo Branco, ao promover projectos como o nosso, enquadra-se no leque das bibliotecas modernas que sabem qual é o caminho a seguir, formando leitores modernos, críticos, conscientes do processo de construção de histórias e da sua natureza ficcional e literária que contribuirão, certamente, para o desenvolvimento da narrativa e da identidade individual e social dos sujeitos que a procuram.

Para que estes projectos possam ter uma dinâmica, surge assim, a literatura infantil. Ora, os livros ocupam um lugar por excelência, na vida das crianças. Estes levam-nas a sonhar, a construir a sua própria identidade, vivenciando tudo aquilo que lêem.

Assim, poderemos dizer que a literatura infantil irá influenciar todas as atitudes e valores nos futuros “homens de amanhã”. O lúdico ocupa, forçosamente, lugar de destaque, pelo teor apelativo das actividades e, dentro deste âmbito, cativando novos públicos, novos utilizadores, formando novos leitores. Seguindo este paradigma, a Biblioteca Municipal de Castelo Branco motiva para o prazer e o gosto pela leitura, desde a primeira infância:

Um leitor forma-se desde o berço. Qualquer criança tem condições mais favoráveis para reconhecer a importância da leitura e adquirir o gosto de ler, se vive num ambiente onde o recurso ao livro entrou, com naturalidade, no conjunto dos hábitos quotidianos.”

(Gomes, 2000:11)

A nossa comunidade de leitores, surgiu do Projecto “Ler a Dois”, onde se dinamizaram 7 sessões de leitura, entre pais e filhos. Neste âmbito, formámos pais como mediadores de leitura, bem como, incentivámos filhos para o prazer da leitura.

Devemos realçar o facto de que inicialmente propusemos 15 pares para a realização de cada actividade. Mas, felizmente, estes números foram ultrapassados.

Consequentemente, houve um aumento da requisição de livros infanto-juvenis. Estes pais têm a preocupação em levar o livro para casa, para que possam fazer uma leitura conjunta.

O Projecto “Ler a dois” terminou no dia 28 de Abril de 2010, mas os pais propuseram continuar o projecto até ao final do ano lectivo, tomando eles a orientação desta comunidade de leitores, fidelizando assim este público.

No início desta dissertação formulámos as seguintes questões: Poderemos considerar a Biblioteca Municipal de Castelo Branco, espaço de excelência, de encontro de gerações, de formação de novos leitores e formação de mediadores? Nesse sentido de processos utilizar? Que actividades promover?

Com o decorrer do Projecto, ficámos convictos que conseguimos responder às questões anteriormente formuladas. Neste sentido, temos uma biblioteca capaz de reunir as mais diversas gerações, formamos a todo o momento novos leitores, dinamizamos e promovemos a leitura, desde a primeira infância.

Este projecto permitiu actividades de leitura conjunta, envolvendo pais e crianças, estimulando a aprendizagem da leitura, bem como relações de afecto e cumplicidade.

Reforçando esta ideia, foi criado um projecto paralelo ao “Ler a Dois”, para crianças dos 4 aos 36 meses, o qual se denomina “Histórias com colo”.

Ao longo desta dissertação, temos a certeza de que estes projectos terão continuidade na nossa Biblioteca. Por isso, terminamos com esta citação de Eco.

Penso que num lugar tão venerado seja oportuno começar, como numa cerimónia religiosa, pela leitura do livro, não com uma finalidade informativa, pois quando se lê um livro sagrado já toda a gente sabe o que o livro diz, mas com funções litânicas e para predispor bem o espírito.

(ECO, 1987:9)

Acreditamos, assim, que a Biblioteca tenta responder a todos os que a procuram, numa perspectiva “compensatória”, tal como Gimeno a definiu, cientes de que o prémio alcançado fará parte da identidade da nossa cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Teresa (2007) Literatura infanto-juvenil: contornos de uma estética de porvir. In, *Imaginários, Identidades e Margens*. Coord. Azevedo, Araújo, Sousa Pereira e Filipe Araújo. Porto: Gailivro

AZEVEDO, Fernando (2006). *Língua Materna e Literatura Infantil – Elementos nucleares para professores do ensino básico*. Lisboa : Lidel.

AZEVEDO, Fernando (2007). *Formar leitores – Das Teorias às Práticas*. Porto: Porto Editora.

AZEVEDO, Fernando (2007). Construir e consolidar comunidades leitoras em contextos não escolares. In, *Formar leitores – Das Teorias às Práticas*. Porto: Porto Editora.

AZEVEDO, Fernando (2007). *Imaginário, Identidade e Margens: Estudos em torno da Literatura Infanto-Juvenil*. Porto: Edições Gailivro.

AZEVEDO, Fernando (2008). Bibliotecas escolares e formação de leitores. In, Revista À Beira N.º 8. Covilhã: Universidade da Beira Interior

AZEVEDO, Fernando; SARDINHA, Maria da Graça (2009). *Modelos e práticas em literacia*, Lisboa: Lidel

BALÇA, Ângela (2007). Era uma vez...da literatura infantil à educação para a cidadania. . In, *Imaginários, Identidades e Margens*. Coord. Azevedo, Araújo, Sousa Pereira e Filipe Araújo. Porto: Gailivro

BARATA, Paulo J.S. (2003). *O livros e o Liberalismo: Da livraria conventual à biblioteca pública: uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

BARATA, Paulo J.S. (2005). As bibliotecas no liberalismo: definição de uma política cultural de regime. In, Revista Análise Social , vol xl (174) 2005. Páginas 37-63

BASTOS, Glória (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta

BETTELHEIM, Bruno (1987). *Psicanálise dos Contos de Fadas* (3.^a ed). Lisboa: Bertrand Editora

BORTOLUSSI, Marisa (1987). *Análisis teórico del cuento infantil*. Estúdios Alhambra

CERRILLO, Pedro (1990). *Literatura Infantil y Universidad*, In P. Cerrillo, & J. G. Padrino (eds). *Literatura Infantil*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha.

CERRILLO, Pedro; PADRINO, Jaime Garcia (1992). *Literatura infantil y enseñanza de la literatura*.. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha.

CERRILLO, Pedro; PADRINO, Jaime Garcia (1995). *El niño, la literatura y la cultura de la imagen*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha.

CERRILLO, Pedro, et al (2002). *Libros, Lectores y mediadores – La formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizaje*. Cuenca: universidad de Castilla-La Mancha

CERRILLO, Pedro; YUBERO, Santiago (2003). *La formación de mediadores para la promoción de la lectura*.. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha.

CERRILLO, Pedro (2006). *Literatura Infantil e a mediação da leitura*. In, AZEVEDO, F. (coord). *Língua Materna e Literatura Infantil – Elementos nucleares para professores do ensino básico*, Lisboa: Lidel.

CERVERA, Juan (1992). *Teoria de la literatura infantil*. Bilbao: Ediciones Mensajero

CRUZ, Vitor (2007). *Uma abordagem cognitiva da leitura*. Lisboa: Lidel

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1998). *1º Ciclo do Ensino Básico. Organização curricular e programas.* Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.

ECO, Umberto (1987). *A Biblioteca.* Lisboa. Difel.

GASCUEL, Jacqueline (1987). *Um espaço para o livro – como criar, animar ou renovar uma biblioteca.* Lisboa. Publicações D. Quixote

GIASSON, Jocelyne (1993). *A compreensão da leitura.* Lisboa: Edições Asa

GOMES, José António (1998). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a juventude.* Lisboa: Instituto Português do Livro e das bibliotecas.

GOMES, José António (2000). *Da nascente à voz – contributos para uma pedagogia da leitura.* Lisboa. Caminho

LOBO, Ernesto Pinto; LUCAS, Francisco António Caldeira. (1981). *A Biblioteca Municipal de Castelo Branco.* Castelo Branco

MANGUEL, Alberto (1999). *Uma história da leitura (2.ªed).* Lisboa: Editorial Presença

MELO, Daniel (2005). As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-198). In, *Revista Análise Social*, vol XI (174) 2005. Páginas 65-86

MERGULHÃO, Teresa (2007). Literatura para crianças: contributo para uma (re)definição. In, *Imaginários, Identidades e Margens.* Coord. Azevedo, Araújo, Sousa Pereira e Filipe Araújo. Porto: Gaialivro

MIALARET, Gaston (1997). *A aprendizagem da leitura.* Lisboa: Editorial Estampa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME-DEB

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Departamento da Educação Básica(2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais*. Lisboa: ME-DEB.

MORAIS, José (1997). *A arte de ler: psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Cosmo.

NEVES, José Soares, LIMA, Maria João, BORGES, Vera (2007). *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*. Lisboa: GEPE

NUNES, Henrique Barreto (1998). *Da biblioteca ao leitor – estudos sobre a literatura pública*. Braga. Autores de Braga.

PENNAC, Daniel (1993). *Como um romance* (3.^a ed). Porto: Edições Asa.

PIRES, Maria Natividade (2007). *Sociedade e natureza: que contribuições para uma identidade.* . In, *Imaginários, Identidades e Margens*. Coord. Azevedo, Araújo, Sousa Pereira e Filipe Araújo. Porto: Gailivro

POSLANEIEC, Christian (2005) *Incentivar o prazer de ler: actividades de leitura para jovens*. Porto: Edições Asa

RAMOS, Isabel (2008). *Escola e família – comunidade de leitores em contextos escolares e não escolares*. Dissertação de tese de mestrado – Grau de Mestre em letras, especialidade artísticos, culturais e linguísticos e literários. Covilhã : Universidade da Beira Interior.

ROXO, António (1880). *Monografia de Castelo Branco*. Edição do autor. Castelo Branco

SACRISTÁN, José Gimeno (2008). *A educação que ainda é possível: ensaios sobre a cultura para a educação*. Porto. Porto Editora.

SANTOS, Manuel Tavares (1958). *Castelo Branco na história e na arte*. Castelo Branco. Edição do autor.

SARDINHA, Maria da Graça (2007). Formas de ler: Ontem e Hoje, *In Formar leitores das Teorias às Práticas* (coord.) Fernando Azevedo. Lidel.

SARDINHA, Maria da Graça (2008). Promoção social da leitura: cenário(s) de comunidade de leitores. In, Revista À Beira N.º 8. Covilhã: Universidade da Beira Interior

SILVA, Lino Moreira (2000). *Bibliotecas Escolares – um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga.Livraria Minho.

SOARES, Magda Becker (1991) As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto”. In, Regina Zilbarman & Ezaquiel Theodoro da Silva (orgs). *Leitura – Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Editora Ática, S.A.

USHERWOOD, Bob (1989). *A Biblioteca Pública como conhecimento público*. Lisboa. Editorial Caminho

VIANA, Fernanda Leopoldina Parente (2002). *Da linguagem oral à leitura: construção e validação do teste de identificação de competências linguísticas*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

VILAS-BOAS, António José (2005). *Oficinas de leitura – criar e manter comunidades de leitores na escola*. Lisboa: Edições Asa

OUTRA BIBLIOGRAFIA

BROWNE, Anthony (2009). *O meu pai*. Lisboa Caminho

COULD, Elisabeth (2001). *Um beijo para o Pai Natal*. Vila Nova de Gaia.
Edições Nova Gaia

COWELL, Cressida (1999). *Não faças isso, Rita Salpico!* Lisboa. Livros
Horizonte

CUNHA, Clara (2008). *O Cuquedo*. Lisboa. Livros Horizonte

CADERNOS BAD 3. (1994). Lisboa: Associação Portuguesa de Biliotecas,
Arquivistas e Documentalistas.

GREJNIEC, Miachel (2003). *A que sabe a lua*. Lisboa. Kalandraka.

MCBRATNEY, Sam (2004). *Adivinha quanto eu gosto de ti*. Lisboa. Caminho

NUÑEZ, Marisa (2004). *O pinto Careca*. Lisboa. Kalandraka

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS n.º 86 / 2006 de 12 de Junho

WEBGRAFIA

DIRECÇÃO GERAL DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS. “Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais” [<http://www.dglb.pt/> acedido a 12.02.2010]

CASA DA LEITURA [<http://www.casadaleitura.org/> acedido a 14.02.2010]

CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO [<http://www.cm-castelobranco.pt/> acedido a 20.10.2009]

CENSOS 2001

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_2001 acedido a 12.11.2009]

CHARTIER, Roger Comunidade de Leitores [<http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/imago/site/recepcao/textos/barbara.pdf> acedido a 17.04.2010]

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN [<http://www.gulbenkian.pt/> acedido a 10.01.2010]

PLANO NACIONAL DE LEITURA [<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/> acedido a 11.01.2010]

Programme for International Student Assessment 2000 [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=33&fileName=conceitos_literacia_matematica.pdf acedido a 20.12.2009]

PROLE, António (2004). A experiência das comunidades de leitores em Portugal. Da literatura à vida, da vida à literatura. [Url: http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_comunidades_a_C.pdf , acedido a 15.10. 2009].

PROLE, António (2006). “Como fazer um Projecto de Promoção da Leitura” [Url: http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf , acedido a 15.10. 2009].

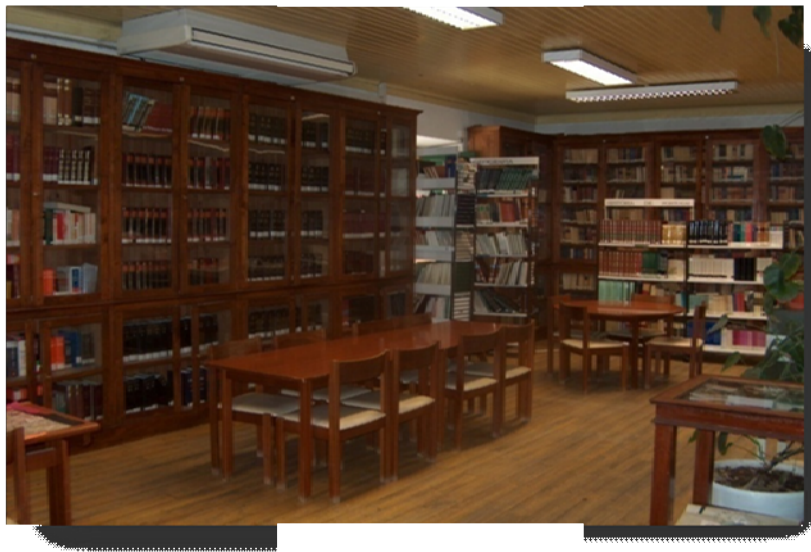
UNESCO (1994). *Manifesto da Unesco sobre as bibliotecas escolares*. [Url: <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm> acedido a 20.10.2009].

ANEXOS

ANEXO 1



Fachada da Biblioteca Municipal Dr. Jaime Lopes Dias



Interior da Biblioteca



Depósitos

ANEXO 2



Exterior da Biblioteca 1



Exterior da Biblioteca 2

ANEXO 3



Bar e acesso ao primeiro piso



Sala Polivalente



Sala Polivalente 2

ANEXO 4



Balcão principal

ANEXO 5



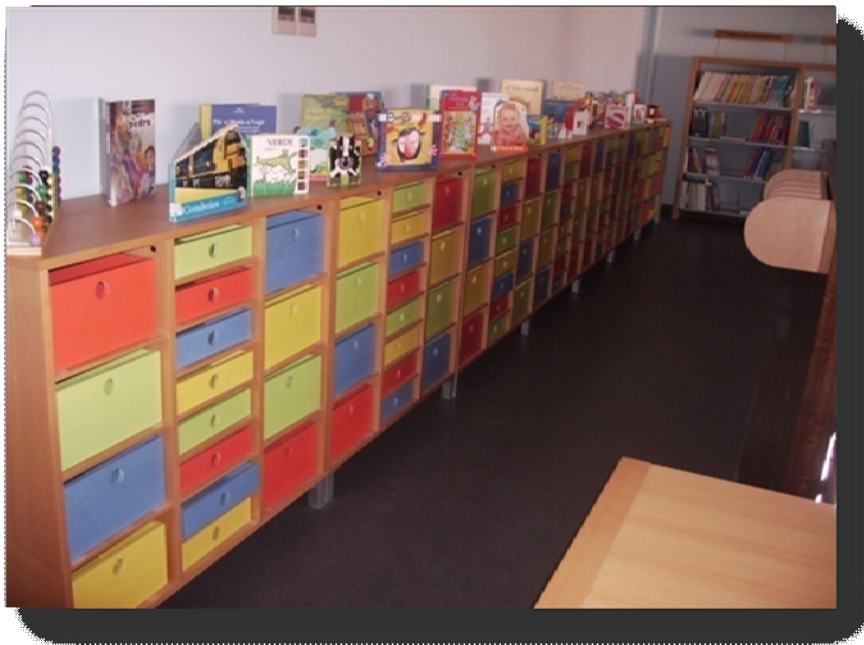
Multimédia - Adultos



Área adultos



Sala da Hora do Conto



Secção infantil



Secção infantil – sala de leitura e actividades



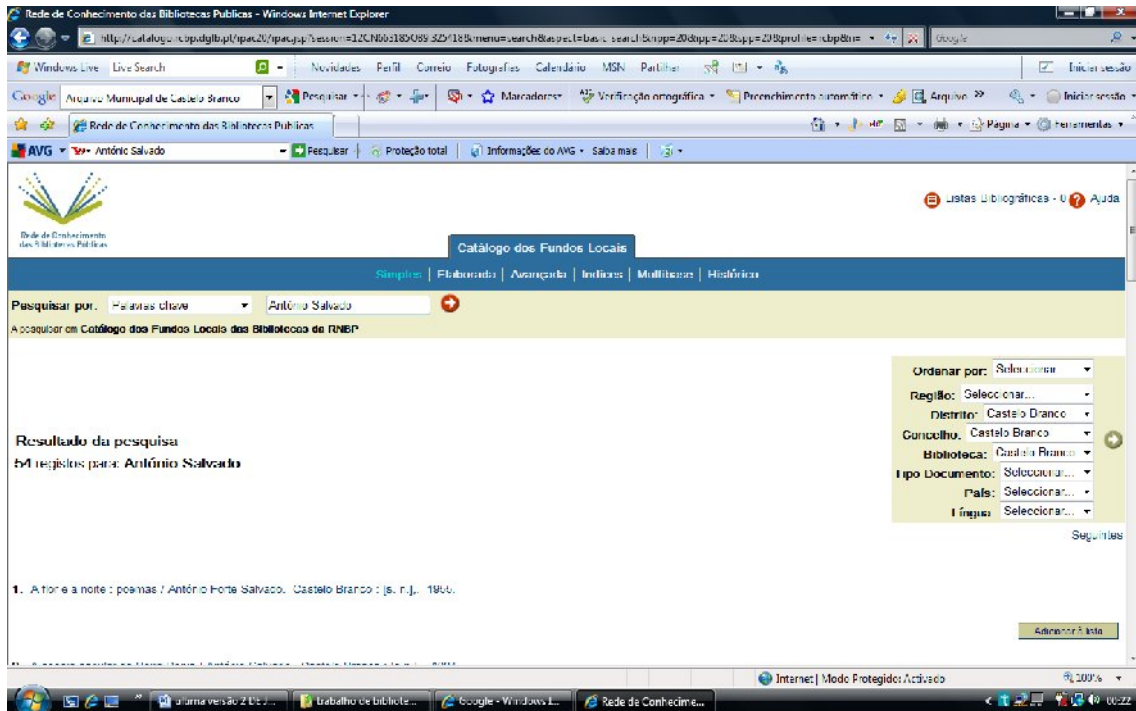
Sensibilização para o livro



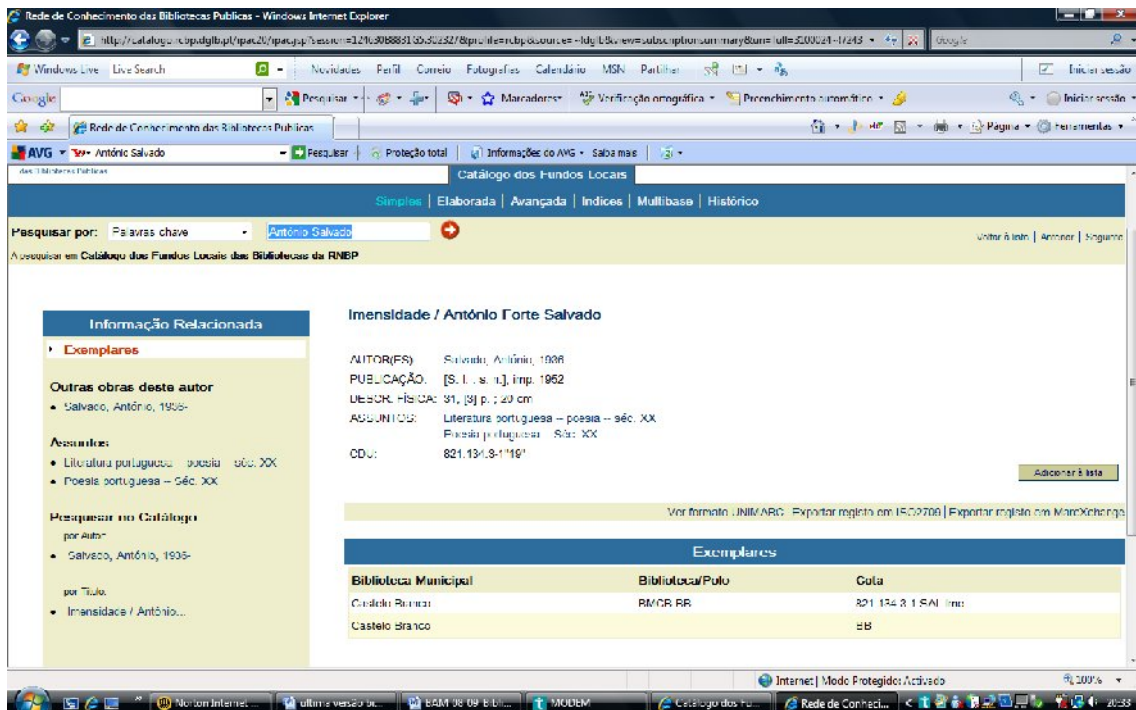
Depósito Geral



Estantes de correr

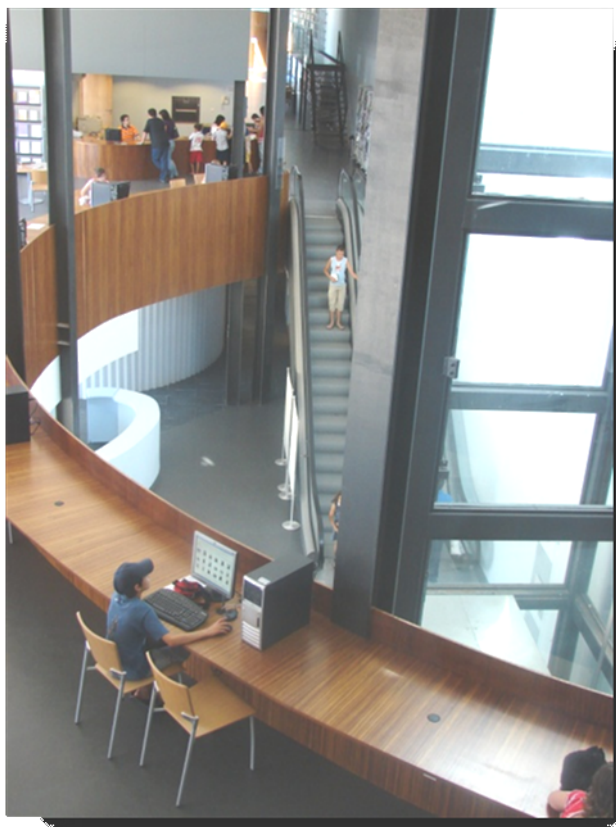


Consulta de parte do Fundo da Biblioteca Municipal de Castelo Branco através da Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas <http://rcbp.dglb.pt/pt/Paginas/default.aspx>



Exemplo de pesquisa

ANEXO 9



Utilizadores da Internet



Projecto de Promoção e Animação da Leitura
Ano Lectivo 2009/2010



“E se eu fosse um LIVRO?”

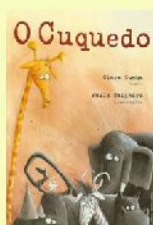
Biblioteca Municipal de Castelo Branco

Projecto de Promoção e
Animação da Leitura

Ano Lectivo 2009/2010
Pré-Escolar e 1.º Ciclo



OUTUBRO



HORA DO CONTO: “O CUQUEDO” DE CLARA CUNHA
06 A 29 DE OUTUBRO DE 2009



O Cuquedo chegou à selva e deixou todos os animais em alvoroço. Nunca ninguém o viu, mas dizem que é um animal muito assustador e que prega sustos a quem estiver parado no mesmo lugar...

Objectivo: motivar para o livro e a leitura; apelar à imaginação e à criatividade.

ATELIÉ DE DESENHO: “O MEU CUQUEDO...”
06 A 29 DE OUTUBRO DE 2009



HOJE É DIA ...
DAS BRUXAS - 30 DE OUTUBRO DE 2009

Objectivo: desenvolvimento de actividades relacionadas com a efeméride



NOVEMBRO



MARIA CASTANHA
HORA DO CONTO: "A MARIA CASTANHA"
02 A 19 DE NOVEMBRO DE 2009

Uma vez apareceu no jardim uma menina diferente: não tinha bochechas encarnadas, mas uma carinha redonda, castanha, com dois grandes olhos escuros e brilhantes. Chamava-se Maria Castanha.

Objectivo: motivar para o livro e a leitura; comemoração do S. Martinho; promover a interculturalidade

ATELIÊ DE EXPRESSÃO PLÁSTICA:
"VAMOS PINTAR COM CAFÉ..."
02 A 19 DE NOVEMBRO DE 2009



HOJE É O DIA ...
DOS DIREITOS INTERNACIONAIS DA CRIANÇA
20 DE NOVEMBRO DE 2009

Objectivo: desenvolvimento de actividades relacionadas com a efeméride



DEZEMBRO



HORA DO CONTO: "CONTO DE NATAL" (A DESIGNAR)
02 A 17 DE DEZEMBRO DE 2009

Conto a designar sobre a época festiva do Natal

Objectivo: motivar para o livro e a leitura promover o espírito natalício.

ATELIÊ DE NATAL: "ENFEITES PARA A MINHA ÁRVORE DE NATAL"
02 A 17 DE DEZEMBRO DE 2009



CONCURSO:

"Criar de novo: Presépio com materiais de Desperdício"

Trabalhos entregues até 15 de Dezembro de 2009

Exposição dos trabalhos 16 de Dezembro de 2009 a 16 de Janeiro de 2010.



JANEIRO



HORA DO CONTO: "ESTÓRIAS DOS MEUS AVÓS" 04 A 22 DE JANEIRO DE 2010

Conto, lenda ou tradição oral do tempo dos meus avós.
Objectivo: reconhecer e valorizar tradições usos e costumes, tanto a nível cultural, como agrícola, gastronómico e outros.

ATELIÊ: "À PROCURA DAS TRADIÇÕES DOS NOSSOS AVÓS"

04 A 22 DE JANEIRO DE 2010



FEVEREIRO



ATELIÊ DE CARNAVAL: "MÁSCARAS PARA TODOS"

01 A 12 DE FEVEREIRO DE 2010

ESPECIAL S. VALENTIM

17 A 19 DE FEVEREIRO DE 2010

Objectivos: Divulgar curiosidades e origens da efeméride; motivar para a leitura de diferentes estilos literários; que falam de amor.



MARÇO



HORA DO CONTO: HISTÓRIAS RELACIONADAS COM A PÁSCOA 01 A 26 DE MARÇO DE 2010

Conto a designar sobre a época festiva da Páscoa

Objectivo: motivar para o livro e a leitura promover o espírito paschal.

ATELIÊ DA PÁSCOA 01 A 26 DE MARÇO DE 2010



ESPECIAL DIA DO PAI

15 A 19 DE MARÇO DE 2010

Objectivos: Divulgar curiosidades e origens da efeméride: elaboração da prenda para o pai



MÊS DO LIVRO E DA LIBERDADE

ABRIL



SEMANA DO LIVRO INFANTIL

HORA DO CONTO: "A ovelhinha que veio para jantar" de Steve Smallman (Pré – Escolar, 1.º e 2.º Ano)

07 A 16 DE ABRIL DE 2010



Fala de um lobo, velhinho e esfomeado, que recebeu inesperadamente a visita de uma ovelhinha. Mal olhou para ela, começou logo a planejar um belo ensopado de borrego. Mas a ovelhinha não queria ser o jantar do lobo. Na verdade, o que ela queria mesmo era... ser apenas amiga dele!

Objectivo: motivar para a leitura; incentivar ao contacto e manuseamento dos livros; comemoração da efeméride.

SEMANA DA LIBERDADE

HORA DO CONTO: "O Tesouro" de Manuel António Pina
(3.º e 4.º ano)

19 A 22 DE ABRIL DE 2010

Os corações exultaram de alegria e as janelas encheram-se de bandeiras e de cravos vermelhos: os soldados puseram cravos vermelhos nas espingardas e as mulheres esqueceram-se do jantar e das limpezas da casa e correram para a rua com os filhos ao colo e cravos vermelhos ao peito, chorando e rindo, comovidas e confusas

Objectivo: Reforçar conhecimentos sobre os principais eventos históricos; Desenvolver os valores da Liberdade, da Independência e da Democracia



ABRIL



ATELIÊ: "Liberdade o que é..."

19 A 22 DE ABRIL DE 2010 – 3.º E 4.º ANO

Objectivos: aprender o significado desta data; reconhecer e respeitar os valores do sistema democrático.

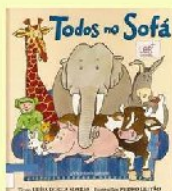
ESPECIAL DIA DA MÃE

26 A 30 DE ABRIL DE 2010

Objectivos: Divulgar curiosidades e origens da efeméride; elaboração da prenda para a mãe.



MAIO PRÉ ESCOLAR



HORA DO CONTO: "TODOS NO SOFÁ" DE LUÍSA DUCLA SOARES
05 A 28 DE MAIO DE 2010

Que bom é estar no sofá!
Mas se nove amigos, entre eles um elefante,
resolverem sentar-se ao nosso lado,
o que acontecerá?

Objectivo: motivar para o livro e a leitura; fornecer instrumentos para a melhoria do domínio da matemática.

ATELIÊ DE CONSTRUÇÃO: "O meu puzzle..."
05 A 28 DE MAIO DE 2010



MAIO – 1.º CICLO



HORA DO CONTO: "A ARCA DOS CONTOS" DE MARIA TERESA MEIRELES
(3.º e 4.º ano)

05 A 28 DE MAIO DE 2010

A ARCA DOS CONTOS é um jogo de cartas para estimular a criatividade e o gosto pela leitura. A arca, o baú, a caixa são espaços fechados onde se guardam, preservam ou escondem segredos, ... Objectivo: motivar para o livro e a leitura; fornecer instrumentos para a melhoria do domínio da expressão escrita

ATELIÉ DE ESCRITA CRIATIVA: "Oficina da imaginação..."
05 A 28 DE MAIO DE 2010



HORA DO CONTO: "O GATO COMILÃO" DE OLIVEIRO DUMAS
(1.º e 2.º ano)

05 A 28 DE MAIO DE 2010

O *Gato Comilão* recria uma narrativa tradicional de tipo acumulativo, marcada pelas repetições e paralelismos que incentivam uma leitura oralizada e permitem uma fácil memorização.

Objectivo: motivar para o livro e a leitura; fornecer instrumentos para a melhoria do domínio da expressão escrita

ATELIÉ DE ESCRITA CRIATIVA: "O Comboio das Palavras..."
05 A 28 DE MAIO DE 2010



JUNHO



HORA DO CONTO: "A MENINA DO MAR" DE SOPHIA DE MELLO BREYNER
(3.º e 4.º ano) 07 A 18 DE JUNHO DE 2010



Era uma vez um menino que ia sempre à praia. Um dia, o menino ouviu uns barulhos de trás de uma rocha. Era uma Menina do Mar, um caranguejo, um polvo e um peixe.

Ficaram todos amigos, o menino mostrou muitas coisas à Menina do Mar.

Objectivo: motivar para o livro e a leitura; fornecer instrumentos para a melhoria do desenvolvimento artístico e criativo das crianças

HORA DO CONTO: "RATO DO CAMPO E RATO DA CIDADE", DE ALICE VIEIRA
(Pré-Escolar, 1.º e 2.º ano)

07 A 18 DE JUNHO DE 2010

Esta história refere-se a dois ratos que não se sentiam bem nas suas casas. Então, decidiram trocá-las, mas como não se estavam a habituar à sua nova casa, quiseram voltar ao seu querido lar.

Objectivo: motivar para o livro e a leitura; fornecer instrumentos para a melhoria do desenvolvimento artístico e criativo das crianças



JUNHO



ATELIÊ DE EXPRESSÃO PLÁSTICA "OLHÓ ARTISTA..."

07 A 18 DE JUNHO DE 2010

HOJE É O DIA...

DA CRIANÇA – 01 DE JUNHO DE 2010

Objectivo: desenvolvimento de actividades relacionadas com a efeméride



FORMAÇÃO PARA PROFESSORES

26 DE OUTUBRO DE 2009

"DA NARRATIVA AO LIVRO – Técnicas de contar histórias", ÉLCIO DI TRENTO



Parte do prazer que o próprio contador experimenta ao mergulhar no universo fantástico das histórias. O olhar a voz e o corpo integram-se na própria história e geram diálogo com o ouvinte, provocando-o e convidando-o a mergulhar no mundo dos livros.

Temas contados e trabalhados na formação: Contos populares, histórias, fábulas, livros sem texto, poesias, lendas e mitos.

25 DE NOVEMBRO DE 2009

"IR ATÉ A LERLÂNDIA E VIAJAR NELA", Sylviane Rigolet

Todos os que gostam de ler afirmam que a leitura os faz viajar, sem sair do lugar, transportando-os para mundos longínquos, mágicos, segredos, íntimos... Desfrutar de uma viagem, mesmo se esta não correr sempre como previsto, implica saber posicionar-se perante a realidade, sempre nova e diferente a cada curva da paisagem que se nos oferece, com uma postura "sempre à escuta", isto é, abertos à mudança, flexíveis no raciocínio, tolerantes na abordagem à diferença, sensíveis e receptivos às mensagens profundas que dela emanam, capazes de nos adaptarmos à diversidade num espírito largo, respeitoso e curioso.



ACTIVIDADES PERMANENTES SOB MARCAÇÃO PRÉVIA

LER A 2 – A partir de Outubro, a BMCB lança o projecto “Ler a 2” que consiste na promoção da leitura das crianças acompanhadas por um adulto, fortalecendo assim os laços familiares e simultaneamente a competência e o gosto pela leitura.



HORÁRIO:

Mensalmente – na última quarta-feira do mês, por volta das 18 h.

Número mínimo – 5 crianças/5adultos

Número máximo – 15 crianças / 15 adultos

A partir dos 5 anos



HISTÓRIAS COM COLO: VER, LER, OUVIR E SENTIR – A partir de Outubro, a BMCB lança o projecto “Histórias com colo: ver, ler, ouvir e sentir” , que irá permitir uma ligação entre os pais e o bebé, através da leitura, promovendo assim a aquisição de capacidades linguísticas através dos sons e ritmos das histórias contadas e encenadas e muito reconfortantes para os bebés.

HORÁRIO:

Mensalmente – na primeira quarta-feira do mês, por volta das 18 h.



Número mínimo – 5 crianças/5adultos

Número máximo – 15 crianças / 15 adultos

Dos 4 meses aos 3 anos





Utilização do foyer para exposições






Visita Guiada à biblioteca por um grupo de idosos

SIMPLESMENTE LER...

Ler ...
Ler sempre.
Ler muito.
Ler "quase tudo".
Ler com os olhos, os ouvidos, com o tacto, pelos poros e demais sentidos.
Ler com razão e sensibilidade.
Ler desejos, o tempo, o som do silêncio e do vento.
Ler imagens, paisagens, viagens.
Ler verdades e mentiras.
Ler o fracasso, o sucesso, o ilegível, o impensável, as entrelinhas.
Ler na escola, em casa, no campo, na estrada, em qualquer lugar.
Ler a vida e a morte.
Saber ser leitor, tendo o direito de saber ler.
Ler simplesmente ler.

Edith Chacon Theodoro



Horários :

Mensalmente :
Última quarta-feira
ÀS 18 H.

Número mínimo:
5 crianças / 5 adultos

Número máximo:
15 crianças / 15 adultos

INSCRIÇÕES:
PREENCHA A INSCRIÇÃO NO
BALCÃO PRINCIPAL
DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE
CASTELO BRANCO
ATÉ ÀS 17H30m ,
DO DIA 28 DE OUTUBRO DE 2009.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE
CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



28 de Outubro de 2009


18 H

Sala da Hora do Conto


**Inscreeva-se e
apareça com o seu filho**

A PARTIR DOS 3 ANOS

"LER A DOIS"



A partir de Outubro, a BMBB lança o projecto "Ler a 2" que consiste na promoção da leitura das crianças acompanhadas por um adulto, fortalecendo assim os laços familiares e simultaneamente a competência e o gosto pela leitura.



OBJECTIVOS:

- Promover e estimular o gosto pela leitura;
- Envolver pais e crianças em actividades de leitura conjunta;
- Estimular a criança e os seus pais para a leitura;
- Estimular a requisição de livros, levando a criar um momento de leitura em casa;
- Tornar os pais uns mediadores de leitura;
- Criar novos leitores;
- Aproximar a biblioteca, bem como todos os seus serviços dos pais e da criança.

HORA DO CONTO:



Título : "A que sabe a lua"

Autor: Michael Grejniec

Editora: Kalandraka

Resumo: A tartaruga, o elefante, a girafa, a zebra, o leão, o raposo, o macaco e o rato querem tanto descobrir a que sabe a Lua que vão encontrar uma maneira de a provar, mas para isso vão ter de trabalhar em conjunto.



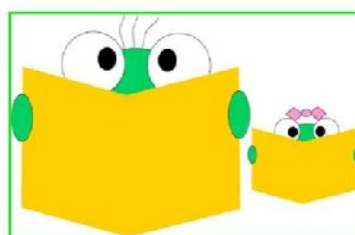
Divulgação do Ler a Dois

Caderneta As Minhas Leituras



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



AS MINHAS LEITURAS

Chamo-me _____

Tenho _____ anos

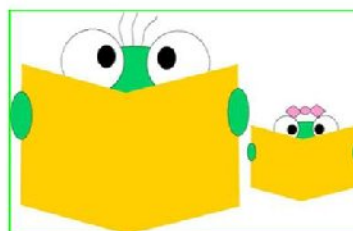




BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"

Data da Actividade _____



Quem estere comigo...

Nome _____

Parentesco _____





BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

28 de Outubro de 2009



QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?

QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?

QUAL A EDITORA?

RESUMO DA HISTÓRIA:





que eu mais gostei na história...

A large, empty rectangular box with a dashed border, intended for a child to draw or write their response to the question above.

Criança





que eu mais gostei na história...

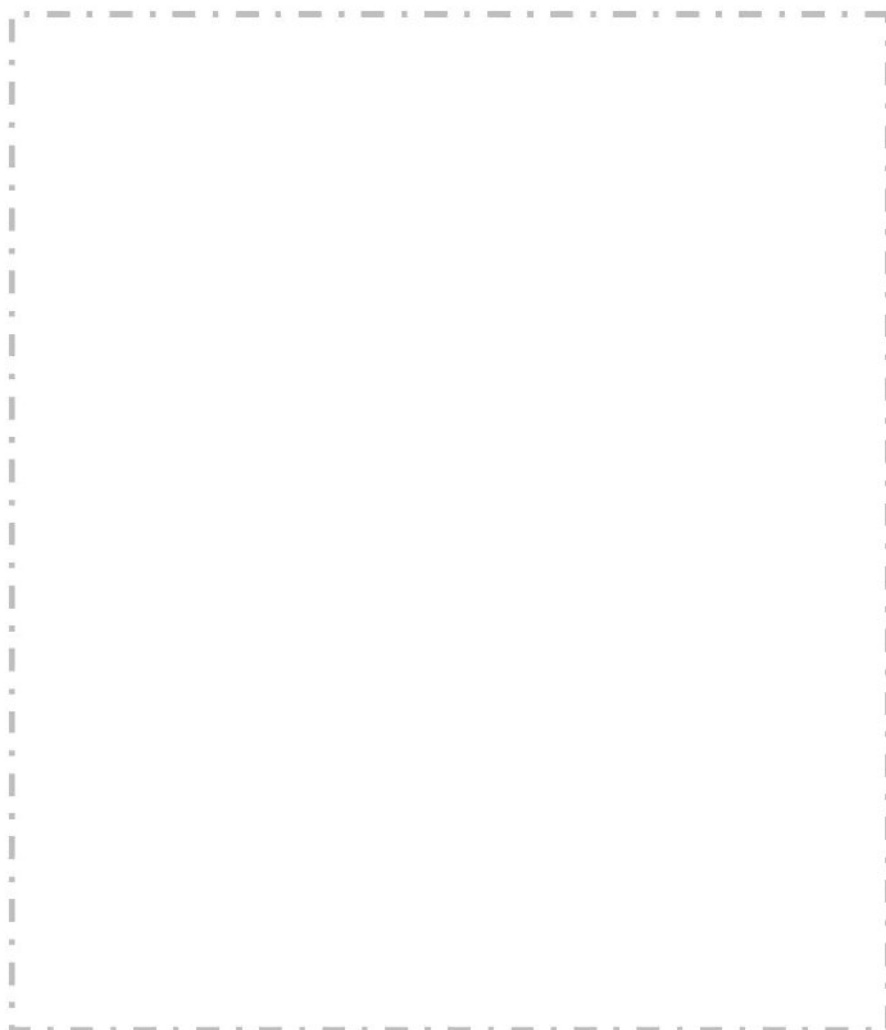
A large, empty rectangular box with a dashed border, intended for a child to draw or write their response to the question above.

Adulto





N ó s . . .



ANEXO 15

LEITURA PARA PAIS



"Deixa-me que te conte"
Os contos que me ensinaram a viver "

Damião é um rapaz curioso e inquieto, que deseja saber mais acerca de si mesmo. Esta busca leva-o a conhecer Jorge, "o gordo", um psicanalista muito invulgar que o ajuda a enfrentar a vida e a encontrar as respostas que procura através de um método muito especial: em cada sessão, conta-lhe um conto.

PRÓXIMAS SESSÕES DE LEITURA

"1 ER A DOIS"
3 aos 10 anos

2ª Actividade - **25 de Novembro de 2009**

3ª Actividade - **16 de Dezembro de 2009**

4ª Actividade - **27 de Janeiro de 2010**

5ª Actividade - **24 de Fevereiro de 2010**

6ª Actividade - **17 de Março de 2010**


7ª Actividade - **28 de Abril de 2010**



Organização:
Biblioteca Municipal de Castelo Branco
Tels: 272 340 606
Email: bmbd.cmb@gmail.com

GUIA PARA PAIS

SUGESTÕES PARA AJUDAR A FORMAR BONS LEITORES



Biblioteca Municipal de Castelo Branco



APRENDER A LER E A GOSTAR DE LIVROS

A FAMÍLIA PODE E DEVE AJUDAR.
Os momentos em que se partilham livros com crianças são muito positivos. Quanto mais cedo se começa a ler melhor. As crianças que ouvem ler e conversam sobre os livros:

- Adquirem maior vocabulário;
- Aprendem a ler muito melhor;
- Gostam mais de livros;
- Têm mais sucesso na escola.

A FAMÍLIA DEVE:

- INCLUIR OS LIVROS NO DIA-A-DIA DAS CRIANÇAS;
- TORNAR A LEITURA UMA ACTIVIDADE DIVERTIDA;
- GUARDAR ALGUNS MINUTOS PARA LER COM AS CRIANÇAS;
- VISITAR BIBLIOTECAS;
- OFERECER LIVROS ÀS CRIANÇAS.

Sugestão de leitura para crianças



"Agora não, Duarte"
De David MacKee

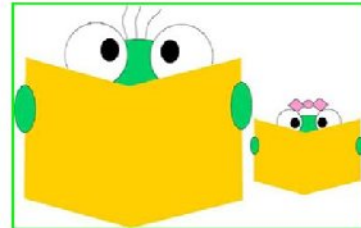
Dirigindo-se quer aos pequenos leitores, quer aos seus pais, este livro questiona a origem dos comportamentos desviantes das crianças motivados, muitas vezes, pela falta de atenção dos pais...
A brevidade e a condensação da narrativa, marcada pela repetição do pequeno refrão que dá título ao livro, são completadas por ilustrações que promovem a identificação dos leitores com o universo criado mas, ao mesmo tempo, sugerem o cômico pelo carácter insólito e até ao absurdo das situações que apresentam.

Sugestões de Leitura para Pai e Filhos



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



HORA DO CONTO:
"A que sabe a lua"
de
Michael Grejniec

28 de Outubro de 2009 -18 Horas

Inscriva-se e

apareça com o seu filho, neto ...

INSCRIÇÕES:

BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia
28 de Outubro de 2009

A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de divulgação

Preenchimento das Cadernetas

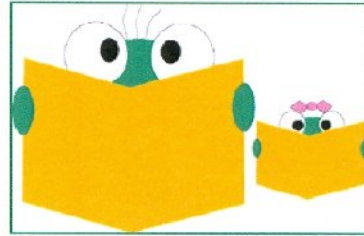


Leitura da História

Caderneta da Carlota



"LER A DOIS"



Data da Actividade

28/10/2009

Quem estere comigo...

1

Nome

Maria Emilia Santos Pina

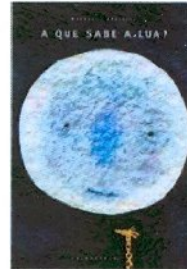
Parentesco

prima





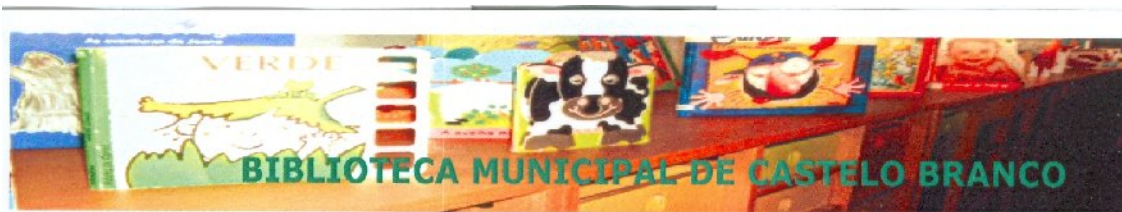
28 de Outubro de 2009



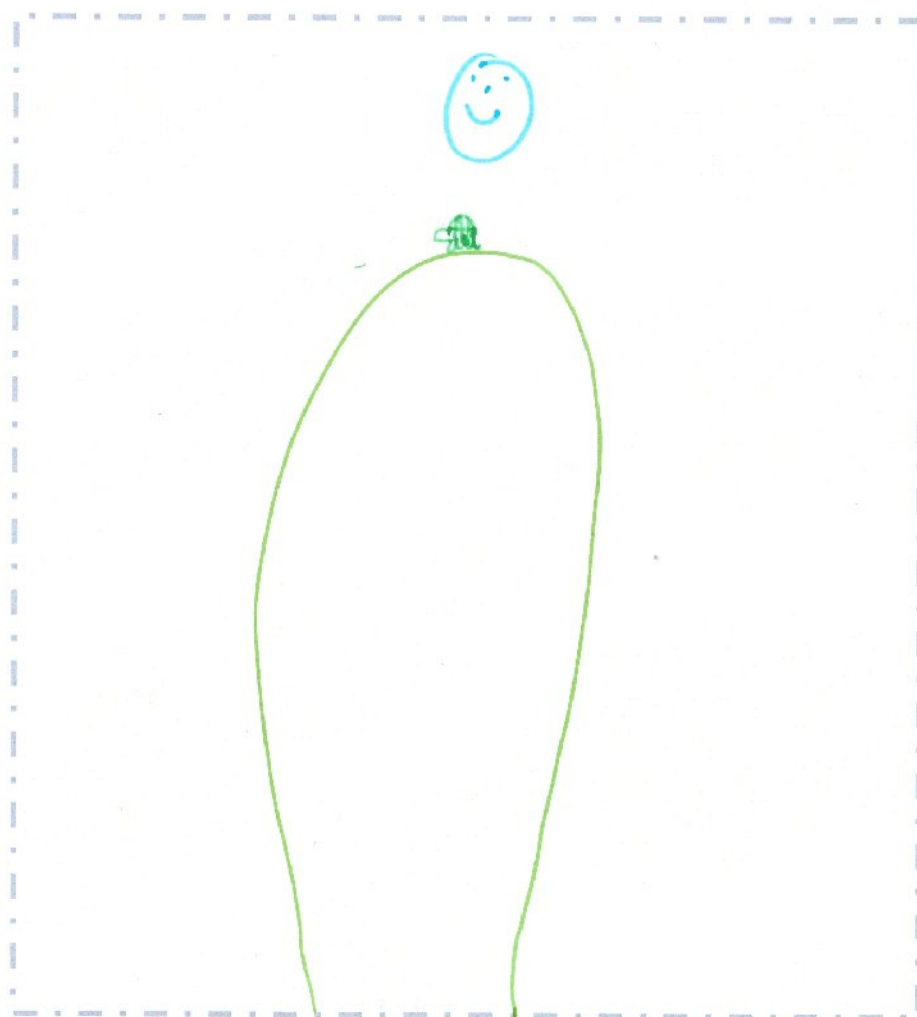
QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?
<i>A que sabe a lua</i>
QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?
<i>Michael Grimm</i>
QUAL A EDITORA?
<i>Kalandraka</i>
RESUMO DA HISTÓRIA:
<i>A tartaruga queria saber a que sabia a lua então pediu ajuda a vários animais (elefante, girafa, zebra, leão, raposa, macaco e rato). O rato deu uma dentada na lua e ela soube-lhe ao que ele mais gostava.</i>

2





o que eu mais gostei na história...



3

Criança





© que eu mais gostei na história...

A estrepada.

4

Adulto

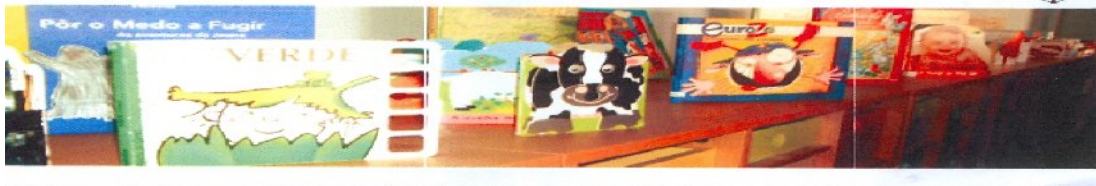




N ó s . . .



5



Inquérito entregue no final de cada sessão

Biblioteca Municipal de Castelo Branco

INQUÉRITO

Nome: _____

Habilitações Académicas: _____

Profissão: _____

Contacto: _____

1. O que achou da acção actividade da Hora do conto?

(Assinale com X)

Insuficiente

Razoável

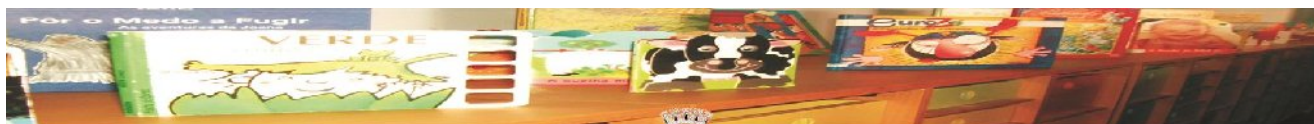
Bom

Muito bom

2. Dê-nos as suas sugestões sobre outros aspectos que gostaria de ver trabalhados ou melhorados:

Obrigado pela
Vossa participação.

Certificado de participação entregue no final de cada sessão



Certificado de Participação

Certifica-se que _____,
participou com o(a) _____, na Hora
do Conto "A que sabe a lua", de Michael Grejniec, organizada pela Biblioteca Municipal
de Castelo Branco.

Castelo Branco, 28 de Outubro de 2009

A Vereadora a tempo inteiro,

Cristina Granada

Dra. Cristina Granada

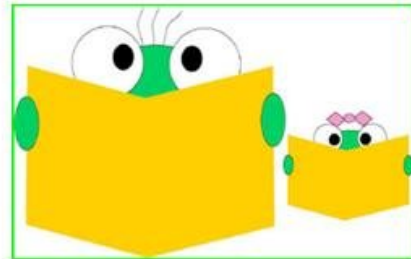


ANEXO 18



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



HORA DO CONTO:
"O Pinto Careca"
de Marisa Nuñez

25 de Novembro de 2009 -18 Horas

Inscriva-se e

apareça com o seu filho, neto ...
(3 aos 10 anos)

INSCRIÇÕES:

BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia
25 de Novembro de 2009

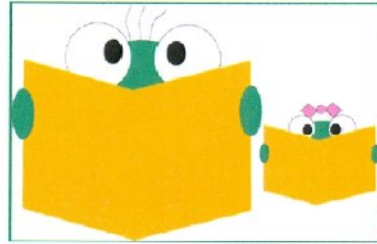
A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de divulgação



"LER A DOIS"



Data da Actividade 25 de Novembro de 2009

Quem esteve comigo...

Nome Carla Jorge

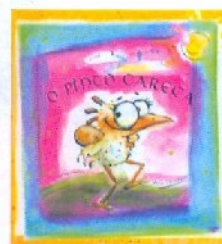
Parentesco Pai



Caderneta da Matilde



25 de Novembro de 2009



QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?

O Pinto Careca

QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?

Mariana Nuno

QUAL A EDITORA?

Kalandraka

RESUMO DA HISTÓRIA:

É a história do Pinto Careca





O que eu mais gostei na história...

O que eu mais gostei de parte em que o príncipe
enfalou o promiseiro.



MATILDE

Criança





o que eu mais gostei na história...

Da história no geral e das
ilustrações.

Adulto

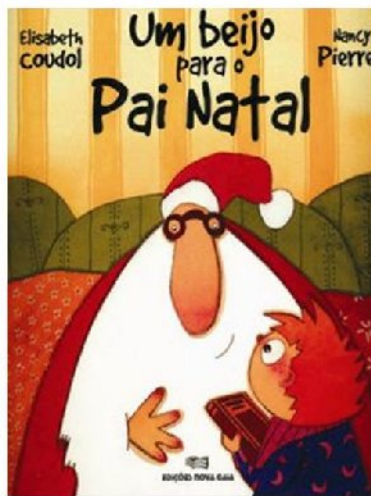
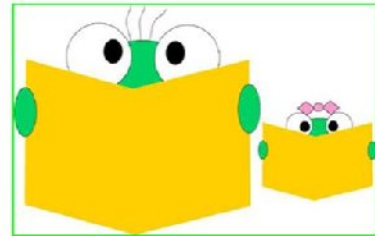






BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



**HORA DO CONTO:
"Um beijo ao Pai Natal"
de Elisabeth Coudol**

16 de Dezembro de 2009 -18 Horas

Inscriva-se e

**apareça com o seu filho, neto ...
(3 aos 10 anos)**

INSCRIÇÕES:

BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia
16 de Dezembro de 2009

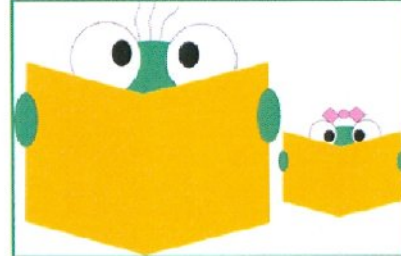
A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de Divulgação



"LER A DOIS"



Data da Actividade 16-12-2009

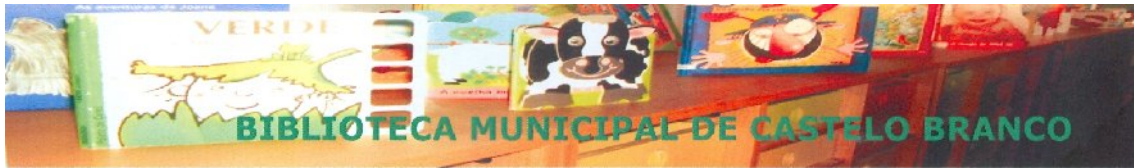
Quem esteve comigo...

Nome PAULO NUNES

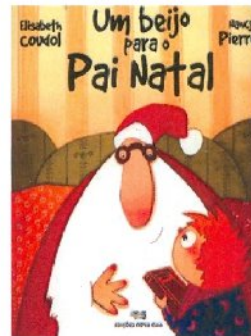
Parentesco PAI



Caderneta da Eduarda



16 de Dezembro de 2009



QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?

UM BEIJO PARA O PAI NATAL

QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?

Elisabeth COUDOL
e
NANCY PIERRET

QUAL A EDITORA?

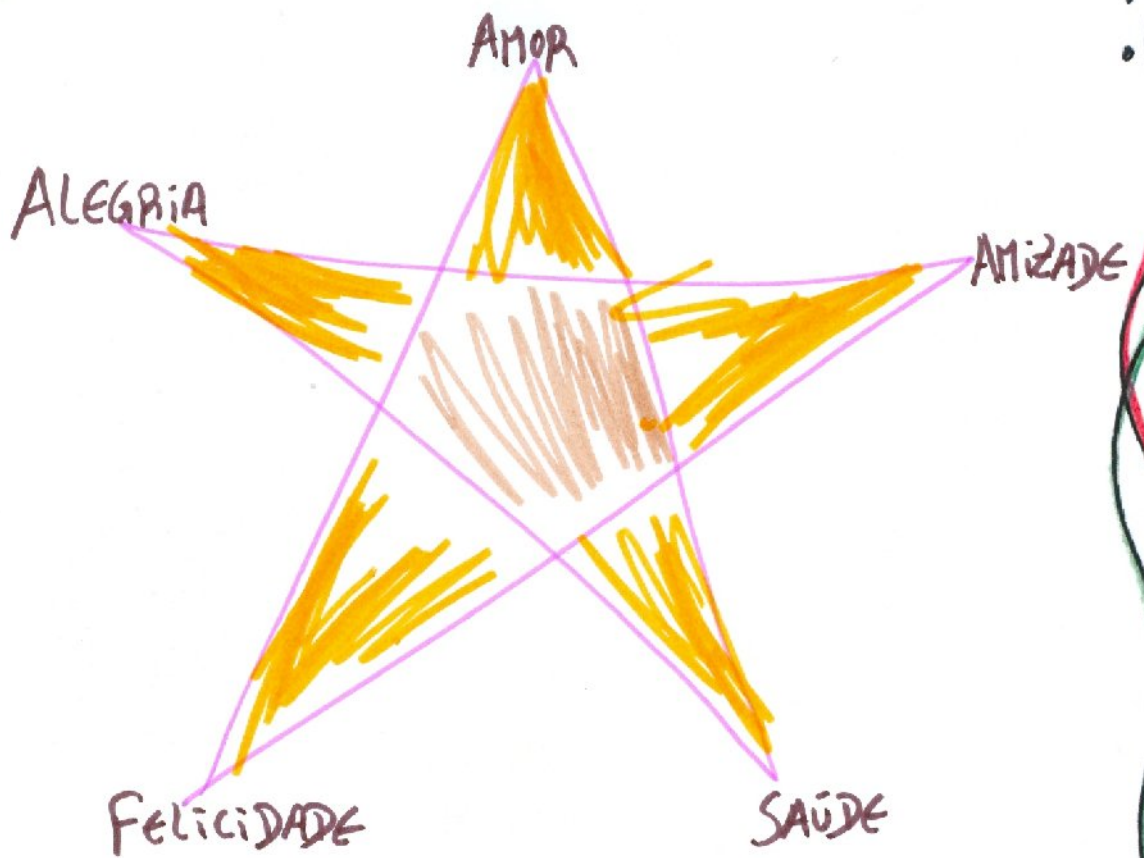
EDIÇÕES NOVA GATA







O QUE EU MAIS QUERO NESTE NATAL...



ADULTO



Elaboração da Carta para o Pai Natal

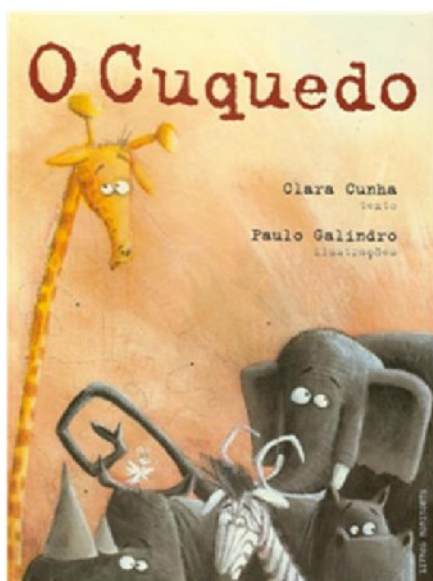
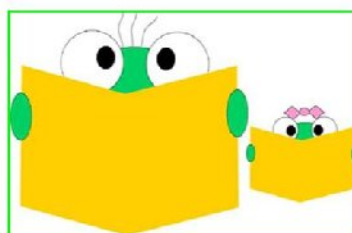


Elaboração da Carta para o Pai Natal



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



**HORA DO CONTO:
"O Cuquedo"
de Clara Cunha**

27 de Janeiro de 2010 - 18 Horas

Inscriva-se e

**apareça com o seu filho, neto ...
(3 aos 10 anos)**

INSCRIÇÕES:

BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia
27 de Janeiro de 2010

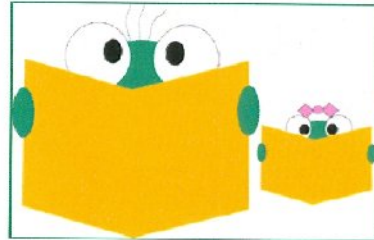
A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de divulgação



"LER A DOIS"



Data da Actividade

27 Janeiro 2010

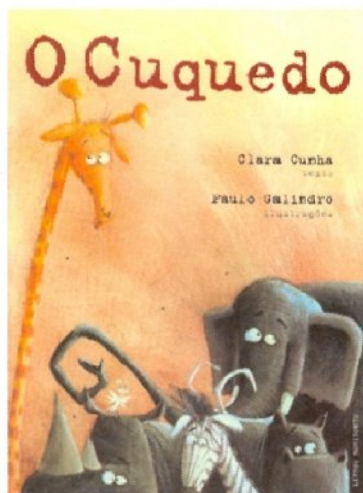
Quem estere comigo...

Nome Mariana Fernandes Pereira

Parentesco Mãe



Caderneta do Pedro



27 de Janeiro de 2010

QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?

"O Cuquedo"

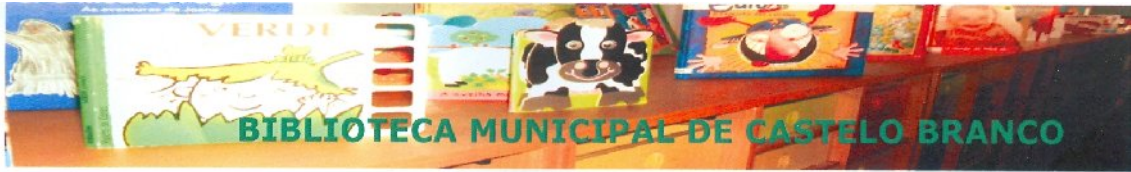
QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?

Clara Cunha

QUAL A EDITORA?

Livros Horizonte





O Nosso Cuquedo...



PEDRA



nozeeta





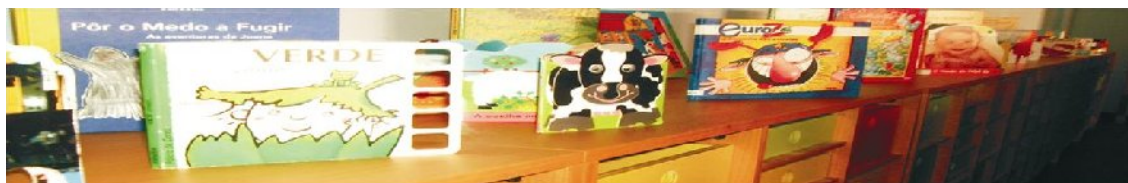
Nós...



Leitura da história

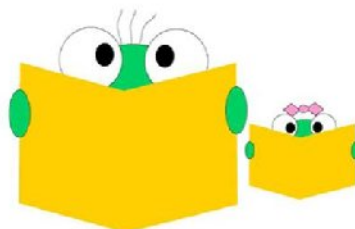


Preenchimento da caderneta



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



HORA DO CONTO:
"Não faças isso
Rita Salpico"
de Cressida Cowell

24 de Fevereiro de 2010 -18 Horas

Neste "Ler a Dois" vamos também aprender

a LER COM OS DEDOS...em BRAILLE!!!

INSCRIÇÕES:

Destinatários: crianças dos 3 aos 10 anos

BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia 24 de Fevereiro de 2010

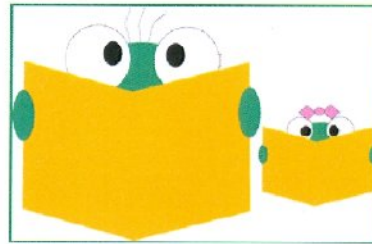
A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de divulgação



"LER A DOIS"



Data da Actividade

24/2/2010

Quem esteve comigo...

Nome FILIPPE PRATA

Parentesco PAI



Caderneta do Guilherme



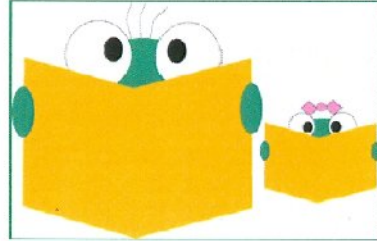
24 de fevereiro de 2010

QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?
NÃO FAÇAS ISSO, RITA SALPICO!
QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?
CRESSIDA COWELL
QUAL A EDITORA?
LIVROS HORIZONTES



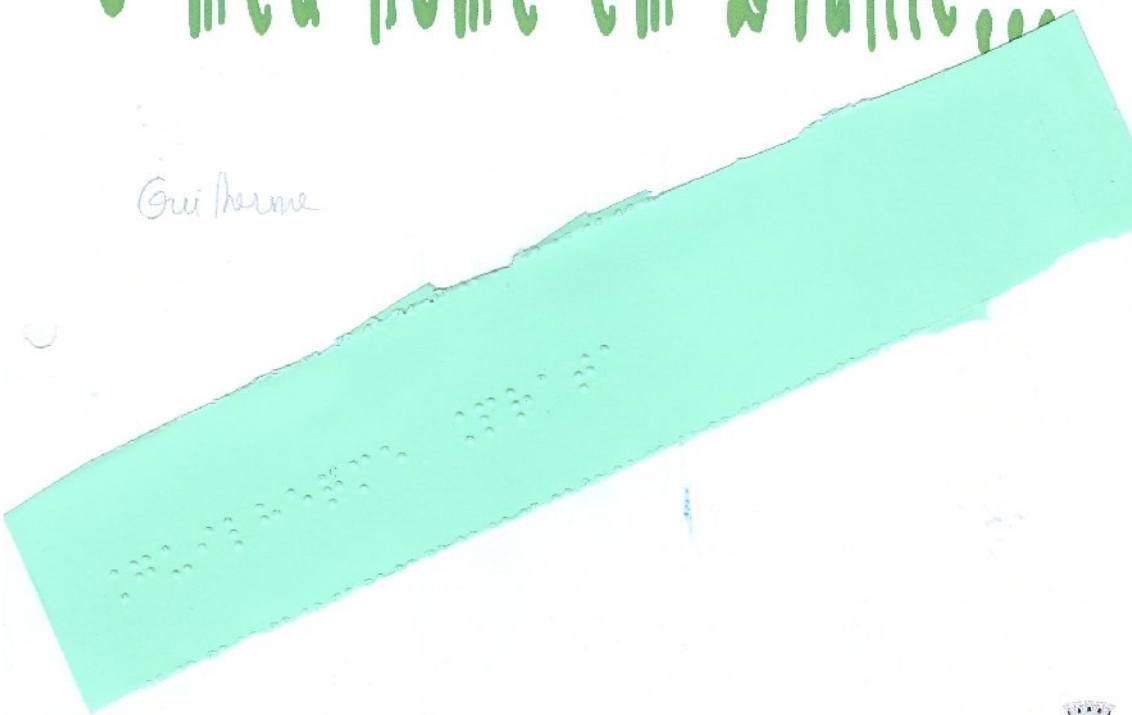


"LER A DOIS"



O meu nome em Braille...

Guiherme





N ó s . . .



Explicação do que é o Braille



Leitura da história

Escrever o nome em Braille

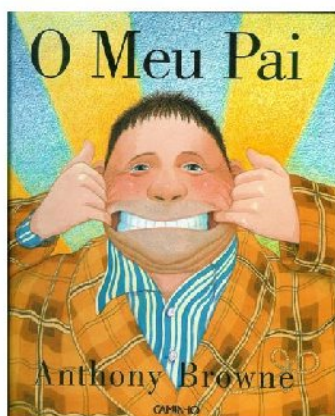
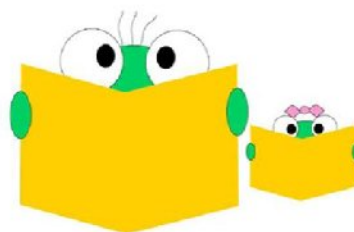


ANEXO 22



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



**HORA DO CONTO:
"O MEU PAI"
de Anthony Browne**

17 de Março de 2010 -18 Horas

**Vamos também fazer uma lembrança
para o nosso pai....**

INSCRIÇÕES:

Destinatários: crianças dos 3 aos 10 anos

BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia 17 de Março de 2010

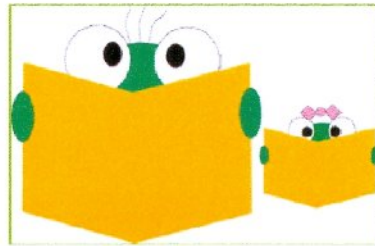
A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de divulgação



"LER A DOIS"



Data da Actividade 17/03/2010

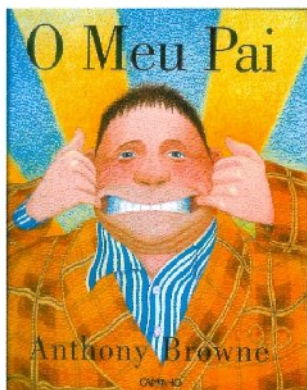
Quem esteve comigo...

Nome Gregória Peato

Parentesco Mãe



Caderneta da Mariana



17 de Março de 2010

QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA?
"O meu pai"
QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA?
Anthony Browne
QUAL A EDITORA?
Caminho





Nós...



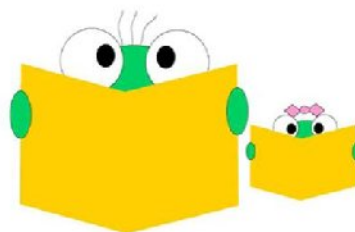


Elaboração da Prenda para o Pai



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

"LER A DOIS"



HORA DO CONTO:
"Adivinha Quanto Eu Gosto de Ti"
de Sam McBratney

28 de Abril de 2010 - 18 Horas

**Vamos também fazer uma lembrança
para a nossa mãe....**

INSCRIÇÕES:

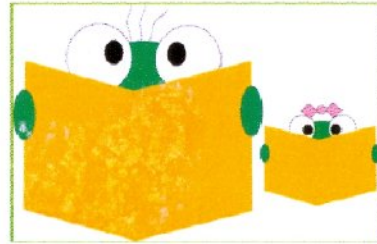
Destinatários: crianças dos 3 aos 10 anos
BALCÃO PRINCIPAL até às 17h30 do dia 28 de Abril de 2010
A acção decorre com um número mínimo de 5 crianças e 5 adultos.



Cartaz de divulgação



"LER A DOIS"



Data da Actividade 28 de Abril

Quem esteve comigo...

Nome Filipa Alexandra Fernandes Teixeira

Parentesco Mãe



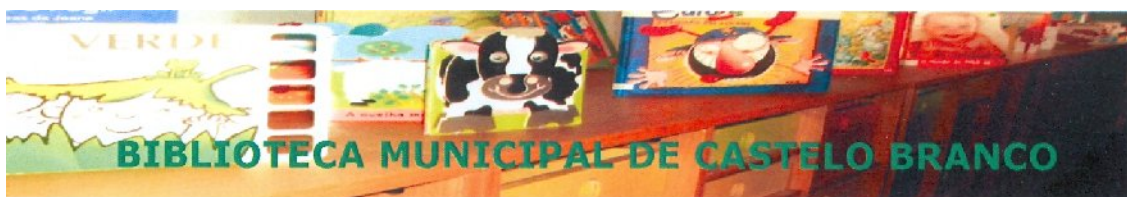
Caderneta do Rodrigo



28 de Abril de 2010

QUAL O TÍTULO DA HISTÓRIA? Adivinho quanto gosto do Ti
QUEM ESCREVEU A HISTÓRIA? Sam McBratney
QUAL A EDITORA? Caminho





Nós...





Leitura da história



Elaboração da Prenda para a Mãe

Gazeta do Interior

11 de Novembro de 2009

Biblioteca quer criar comunidades de leitores entre pais e filhos

A Biblioteca Municipal de Castelo Branco lançou dois projectos para a promoção de leitura, através da criação de uma comunidade de leitores entre pais e filhos. Trata-se do projecto *Lera Dois*, que consiste na promoção da leitura das crianças entre os três e os 10 anos, acompanhadas por um adulto, fortalecendo assim, os laços familiares e simultaneamente a competência e o gosto pela leitura.

Pretende-se também a habituação de requisição de livros, de modo a criar um momento de leitura em casa, criar novos leitores e aproximar a biblioteca, bem como todos os seus serviços desta população-alvo.

Este projecto realiza-se na última quarta-feira de cada mês, às 18 horas, na sala da Hora do Conto da Biblioteca Municipal de Castelo Branco.

As próximas actividades realizam-se a 25 de Novembro,



O projecto consiste em promover a leitura das crianças entre os três e os 10 anos

16 de Dezembro, 27 de Janeiro, 24 de Fevereiro, 17 de Março e 28 de Abril.

Um outro projecto denomina-se *Histórias com colo: ver... ler... ouvir... e sentir* destinado a bebés dos quatro aos 36 meses.

O projecto pretende promover a aquisição de capacidades linguísticas, através dos sons e ritmos das histórias contadas e encenadas. Esta actividade decorre na primeira quarta-feira de cada mês, na sala da Hora do

Conto, às 18 horas, com um número máximo de 15 crianças.

No passado dia 4 realizou-se a primeira sessão, seguindo-se os dias 2 de Dezembro, 6 de Janeiro, 3 de Fevereiro e 7 de Março.

Reconquista

12 de Novembro de 2009

Dois projectos

Biblioteca quer mais leitores

A Biblioteca Municipal de Castelo Branco quer implementar uma comunidade de leitores, entre pais e filhos. Neste sentido, acaba de lançar dois projectos para a promoção de leitura.

Um deles, o projecto “Ler a Dois” consiste na promoção da leitura das crianças entre os 3 e os 10 anos, acompanhadas por um adulto, fortalecendo assim, os laços familiares e simultaneamente a competência e o gosto pela leitura, como refere nota enviada pelos serviços da Biblioteca.

Acrescenta a mesma nota que “os objectivos passam pela envolvência dos pais e das crianças em actividades de leitura conjunta, promovendo e estimulando esse gosto ao mesmo tempo que se criam mediadores de leitura, os próprios pais.



Papás e filhotes convivem com leitura

Outra das intenções passa por criar hábitos de requisição de livros, para que possa nascer um momento de leitura em casa. Deste modo, criam-se novos leitores e aproxima-se a biblioteca, bem como todos os seus serviços junto da população-alvo.

Este projecto realiza-se na última quarta-feira de cada mês, às 18H00, na sala da Hora do Conto, da Biblioteca Municipal de Castelo Branco. As próximas actividades realizam-se a 25 de Novembro, 16 de Dezembro, 27 de Janeiro, 24 de Fevereiro, 17 de Março e 28 de Abril.

“Histórias com colorido... ler... ouvir... e sentir” é o outro projecto, que se destina a bebés entre os quatro e os 36 meses. A ideia é promover a aquisição de capacidades linguísticas através dos sons e ritmos das histórias contadas e encenadas.

Sdeguno a nota enviada este “é um momento muito reconfortante para os bebés, permitindo assim, uma ligação entre pais e os filhos, através da leitura e outras actividades pedagógicas”.

Esta actividade decorre na primeira quarta-feira de cada mês, na sala da Hora do Conto, às 18H00, com um número máximo de 15 crianças.

Depois da primeira sessão que decorreu nmo passado dia 4 de Novembro, seguem-se outras, nos dias 2 de Dezembro, 6 de Janeiro, 3 de Fevereiro e 7 de Março.

Gazeta do Interior

02 de Dezembro de 2009

Pais e filhos invadem a Biblioteca

A Biblioteca de Castelo Branco recebeu uma das maiores enchentes de sempre de miúdos e graúdos, às 18 horas, para mais uma sessão do projecto *Ler a Dois*, desta vez dedicado à história do Pinto Careca.

Cerca de 20 crianças acompanhadas por pais ou avós, ouviram a história deste pinto muito especial e preencheram a caderneta *As minhas leituras*, onde puderam expressar através

de desenhos ou da escrita o que mais gostaram da história.

Esta é uma acção vocacionada para a formação de uma comunidade de leitores entre pais e filhos, dos três aos 10 anos, visando a promoção da leitura e ao mesmo tempo fortalecer os laços familiares.

A próxima actividade terá lugar no dia 16 de Dezembro, às 18 horas, na sala da Hora do Conto.



O gosto pela leitura está a crescer

Reconquista

03 de Dezembro de 2009

Na biblioteca

Pais e filhos leem juntos

O projecto “Ler a Dois” reuniu, mais uma vez pais e filhos na Biblioteca de Castelo Branco. Desta vez a história em destaque foi a do Pinto Careca.

Cerca de 20 crianças acompanhadas por pais ou avós, ouviram a história deste pinto muito especial e preencheram a caderneta “As minhas leituras”, onde puderam expressar através de desenhos ou da escrita o que

mais gostaram da história.

Esta é uma acção vocacionada para a formação de uma comunidade leitores entre pais e filhos, dos 3 aos 10 anos, segundo refere nota enviada pela Biblioteca. A ideia é promover a leitura da leitura e ao mesmo tempo fortalecer os laços familiares. A próxima actividade terá lugar no dia 16 de Dezembro, às 18H00, na sala da Hora do Conto.



Pequenos e graúdos leram juntos